Agradecimentos

Este trabalho é fruto, em parte, da profissão que exerço na Câmara Municipal de Guimarães, na Divisão de Projectos e Planeamento Urbanístico e na Divisão de Sistemas de Informação Geográfica, na carreira de Geógrafo.

A minha integração na equipa de Revisão do Plano Director Municipal do Concelho de Guimarães "espicaçou" a vontade de aprofundar os meus conhecimentos sobre a existência de centralidades múltiplas em Território de Urbanização Difusa.

As Freguesias de Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo motivaram e estimularam o estudo na medida em que foram as "cobaias" da investigação.

Os meus agradecimentos são, em primeiro lugar, à Câmara Municipal de Guimarães como principal fonte de documentação utilizada no trabalho.

Às Juntas de Freguesia de Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo pela colaboração prestada na cedência de informação sobre a localidade.

Quero destacar o especial agradecimento ao meu orientador Professor Doutor Miguel Sopas de Melo Bandeira pelas preciosas orientações que me deu ao longo da elaboração da dissertação. A amizade revelada serviu de apoio nos momentos de menor inspiração e desânimo.

Agradeço a todos os meus colegas de trabalho pela colaboração prestada, directa ou indirectamente, na recolha e compilação de informação para a realização do estudo.

Agradeço, especialmente ao Jorge Soares pelo apoio em todos os trabalhos relacionados com a estatística, à Rita Salgado, à Mariana Oliveira, ao Pedro Pereira e à Raquel Pinheiro pela participação com dicas e conhecimentos vários, importantíssimos neste trabalho.

Agradeço, também ao Professor Álvaro Domingues pela amizade e pelas enriquecedoras conversas mantidas sobre a temática abordada.

Agradeço à Marta Labastida por ter sido a grande impulsionadora do término do presente estudo, encorajando-me sempre com os seus sábios conselhos.

Aos amigos, Antero, Rita, José Carlos e Miguel o meu enorme agradecimento e a minha gratidão pela amizade, pelo apoio e pelo auxilio prestados, sem os quais não teria sido possível a realização deste trabalho.

Finalmente, agradeço aos serviços de Reprografia da Universidade do Minho, na pessoa do Senhor Mendes, a paciência e profissionalismo demonstrados na parte técnica desta dissertação.

À minha "Leminha" pelo facto de existir.

RESUMO

A presente investigação tem como objecto de estudo, a Mobilidade dos Núcleos Centrais em Território de Urbanização Difusa, nas freguesias de Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo, do Concelho de Guimarães.

Trata-se de um território de grande complexidade onde abunda a multifuncionalidade de espaços. O seu estudo revelou-se pertinente para a compreensão do aparecimento de novas centralidades.

Caracterizou-se este sistema urbano pelos formatos diferenciados que o constituem, desde os pequenos aglomerados de cariz rural até às polaridades mais significativas.

Assinalaram-se os centros observados, associados às funções que oferecem, numa tentativa de concluir da sua importância na área onde se inserem. Paralelamente, aferiu-se da identificação da população com esses mesmos locais.

A diversidade de aspectos que compõem o povoamento deste território constituiu um desafio à sua interpretação, dada a sua mutação ao longo dos tempos.

RÉSUMÉ

Cette recherche a comme but l'étude de la Mobilité des Agglomérations en Territoire de Peuplement Dispersé, dans les bourgs de Lordelo, Moreira de Cónegos et Serzedelo, appartenant à la Commune de Guimarães.

Il s'agit d'un territoire d'une grande complexité où la mixité fonctionnelle des espaces fourmille. Ainsi, l'intérêt de cette recherche s'est révélé d'une énorme importance pour mieux comprendre la naissance de nouveaux centres.

Ce système urbain est caractérisé par les formats différentiels qui le constituent, dès les petites agglomérations rurales jusqu'aux noyaux les plus importants.

Pour mieux essayer de comprendre l'importance de ces centres, on a fait l'étude des fonctions qui'ils offrent, liées au domaine où ils sont placés. On a établit aussi un rapport d'identité de la population avec ces mêmes endroits.

La diversité des aspects qui composent le peuplement de ce territoire a constitué un défi à son interprétation, étant donné sa mutation au long des temps.

ÍNDICE

1 – Introdução 1
Motivação e Tema 1
2 - Objectivo temático 4
3 – Metodologia de Investigação 5
4 – O Território de Urbanização Difusa 8
4.1 – Apresentação e Enquadramento da Área de Estudo 15
4.1.1. - Enquadramento Geográfico – Caracterização Física 18
4.1.2 – Povoamento – Processos de Urbanização – Articulação entre os Espaços Rurais e Urbanos 86
4.2. – O estudo de caso – Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo 95
5 – A Dinâmica dos *Núcleos Centrais* das Três Freguesias 100
5.1.- Identificação dos Núcleos Centrais nas Três Freguesias 103
5.1.1. - Análise e tratamento estatístico dos inquéritos efectuados às populações das freguesias de Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo 115
6 – Planeamento, Ordenamento do Território e Politicas de Ordenamento Urbanas Municipais (últimos 30 anos) 139
6.1. - O Planeamento em Guimarães - Breve Apontamento Histórico: 140
7 – Considerações finais 143
8 - Bibliografia 145

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Tamanho e Erro da Amostra 6
Quadro 2 – População Residente 37
Quadro 3 - Densidade Populacional 38
Quadro 4 - Taxa de Crescimento Natural, Taxa de Natalidade e Taxa de Mortalidade (2001) 39
Quadro 5 - Crescimento Natural e Saldo Migratório (1991/2001) 39
Quadro 6 - Entidade Espacial: Guimarães 40
Quadro 7 - Variação Estrutura Etária (1991/2001) 41
Quadro 8 - Número de Famílias Clássicas e Número Médio de Pessoas/Família (1991/2001) 42
Quadro 9 - Variação da população no concelho de Guimarães de 1991 para 2001 45
Quadro 10 -Taxa de Natalidade e Taxa de Mortalidade 55
Quadro 11 - Índices de Dependência Jovem e Idosa no Concelho de Guimarães (‰) 55
Quadro 12 - Índice de Envelhecimento em 1981,1991 e 2001 56
Quadro 13 - Distribuição da População Estudantil Segundo o Nível de Instrução 59
Quadro 14 - Distribuição da População Residente Segundo Grupo Etário/Nível de Instrução 61
Quadro 15 - Taxa de Analfabetismo - 1991/2002 62
Quadro 16 – Variação da População Residente Economicamente Activa (1991 e 2001) 71
Quadro 17 – Sectores de Actividade, Taxa de Actividade e Taxa de Desemprego (1991 e 2001) 72
Quadro 18 - Estrutura de Emprego Concelhio 74
Quadro 19 - Dinâmica Urbana – (1991/2001) 93
Quadro 20 - Amostra - Tamanho e Erro 115
Quadro 21 - Distribuição da Amostra Segundo a Idade 116
Quadro 22 - Freguesia de Lordelo - Idade - Estatísticas Descritivas: 116
Quadro 23 - Distribuição da Amostra Segundo a Idade 117
Quadro 24 - Freguesia de Moreira de Cónegos - Idade - Estatísticas Descritivas 117
Quadro 25 - Distribuição da Amostra Segundo a Idade 118
Quadro 26 - Freguesia de Serzedelo - Idade - Estatística Descritiva 119
Quadro 27 - Distribuição da Amostra Segundo o Sexo 119
Quadro 28 - Distribuição da Amostra Segundo o Sexo 120
Quadro 29 - Distribuição da Amostra Segundo o Sexo 121
Quadro 30 - Distribuição da Amostra Segundo o Nível de Instrução 122
Quadro 31 - Distribuição da Amostra Segundo o Nível de Instrução 123

Quadro 32 - Distribuição da Amostra Segundo o Nível de Instrução 124
Quadro 33 - Distribuição da Amostra Segundo a Naturalidade 125
Quadro 34 - Distribuição da Amostra Segundo a Naturalidade 125
Quadro 35 - Distribuição da Amostra Segundo a Naturalidade 126
Quadro 36 - Respostas Sobre a Localização do Centro - Lordelo 127
Quadro 37 - Fundamentação da Resposta Anterior 127
Quadro 38 - Respostas Sobre a Localização do Centro - Moreira de Cónegos 128
Quadro 39 - Fundamentação da Resposta Anterior 128
Quadro 40 - Respostas Sobre a Localização do Centro – Serzedelo 129
Quadro 41 - Fundamentação à Resposta Anterior 129
Quadro 42 - Respostas à Segunda Questão – Lordelo 130
Quadro 43 - Respostas Alternativas à Anterior 130
Quadro 44 - Respostas à Segunda Questão - Moreira de Cónegos 131
Quadro 45 - Respostas Alternativas à Anterior 131
Quadro 46 - Respostas à Segunda Questão – Serzedelo 131
Quadro 47 - Respostas Alternativas à Anterior 132
Quadro 48 - Respostas às Nossas Hipóteses - Lordelo 132
Quadro 49 - Respostas às Nossas Hipóteses - Moreira de Cónegos 133
Quadro 50 - Respostas às Nossas Hipóteses – Serzedelo 134
Quadro 51 - Resposta à Quarta Questão – Lordelo 134
Quadro 52 - Respostas à Quarta Questão - Moreira de Cónegos 135
Quadro 53 - Respostas à Quarta Questão – Serzedelo 135
Quadro 54 - Síntese dos Centros 137
Quadro 55 - Evolução das Figuras de Plano de Ordenamento Concelhio 139

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Enquadramento do Concelho de Guimarães 15
Figura 2 - Vale do Ave 16
Figura 3 - Concelho de Guimarães – Freguesias em Estudo 17
Figura 4 - Mapa Hipsométrico 19
Figura 5 - Mapa de Declives 21
Figura 6 - Mapa das Exposições 23
Figura 7 - Mapa da Floresta 30
Figura 8 - Mapa Hidrológico 32
Figura 9 - Rede Viária 36
Figura 10 - População Residente do Concelho de Guimarães (2001) 43
Figura 11 - Taxa de Variação da População Residente por Freguesia 1991/2001 44
Figura 12 - Densidade Populacional do Concelho de Guimarães, em 2001 46
Figura 13 - Pirâmide Etária do Concelho de Guimarães (1991/2001) 47
Figura 14 – Pirâmide Etária Sobreposta do Concelho de Guimarães (1991/2001) 47
Figura 15 - Pirâmide Etária - Lordelo 48
Figura 16 - Pirâmide Etária - Moreira de Cónegos 48
Figura 17 - Pirâmide Etária – Serzedelo 48
Figura 18 – Grupo Etário - 0 -14 anos (2001) 49
Figura 19 - Grupo Etário - 15 – 24 anos (2001) 50
Figura 20 - Grupo Etário - 25 - 64 anos (2001) 51
Figura 21 - Grupo Etário - 65 e + anos (2001) 52
Figura 22 - Índice de Envelhecimento, Índice de Dependência de Idosos e Índice de Dependência de Jovens 58
Figura 23 - Abandono Escolar no Continente, 2001 60
Figura 24 - Distribuição da População Segundo o Nível de Instrução 63
Figura 25 - População Residente por Freguesias no Total do Concelho (1991) 64
Figura 26 - População Residente por Freguesias no Total do Concelho (2001) 65
Figura 27 – Área de Construção Prevista em PDM em Relação à Área Total da Freguesia 67
Figura 28 - Reserva Ecológica Nacional do Concelho de Guimarães 68
Figura 29 - Reserva Agrícola Nacional do Concelho de Guimarães 69
Figura 30 - Espaço Não Urbanizável do Concelho de Guimarães 70

Figura 31 - Áreas Industriais - Maior Peso da Pop. Activa nos Sect. de Actividade (2001) 75
Figura 32 - Dinâmica das Actividades Produtivas - Últimos 10Anos 78
Figura 33 – Equipamentos Existentes no Concelho de Guimarães 80
Figura 34 - Equipamentos Existentes na Freguesia de Lordelo 83
Figura 35 - Equipamentos Existentes na Freguesia de Moreira de Cónegos 84
Figura 36 - Equipamentos Existentes na Freguesia de Serzedelo 85
Figura 37 - Estrutura do Povoamento (Área Urbanizada e Área Não Urbanizável) 87
Figura 38 - Evolução da Dinâmica Urbana num Aglomerado - Vila das Taipas 89
Figura 39 - Evolução da Dinâmica Urbana numa Área de "Ocupação Dispersa/Densa - Moreira de Cónegos 90
Figura 40 - Hierarquia dos Aglomerados 92
Figura 41 - Manchas do Povoamento nas Freguesias de Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo -
Figura 42 - O Povoamento na Freguesia de Lordelo – Núcleos Geradores de Mobilidade 107
Figura 43 - O Povoamento na Freguesia de Moreira de Cónegos - Núcleos Geradores de Mobilidade 111
Figura 44 - O Povoamento na Freguesia de Serzedelo - Núcleos Geradores de Mobilidade 114

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Temperatura....27
Gráfico 2 – Precipitação....27
Gráfico 3 - Humidade....28
Gráfico 4 - Nevoeiro....28
Gráfico 5 – Nebulosidade....28
Gráfico 6 - Evolução das Densidades Populacionais, por Unidade Territorial, de 1960/2001....38
Gráfico 7 - Evolução dos Grupos Etários, 1981, 1991 e 2001....53
Gráfico 8 - Índice de Envelhecimento 1981, 1991 e 2001....57
Gráfico 9 - Distribuição Gráfica da Amostra Segundo a Idade....116
Gráfico 10 - Distribuição Gráfica da Amostra Segundo a Idade....118
Gráfico 11 - Distribuição Gráfica da Amostra Segundo a Idade....119
Gráfico 12 - Distribuição Gráfica Segundo o Sexo....120
Gráfico 13 - Distribuição Gráfica da Amostra Segundo o Sexo....120
Gráfico 14- Distribuição Gráfica da Amostra Segundo o Sexo....121
Gráfico 15 - Distribuição Gráfica da Amostra Segundo o Nível de Instrução....122
Gráfico 16 - Distribuição Gráfica da Amostra Segundo o Nível de Instrução....123
Gráfico 17 - Distribuição Gráfica da Amostra Segundo o Nível de Instrução....124
Gráfico 18 - Distribuição Gráfica da Amostra Segundo a Naturalidade....125
Gráfico 19 - Distribuição Gráfica da Amostra Segundo a Naturalidade....126
Gráfico 20 - Distribuição Gráfica da Amostra Segundo a Naturalidade....126

1 – Introdução

Motivação e Tema

O modelo difuso parece, por si só, um modelo de abordagens inesgotáveis. Assim, considera-se oportuna a procura de novas definições e abordagens que reflictam sobre o modelo referido, uma vez que, as preocupações e perguntas sem resposta imediata e objectiva, ainda são bastante relevantes.

"A Mobilidade dos Núcleos Centrais em Território de Urbanização Difusa" é o objecto de estudo e surge numa tentativa de clarificar problemáticas emergentes colocadas pelo extensivo urbano.

No Vale do Ave, região onde se insere este estudo, à semelhança do urbano contemporâneo, não existe aqui um "modelo-tipo" de intervenção, na medida em que não existem "modelos-receita" para um sucesso garantido nas conclusões analíticas. A diversidade de aspectos que compõe a paisagem do difuso, constitui um desafio constante à sua interpretação. A uma micro escala, a análise de *núcleos* de concentrações várias poderá contribuir para uma melhor compreensão da lógica do seu aparecimento e comportamento num determinado período de tempo, permitindo, também, aferir da sua morfologia no território difuso.

Para a escolha do tema "A Mobilidade dos Núcleos Centrais em Território de Urbanização Difusa" contribuiu, ainda a minha formação académica em Geografia e Planeamento e exercer a profissão de Técnica Superior da carreira de Geógrafo, na Câmara Municipal de Guimarães. Outro factor determinante prendeu-se com o início de revisão do Plano Director Municipal (PDM) do Concelho de Guimarães, deliberação tomada em reunião do Executivo Camarário a 04 de Julho de 2002. Foi constituída uma equipa técnica, da qual faço parte, para levar a cabo os trabalhos relativos ao referido Plano. O planeamento de um concelho de urbanização difusa afigurou-se, desde logo, um grade desafio para toda a equipa. As várias questões que têm sido levantadas pelos técnicos, as tentativas de as solucionar e as diferentes perspectivas iniciais que, interdisciplinarmente, tendem a culminar num consenso geral, espicaçaram a minha curiosidade em matéria de planeamento e ordenamento concelhio. As reuniões de trabalho sobre a revisão do planeamento concelhio no intuito de corrigir supostos erros existentes no Plano Director Municipal (PDM) em funcionamento desde 1994, têm sido, para mim, de grande enriquecimento profissional e pessoal e, principalmente, motivantes para o desenvolvimento de um trabalho desta natureza. Os arquitectos internos (quadro da Câmara Municipal de Guimarães) têm como missão a classificação dos usos do solo, *zonamento*, em diferentes categorias, alargando umas e reduzindo outras de forma a consolidar áreas até então omissas, ou não muito adequadas ao actual uso. O aparecimento de alguns novos dossiers obrigatórios neste novo Plano, designadamente o da Estrutura

Ecológica, a Carta do Ruído e a Carta Educativa, trouxeram à discussão uma reformulação de todo o território concelhio através de uma nova visão e, consequente reestruturação do planeamento municipal.

A assessoria externa, com larga experiência tem participado na maioria das reuniões de carácter mais decisivo. Integram-na, o Professor Arquitecto Nuno Portas, o Professor Doutor Álvaro Domingues, Geógrafo, o Professor Engenheiro António Babo e a Arquitecta Marta Labastida. A equipa interna, interdisciplinar, é constituída pelos arquitectos Paulo Castelo Branco, Filipe Fontes e Filipe Vilas Boas que trabalham *o Zonamento* de todo o território municipal e pelas Geógrafas, Mariana Oliveira, responsável pela caracterização física e ambiental, trabalhando as áreas de condicionantes, designadamente a Reserva Ecológica Nacional, a Reserva Agrícola Nacional e a Estrutura Ecológica, sendo coadjuvada pela Arquitecta Paisagista Rita Salgado, responsável pelos espaços verdes, públicos e privados; Raquel Pinheiro e eu própria, responsáveis pela elaboração da Carta Educativa, estudos socio-económicos, demográficos, mobilidades e equipamentos. A equipa responsável pelo levantamento, classificação e inventariação exaustiva do património existente por todo o concelho, é constituída pelas arquitectas, Rosa Maria Ferreira e Teresa Costa. Há ainda desenhadores que integram a equipa, cooperando e auxiliando directamente, José Albino Costa, Paulo d'Almeida e Sérgio Castro. A colaboração e integração na equipa de estagiários nas diversas áreas, arquitectos e outros, reveste-se de muita importância, não só ao nível do trabalho produzido, mas também pela sua disponibilidade, empenho e dedicação.

Ao longo do tempo fui registando as opiniões expressas pelos mais experientes e mais conhecedores do Concelho, nomeadamente assessores e técnicos que já haviam participado na elaboração do Plano Director Municipal ainda em vigor. Não menos importantes foram as sessões públicas de auscultação das populações, realizadas em 2003. Políticos, assessoria e técnicos da Autarquia deslocaram-se inicialmente a todas as Vilas e, posteriormente, às restantes freguesias, tendo-se preparado um conjunto de informações de acordo com o levantamento elaborado acerca de cada uma delas. Essas informações consistiam no diagnóstico de um período de dez anos, de 1994 a 2004, tornando-se uma espécie de avaliação do primeiro Plano Director Municipal, ainda vigente. A população de cada freguesia era convocada para assistir á apresentação e explicação técnica, seguindo-se um debate onde se registavam as preocupações do Presidente da Junta e dos particulares. Esta fase inicial da revisão do Plano Director Municipal de 1994 revelou-se fundamental para o arranque dos trabalhos do novo Plano.

Das inquietações manifestadas por parte das Juntas de Freguesia e por um elevado número de habitantes presentes nas reuniões referidas, salienta-se a de ausência de um *Centro* ou a constatação da existência de vários, muitas vezes não reconhecidos por todos.

Esta e outras preocupações foram amplamente discutidas apontando-se algumas sugestões, na maioria dos casos nada consensuais. As inquietações foram registadas para, posteriormente, serem analisadas e aferidas tecnicamente. Como se trata de um território de urbanização difusa, de povoamento disperso, novas pequenas *centralidades* emergem. Discutidas em várias reuniões de trabalho na Câmara Municipal de Guimarães, na Divisão de Projectos e Planeamento Urbanístico, pela assessoria e pelos técnicos afectos a essas localidades, salientam-se agora as freguesias mais problemáticas na questão de identificação e definição de *centro*: Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo. Os critérios dividem-se; Nuno Portas e Álvaro Domingues destacam-se assumindo a urbanização difusa da qual resulta, na maioria dos casos a existência de várias centralidades, o que, segundo dizem não é um fenómeno isolado nem exclusivo deste concelho.

Assim, na opinião dos urbanistas citados, esse aspecto em nada condiciona o planeamento e a gestão territorial do Concelho. Têm-no presente e dizem tratar-se mais de um enriquecimento urbanístico do que um entrave ao desenvolvimento das localidades. Nada de novo, acrescentam; integra o povoamento disperso e deve ser encarado como tal.

Esta opinião é contraposta, em parte, por mim e pelo arquitecto Paulo Castelo Branco. Os argumentos apontados são, essencialmente, a constatação da falta de identidade local, da ausência de centros comunitários e da dificuldade de dotar os vários *núcleos polarizadores* de infra-estruturas e equipamentos que garantam uma certa qualidade de vida às populações sem terem que percorrer grandes distâncias.

Foram mantidas algumas conversas, de carácter técnico sobre o assunto em questão, direccionadas para a necessidade de definir pelo menos um *centro* nas freguesias apontadas, dotado de características comuns à maioria da população. Esta preocupação surge na sequência da revisão do planeamento do concelho e da constatação do aparecimento de *novas centralidades*, principalmente nas freguesias de Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo.

A inserção do tema escolhido num Mestrado em Património e Turismo parece, assim oportuna, partindo do princípio que todo o território é património, rico em valores humanos, culturais, históricos, sociais... pertença dos seus moradores.

Abordaram-se factores de identidade, de memória colectiva e de sensibilidade na preservação de espaços patrimoniais emblemáticos e simbólicos.

O *Centro*, pela sua natureza, é um elemento de ancoragem identitária, um factor de estímulo à coesão aos mais diversos níveis de uma comunidade. Várias gerações testemunharam e partilharam vivências nesse local que foram sendo transmitidas no seio das famílias, dos vizinhos, dos conhecidos e dos desconhecidos.

A imagem que nos é dada por terceiros sobre o *centro* está imbuída, naturalmente, de alguma subjectividade, sendo construída e visualmente memorizada por cada um de nós de acordo com as lembranças que esses locais nos trazem. Quando nos é descrita, idealizamo-la e vivemo-la, memorialmente da mesma forma, no entanto, uma vez confrontados com esse (s) local (ais) a (s) imagem (s) altera (m)-se, dando lugar à nossa própria imagem que se completa com a sua transformação e dinâmica ao longo dos tempos. Isto porque aprendemos e constatamos que, o espaço não é estático e muito menos *cristalizado*, como tal, está sujeito a sucessivas mutações que o alteram, afigurando-se diferente de geração em geração e de observador para observador. "Uma cidade é uma organização mutável com fins variados, um conjunto com muitas funções criados por muitos, de um modo relativamente rápido", Lynch, K. na "A Imagem da Cidade" (1960:103).

Desta forma, o *centro* assume várias interpretações: as que são meramente ao nível da sua funcionalidade, outrora e na actualidade, as que são associadas a factores como o simbolismo, a tradição, e a carga afectiva, e as que o evidenciam somente pela sua localização estratégico-geográfica.

"Tradicionalmente o "centro" foi sempre um condensador das funções urbanas com carácter direccional e de referência, um foco polarizador, o local de maior acessibilidade, dotado de uma forte carga monumental, simbólica, referencial, iconográfica, ou patrimonial." Domingues A. "Metamorfoses do Centro: dinâmicas de transformação da condição central." (2002)

Tentaremos demonstrar e compreender este fenómeno de identificação e aparecimento de centros nos territórios de Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo, no desenvolvimento do presente trabalho.

2 - Objectivo temático

A reflexão sobre "A Mobilidade dos Núcleos Centrais em território de Urbanização Difusa", concretamente no Vale do Ave, num território específico que é o Concelho de Guimarães, visa abordar questões de planeamento urbanístico, tendências territoriais de ocupação do solo, políticas de ordenamento municipais, conjugadas com a expressividade das mesmas, em três Freguesias do Concelho, todas elas com a categoria de Vilas[1]: Moreira de Cónegos, Lordelo e Serzedelo.

[1] Elevação à Categoria de Vilas: Moreira de Cónegos: Lei 67/95 de 30/08; Lordelo: Lei 60/95 de 30/08 e Serzedelo: Lei 79/95 de 30/08.

Tratando-se de um território de urbanização difusa onde a multifuncionalidade de espaços abunda, julgou-se pertinente tentar perceber as tendências e o aparecimento de novas *centralidades* ou *pólos dinamizadores*, capazes de motivar a deslocação de pessoas e funções de acordo com as iniciativas e as ofertas que aí vão surgindo.

A atractividade que estes locais multifuncionais exercem por si só, em nosso entender, justificou um estudo atento bem como o correspondente planeamento que necessariamente exigem.

Este fenómeno, em território de urbanização difusa, como é o caso, não se tem revelado pacífico, sobretudo do ponto de vista de uma concertante política de planeamento municipal e local porque divide opiniões e, nem sempre é consensual junto da população relativamente à identificação de um espaço *central* da freguesia.

Existem alguns estudos, por exemplo o "O Médio Ave – Novas Políticas Municipais" Sá F. M., Porto (1986), o "Plano Estratégico do Sistema Urbano no Vale do Ave", Quaternaire (1995), que abordam este fenómeno crescente, das novas centralidades no Vale do Ave e no Concelho de Guimarães.

Na tentativa de contribuir com alguns conhecimentos da realidade local, o presente estudo basear-se-á, essencialmente, num conjunto de reflexões assentes em metodologias sobre o planeamento municipal praticado nos últimos dez anos.

3 – Metodologia de Investigação

Neste trabalho utilizou-se a observação, a análise e a aferição da paisagem humana ao nível da área em estudo

Analisou-se no decorrer do presente estudo, nos capítulos subsequentes, as freguesias de, Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo, no contexto municipal e local. A referida análise incidiu sobre indicadores demográficos, socio-económicos, estrutura e evolução do povoamento (principalmente nos últimos dez anos), factores externos e internos capazes de alterar comportamentos e atitudes.

Para além destes, estudaram-se outros de igual importância: factores patrimoniais, históricos, simbólicos, culturais e sociais, principais eixos viários, ferroviários e linhas de água como elementos preponderantes, na estrutura do povoamento, associados ou não à identificação de *centros*.

Ao nível das técnicas utilizadas, foram feitos inquéritos directos à população residente em cada freguesia, e ao Órgão de Administração Local – Junta de Freguesia - sobre questões, para nós, objectivas acerca da localização do *centro* e das, eventuais *novas centralidade*s existentes e a sua funcionalidade (ver modelo em anexo).

Pretendeu-se com estes inquéritos aferir da opinião das populações residentes em cada freguesia – população alvo - sobre quatro questões fundamentais:

"1 – Para si, onde é que fica situado o *centro* da Vila?

2 – Diga quais os motivos que fundamentam a sua escolha?

3 – O *centro* da Vila já se situou em outro lugar que não o anteriormente indicado?

4 – Concorda que exista mais de um *centro ou núcleo central* na freguesia? "

A metodologia usada na recolha dos dados:

Os dados que serviram de base ao presente estudo foram recolhidos durante o mês de Setembro de 2006, mediante a aplicação de um inquérito, em entrevista aberta, nas ruas de cada Vila em análise.

A entrevista directa, foi aplicada por um único entrevistador – o investigador – o que permitiu prevenir enviesamentos introduzidos por má interpretação das questões pelos inquiridos, ou por mais entrevistadores, se tivesse sido esse o caso.

Recolheu-se uma amostra simples de 100 indivíduos, anónimos para cada freguesia. Esta amostra, pela sua dimensão, permitiu-nos uma margem de erro, entre 8,12% e 8,15%, para um intervalo de confiança de 90 %.

A formulação dada ao inquérito aplicado, prentedeu expressar as principais respostas na forma de proporções. Assim, conforme Sharon, L. Lohr, "Sampling: Design and Analysis", (1999) o erro da amostra pode ser dado à priori, em função do tamanho da amostra, intervalo de confiança e dimensão da população

Quadro 1 - Tamanho e Erro da Amostra

	Lordelo	Moreira de Cónegos	Serzedelo
Intervalo de Confiança	90%	90%	90%
Dimensão da População*	4641	5828	4073
Tamanho da Amostra	100	100	100
Erro Máximo da Amostra	8,14%	8,15%	8,12%

*INE – Censos 2001

Em todos os testes realizados consideramos um nível de significância de 5%, obtendo um grau de confiança de 95%.

Passamos a expor a análise exploratória de dados:

Caracterização da amostra recolhida: Quanto à idade – elaboraram-se tabelas resumo dos dados recolhidos os quais foram representados em histogramas; Quanto ao sexo – elaboraram-se, também, tabelas resumo dos dados recolhidos que se apresentaram em gráficos circulares; Quanto à naturalidade – foi feita uma tabela resumo dos dados que, seguidamente se reflectiram em gráficos circulares; Quanto ao nível de instrução, seguindo as definições do Instituto Nacional de Estatística (INE), Nível de Instrução - é o grau de ensino mais elevado atingido pelo indivíduo, completo ou incompleto:

Expressa-se nas categorias:

Sem nenhum nível de ensino, (colocaram-se os analfabetos nesta categoria).

- Ensino Básico
    - 1º Ciclo
    - 2º Ciclo
    - 3º Ciclo
- Ensino Secundário
- Ensino Médio
- Superior

O procedimento foi semelhante, representando-se os dados em gráficos de barras, considerado o mais adequado para o efeito.

A análise inferencial dos dados recolhidos, foi feita sobre as questões relativas à localização e à mobilidade dos *centros* das Vilas em estudo e, visou medir a opinião das populações sobre estas matérias.

Ao nível do material utilizado e exemplificativo, foi usada cartografia analógica e digital (ortofotomapas), fotografia dos locais analisados e de outros que se julgou oportuno assinalar.

Todas as questões socio-económicas e demográficas, entre outras, foram analisadas estatisticamente, numa perspectiva evolutiva. As variáveis são de carácter especializado e qualificado, a raridade ou natureza estratégica de funções exercidas em relação à esfera organizacional/institucional ou social a que pertencem.

Identificaram-se, manualmente, sobre a cartografia das freguesias em análise, a morfologia das centralidades.

4 – O Território de Urbanização Difusa

Consideramos este ponto do presente trabalho uma espécie de "chave", capaz de nos abrir várias perspectivas para um melhor conhecimento de uma realidade territorial que, embora não seja nova, apresenta transformações e integrações diferenciadas ao longo dos tempos. Assim as definições e as interpretações do Difuso parecem-nos inesgotáveis.



Panorâmica da urbanização difusa para Norte
Fonte: DOMINGUES, Álvaro *"Cidade e Democracia – 30 Anos de Transformação Urbana em Portugal" (2006:161)*

"O difuso não é rural nem urbano, no sentido comum das palavras e dos outros sentidos que elas carregam. É um terceiro estado muito recente, onde o tempo ainda não permitiu estabilizar e possibilitar que algum nome mais próprio se lhe chame". Domingues A. "Cidade e Democracia – 30 Anos de Transformação Urbana em Portugal", (2006: 340).

Dada a sua importância em todo o estudo, estruturou-se a abordagem ao território de urbanização difusa em três partes: a primeira consistiu em tentar definir o *Difuso* através de citações de alguns autores e na forma como é encarado na actualidade; a segunda debruçou-se sobre aspectos históricos que, de certa forma, estiveram na origem da designação de *Difuso*, e, por último, focou-se o "nosso" território de urbanização difusa, o Vale do Ave e o Concelho de Guimarães.

"Difusão": «(lat.Diffusione) – s. f. acto ou efeito de difundir; (...) penetração mútua e espontânea de gases de diferentes densidades, postos em contacto directo ou separados por paredes porosas; processo pelo qual fluidos e sólidos se misturam intimamente devido aos movimentos cinéticos das partículas; (...) – da luz: processo pelo qual a luz incidente é redistribuída em todas as direcções.» Costa, e Melo, (1979: 475).

"Similarmente, podemos definir Difuso da seguinte forma: o Difuso desenvolve-se pela penetração mútua e espontânea de processos rurais e de processos urbanos, postos em contacto directo ou separados por "paredes" porosas; processo pelo qual a condição rural e a condição urbana se misturam intimamente; processo pelo qual o tecido é redistribuído em todas as direcções." SILVA, F. M. Cidália "O difuso no Vale do Ave", (2005: 34)

Entendeu-se que o Difuso é uma espécie de resultado da interpenetração da condição rural na condição urbana ou vice-versa com processos de construção diferentes ao longo do tempo, facto que implica uma leitura agregada do conjunto dos vários processos. A forma da sua agregação e mistura está na génese dos diferentes "modelos" de Difuso. O resultado desta interpenetração é um tecido constituído por uma multiplicidade de padrões e formas de ocupação do território. Este aparente "mix" é apenas um simples adicional, porque o Difuso tem-se afirmado como uma nova entidade com características próprias.

Foram vários os agentes responsáveis pela transformação urbana de forma a interceptar o rural, absorvendo-o e tornando-o integrante do urbano.

As infra-estruturas e os factores de mobilidade, associados às novas tecnologias, constituíram, possivelmente, os principais elementos de uma certa ruptura com o modelo de crescimento próprio da cidade tradicional. O aparecimento de novas vias de comunicação nodulares (vias rápidas, circulares urbanas, auto-estradas, etc), o uso, quase que abusivo do automóvel e o aparecimento de interfaces em alguns pontos, modificaram o modo de ver e habitar o urbano.

A facilidade das deslocações e a diminuição de tempo utilizado nas mesmas, permitiu uma aproximação urbana/rural, reduzindo, consideravelmente a dicotomia a que estavam expostos.

O crescimento espontâneo de construção, resultado de diferentes lógicas e decisões, nem sempre é acompanhado de instrumentos de planeamento apropriados a este tipo de crescimento. Encontra-se, muitas vezes, à mercê de consensos entre várias instituições com visões não articuladas ao nível do urbanismo: veja-se, por exemplo, o caso do traçado de uma estrada, a localização de equipamentos de uso colectivo, entre outros.

Ao novo formato do território, a contiguidade física - a relação urbano/rural - acrescentamos o factor distância-tempo que, associado ao melhoramento e ao aparecimento de novas vias de comunicação, permite alternativas de locomoção e outras lógicas de habitar o território.

A urbanização difusa permite a coabitação entre o rural e o urbano, entre a cidade e o campo, de uma forma que não é necessariamente caótica ou desordenada, mas antes um modelo de ocupação territorial que não contempla amplos espaços vazios.

Segundo Castells, (1997), citado em "Novas Realidades Territoriais para o séc. XXI", Ledo, A. P., (2004: 15), "o mundo organizado à volta das cidades difusas" ou então, "em espaços regionais, urbano-rurais integrados, construídos com base nas identidades locais reforçadas pela diversidade territorial." Ledo A. P. – "Novas Realidades Territoriais para o Séc. XXI – ", (2004: 15).

O urbano imiscui-se no rural e vice-versa. O urbano expande-se e assume formas de uma certa ruralidade onde coexistem as pequenas parcelas de terreno agrícola, com a presença de animais domésticos ao lado do empreendimento multifuncional de habitação, de comércio especializado virado para as *elites sociais*, o ginásio, a piscina, entre outras ofertas próprias das urbes. "A conurbação do médio Ave desenvolve-se num vasto território onde se combinam dinâmicas de dispersão e de aglomeração, onde o "rural" e o "urbano" se (con) fundem num quadro de cambiantes dificilmente tipificáveis." Portas, Nuno; Domingues, Álvaro; Cabral, João, - "Políticas Urbanas – Tendências, Estratégias e Oportunidades", (2003: 135).

A estrutura do povoado de que falamos, dados os seus vários formatos, como anteriormente se refere, consideramo-la difusa. Não, exclusivamente, pelo facto de se tornar difícil a sua análise, mas porque agrupa em si um conjunto de factores de ordem diversa, designadamente as características construtivas associadas ao urbano e ao rural, que reflectem formas territoriais de aspecto distinto do modelo clássico de povoamento e desenham o "mosaico difuso".

Assistimos, porém à "culpabilização", em nosso entender, nem sempre justa, de "erros" construtivos verificados ao nível do planeamento urbanístico.

Este modelo não é isento dessas lacunas à semelhança do que se verifica em outros modelos de urbanização, nomeadamente, ao designado modelo clássico aplicado ao formato tradicional de um determinado território. Não é, pois, a causa directa nem a consequência imediata dos "males" urbanísticos.

Todos eles carecem de uma análise objectiva sem conotações depreciativas indutoras de preconcepções.



Campus da Universidade do Minho
Fonte: DOMINGUES, Álvaro *"Cidade e Democracia – 30 Anos de Transformação Urbana em Portugal" (2006:160)*

> "A dispersão urbana ou a urbanização difusa não têm sido abordadas da melhor forma. (...) Por um lado generaliza-se demasiado, remetendo para a «urbanização difusa», para o «subúrbio» uma espécie de negação de uma qualquer ideia de «cidade» tomada como paradigma de boa forma urbana. (...) o urbano disperso surge como uma categorização pela negativa, o que lhe retira, à partida, a possibilidade de ser analisado de forma «fria», isto é, despida de valorações precipitadas e, em geral, condenadas antes de devidamente analisadas e avaliadas. No limite, toma-se a dispersão como uma espécie de perversão onde se encaixa tudo aquilo que se condena de forma simplista (...)."[2]

Erradamente, em nosso entender, associa-se a urbanização difusa ou a dispersão à ideia de confusão urbanística, de caos e até de uma certa promiscuidade territorial.

> "O território disperso da "rurbanização" é denominado e julgado de anti-social, desprovido de espaços públicos, anárquico, resultado de um crescimento não planificado, irracional pois é muito dispendioso ao nível das infra-estruturas, de caótico porque não permite um controlo sobre a arquitectura, ou ainda, simplesmente ignorado como um sub-modelo impuro, logo, insignificante. Muitos argumentos lógicos e racionais, mas que por vezes se reduzem a questões estéticas. Isto verifica-se ainda mais, porque os mesmos arquitectos, urbanistas e

[2] Domingues, A. – "Cidade e Democracia – 30 Anos de Transformação Urbana em Portugal", 2006: 29.

> planeadores propõem, sistematicamente, modelos mais ou menos inspirados na cidade clássica italiana para realidades, que, por vezes, exigem soluções completamente diferentes. "[3]

Ledo A. P. – "Novas Realidades Territoriais para o séc. XXI – ", (2004: 177) defende ao nível das políticas de planeamento, "um crescimento harmonioso, de forma a não se verificarem *"bolhas"*, espacialmente, isoladas, sem qualquer identidade e/ou função, conjugando o urbano e o rural, de forma a diluí-los na paisagem e a dotá-los de unicidade. A conjugação, ao nível dos territórios, portanto, a qualidade territorial, é um constante desafio urbanístico que exige uma preservação e (re) valorização da diversidade aí existente".

Breve historial do Difuso:

A urbanização difusa aparece na grande maioria dos casos, associada ao processo de industrialização que por toda a Europa, a partir do séc. XVIII e com a Revolução Industrial se fez sentir.

Em Portugal, também resultado do aparecimento da indústria, em maior escala no séc. XIX, a urbanização difusa expandiu-se por todo o território, com maior incidência no Noroeste Peninsular mais concretamente, no Vale do Ave a par da implantação da indústria têxtil e do vestuário. A industrialização alterou o ritmo e a forma de crescimento dos espaços rural e urbano. O aumento da população, a reestruturação do sistema produtivo, o desenvolvimento das vias de comunicação (ferroviárias, canais navegáveis, barco a vapor e em meados da primeira metade do séc. XX as primeiras auto-estradas), os novos modelos económicos e as novas tecnologias, deram início a um novo ciclo.

No séc. XIX e inícios do séc. XX várias foram as teorias que apontavam para a construção da cidade dispersa com Wright, a cidade-campo de Garnier, a cidade-jardim de Howard e a cidade-parque de Le Corbusier. Ledo A. P. – "Novas Realidades Territoriais para o séc. XXI – ", (2004: 168)

A ideia de prolongar a cidade, integrando a habitação num espaço verde aprazível era uma das grandes preocupações dos "modernos". As condições sociais e a habitabilidade condigna, longe da confusão da fábrica a par da convivência com a natureza, transformariam a periferia arrastando consigo a cidade. Contudo a realidade construída foi outra. Não obstante a não aplicabilidade dos modelos desenvolvidos pelos autores acima citados que, por sua vez fora apelidada de mera utopia, alguns urbanistas da actualidade, por exemplo Osborn, citado em "Novas Realidades Territoriais para o séc. XXI", Ledo, A. P. (2004:168), Portas N. e Domingues A. em "Políticas Urbanas" (2003: 135), entre outros, baseiam muitos dos seus estudos nessas teorias. A proliferação de condomínios fechados, um pouco por todo o lado, inclusive em Portugal, teve, talvez, na sua essência a coabitação do "verde" e do

[3] Da Cunha, D. V. – "Arquitectura e Urbanismo em Território Disperso", 1988: 3.

"construído". Não haverá aqui uma grande semelhança com os modelos anteriormente citados? À luz da contemporaneidade, achamos que os numerosíssimos arquitectos/urbanistas, cada vez mais se preocupam com coexistência do ambiente e da construção, não estando, por isso, tão distantes dos urbanistas do séc. XIX e inícios do séc. XX.

"A urbanização do campo, a partir da cidade é uma síntese dos postulados dos pensadores *culturalista* do séc. XIX e uma preocupação, análoga, à dos urbanistas do séc. XXI. Não, estamos, pois, tão distantes das *utopias* de Howard." Ledo A. P. – "Novas Realidades Territoriais para o Séc. XXI – ", (2004: 168)

Os traçados viários e eléctricos alteraram as cidades e as regiões, facilitando o movimento de pessoas e bens. Os trajectos tornaram-se assim mais próximos, uma vez que o tempo que se demorava era menor.

Se por um lado as vias proporcionaram, tendencialmente, as deslocações dos meios rurais para os meios urbanos por razões óbvias, por outro lado elas também contribuíram para a construção, sobretudo a industrial, ao longo das mesmas. Este fenómeno reforçou a dispersão ou urbanização difusa já existente junto dos rios. As indústrias foram, desde o séc. XV ou possivelmente ainda antes, localizadas ao longo dos cursos de água, como é exemplo o caso dos cutileiros em Guimarães, existindo registos da sua localização junto do Rio Selho, datados do ano de 1401. CARVALHO, A. L. "Mesteres de Guimarães – Vol. I", M.E. Nacional, Barcelos (1939: 141).

O Difuso no Vale do Ave:

À escala local, como já se referiu, este fenómeno é mais evidente em algumas partes do país, nomeadamente no litoral Norte e Noroeste. O Vale do Ave reflecte na sua plenitude, o exemplo da dispersão, da industrialização e urbanização difusa, sobretudo pelas suas, já tradicionais, características industriais que remontam "à alta Idade Média" como afirma Sá M. F. in "O Médio Ave – Novas Politicas Municipais", (1986: 18)

"No Ave não existe uma distinção clara, entre o rural e o urbano, observando-se uma urbanização difusa do território em que os dois conceitos se interpenetram, não obstante a existência de nódulos em que as actividades se identificam." Sá M. F. "O Médio Ave – Novas Politicas Municipais", (1986: 18).

As actividades industriais, quer as micro-empresas quer as macro-empresas, as antigas e as actuais, localizaram-se segundo necessidades diferenciadas: junto dos rios pela importância da energia hidráulica, da máquina a vapor, ou simplesmente porque a produção dependia da água. Podemos, pois, afirmar que a dispersão surgiu com o aparecimento da indústria, inicialmente ao longo dos rios e mais tarde junto das vias e caminhos. A proximidade da fábrica, do campo e da habitação reduzia o tempo

gasto nas deslocações e aumentava os lucros das unidades produtivas situadas, como atrás se referiu, perto das fontes de energia e das principais vias.

Este território de aparência *caótica* apresenta uma lógica de crescimento bastante coesa. Como já se referiu, cresceu pela fixação da construção ao longo das vias existentes, as estradas nacionais e municipais e uma rede capilar de origem rural.

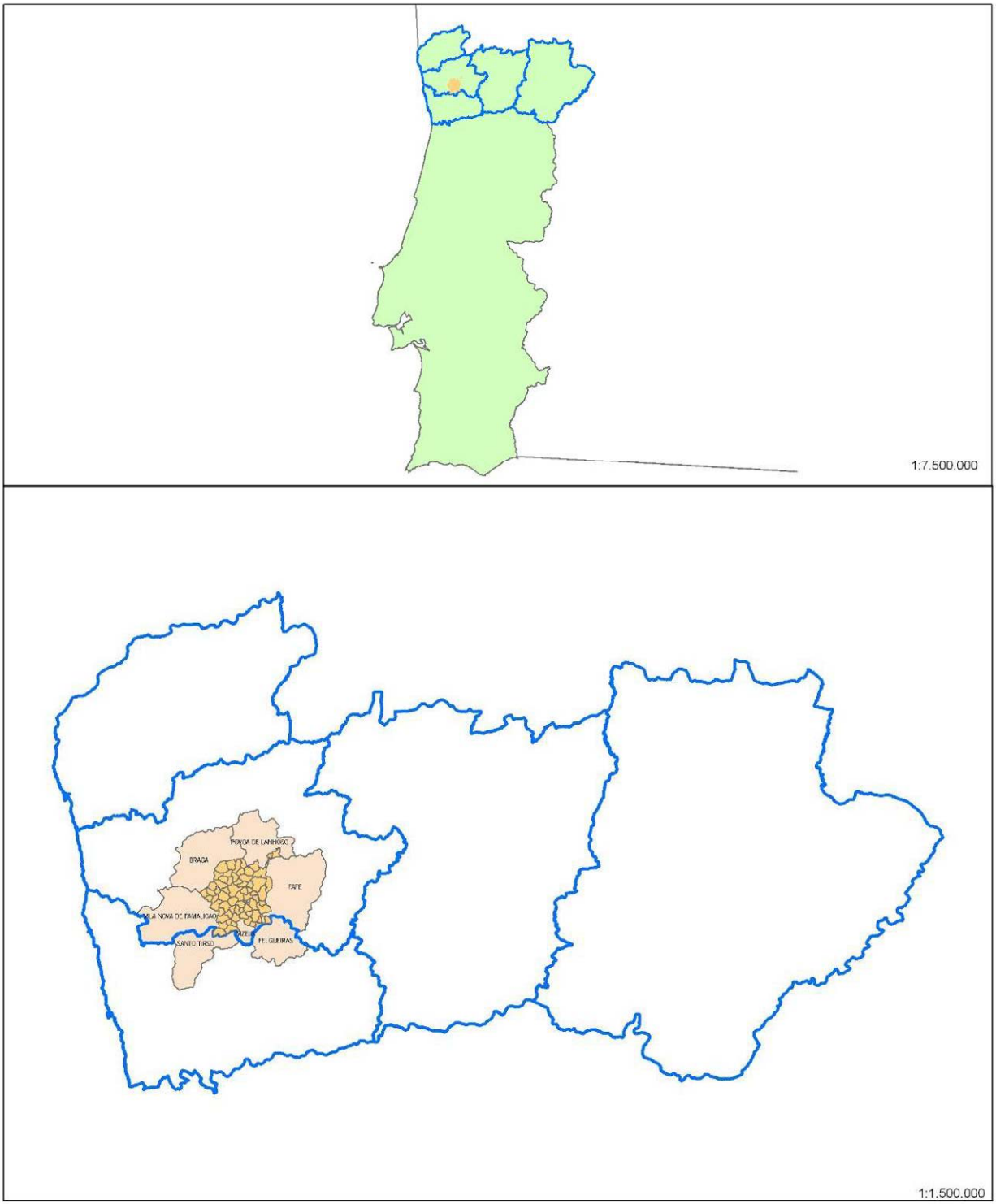
O Vale do Ave apresenta-se como um processo de urbanização que assenta na sua base económica. A complexidade de relações entre a agricultura e a indústria originou a difusão do povoamento. Não é, por isso um processo monofuncional de crescimento, habitualmente relacionado com as áreas de influências das grandes cidades.

Este sistema urbano caracteriza-se pela sua complexidade da qual resultam formatos diferenciados que o constituem, desde os pequenos aglomerados de cariz rural até ás polaridades mais significativas, normalmente coincidentes com as sedes de concelho.

Abordou-se o tema do difuso, mais detalhadamente, no capítulo da Estrutura do Povoamento abrangendo a região do Vale do Ave, com destaque da nossa área de estudo: Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo, freguesias do Concelho de Guimarães.

4.1 – Apresentação e Enquadramento da Área de Estudo

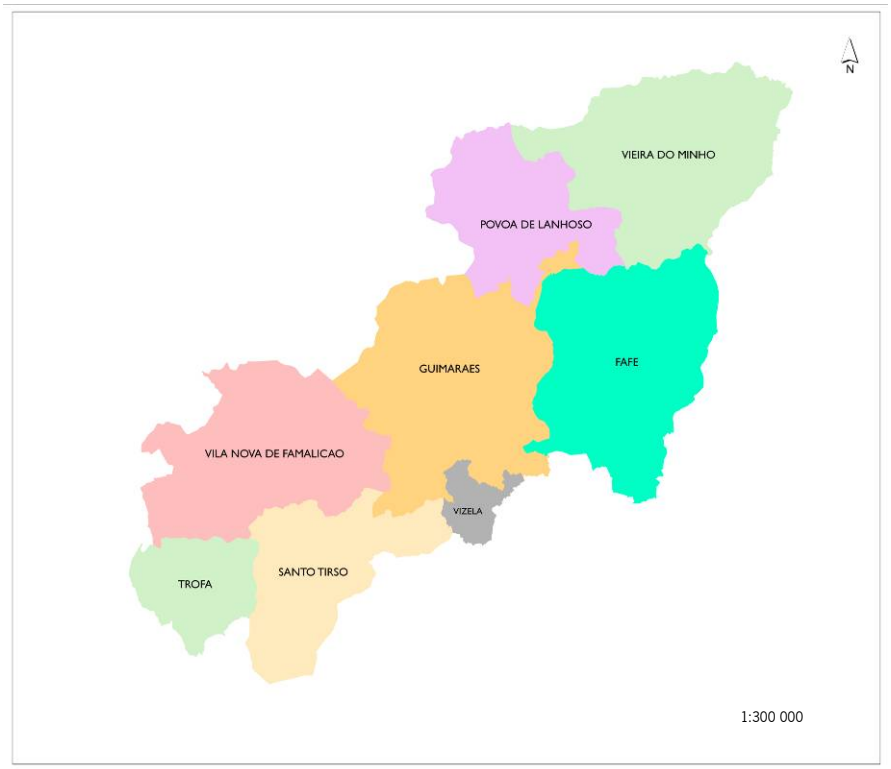
Figura 1 - Enquadramento do Concelho de Guimarães



O Concelho de Guimarães fica situado no Distrito de Braga, pertence à sub-região do Vale do Ave (Nut III[4]), limitado a norte e noroeste pelos concelhos de Póvoa de Lanhoso e Braga, respectivamente, a sudoeste por Santo Tirso, a sul e sudoeste por Felgueiras e Vizela, a nascente pelo concelho de Fafe e a poente por Famalicão. É atravessado por diversas vias Estradas Nacionais (101, 105, 106 e 206), a que foi acrescentado o traçado do Itinerário Complementar 5 (IC5)/Auto-Estrada 7(A7) e Auto-Estrada 11 (A11) e a breve prazo o do Itinerário Principal 9 (IP9).

O concelho de Guimarães, com 159 576 habitantes e 242 Km^2 e uma densidade populacional de 659,3 habitantes por Km^2 (Instituto Nacional de Estatística – Censos 2001), é constituído por 69 freguesias[5] das quais se destacam nove vilas: Brito, Lordelo, Moreira de Cónegos, Pevidém, Ponte, Ronfe, Serzedelo, S. Torcato e Taipas.

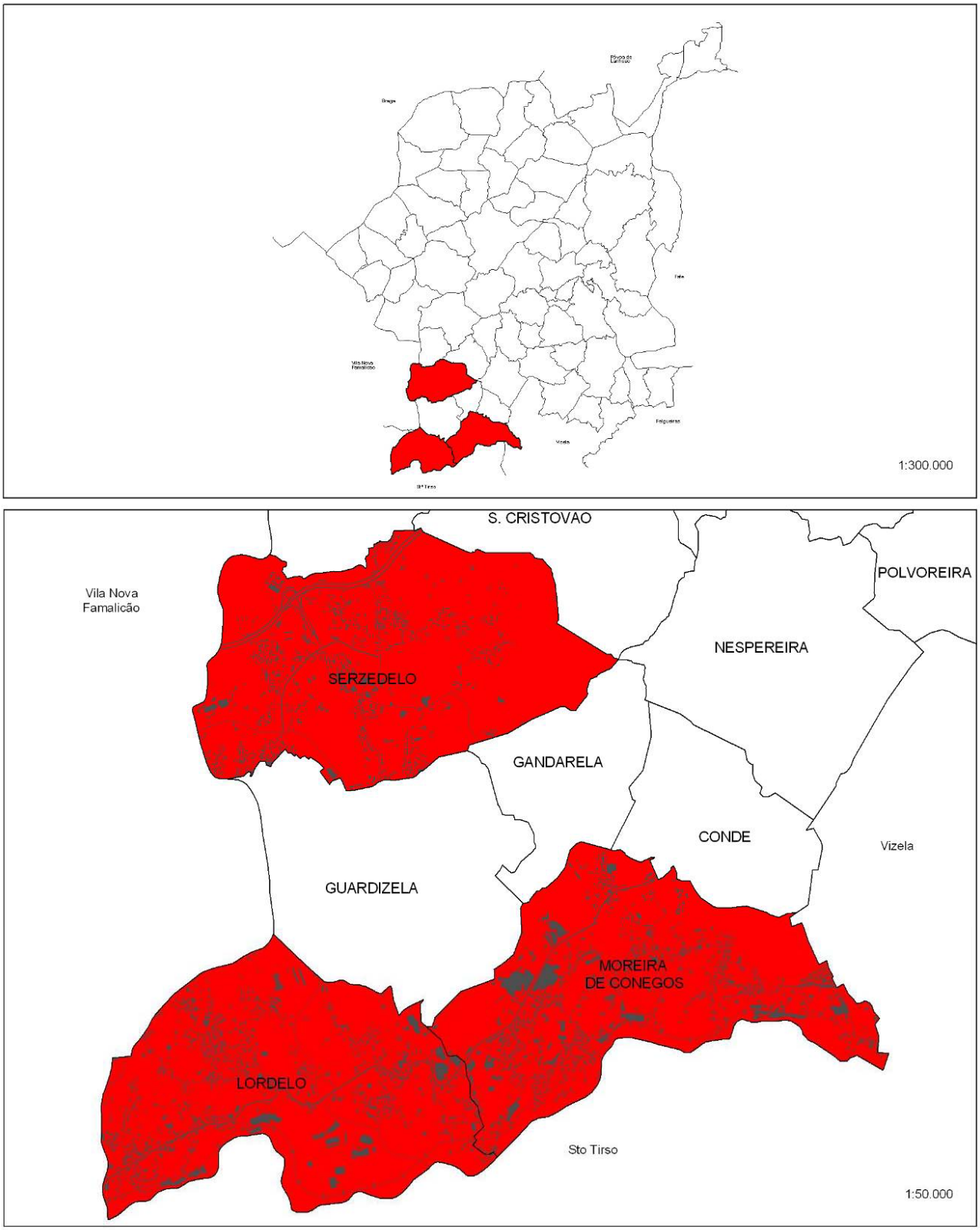
Figura 2 - Vale do Ave



[4] Portugal detém 3 grandes unidades territoriais para fins estatísticos (NUTS I) – Continente Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores – sendo que a primeira unidade se desagrega em 5 regiões (NUTSII) e 22 sub-regiões (NUTSIII). O território nacional está ainda subdividido em unidades administrativas: 308 Concelhos e 4 241 Freguesias. Por último, existe uma desagregação ao nível de micro unidades territoriais para fins estatísticos – secções e subsecções. Este conjunto de unidades está organizado segundo uma lógica espacialmente hierárquica, de tal forma que agregando as de nível inferior (administrativas e/ou para fins estatísticos), se obtêm as unidades territoriais de nível imediatamente superior.
Instituto Nacional de Estatística, Portugal, Censos 2001, XIV Recenseamento Geral da População, IV Recenseamento Geral da Habitação

[5] Criação da Freguesia de Corvite, Lei nº 62/2003 de 22 de Agosto.

Figura 3 - Concelho de Guimarães – Freguesias em Estudo



Fonte: Câmara Municipal de Guimarães

4.1.1. - Enquadramento Geográfico – Caracterização Física

Morfologicamente o concelho de Guimarães é, de uma forma genérica, rodeado a noroeste pelos Montes de Outeiro e Penedice, Sameiro e Falperra, a norte pela Senhora do Monte e a sudeste pela Santa Marinha e Santa Catarina (Penha).

O Rio Ave com o seu extenso vale, e um dos seus afluentes – Rio Selho, correndo de nordeste para sudoeste, praticamente dividem o concelho. A sul localiza-se o vale do Rio Vizela que separa o concelho de Guimarães, dos concelhos de Santo Tirso, Vizela e Felgueiras.

Este enquadramento vai de certa forma influenciar o clima desta região, com amplitudes térmicas anuais relativamente altas, principalmente devido à sua disposição, rodeada por montes e encaixada no vale.

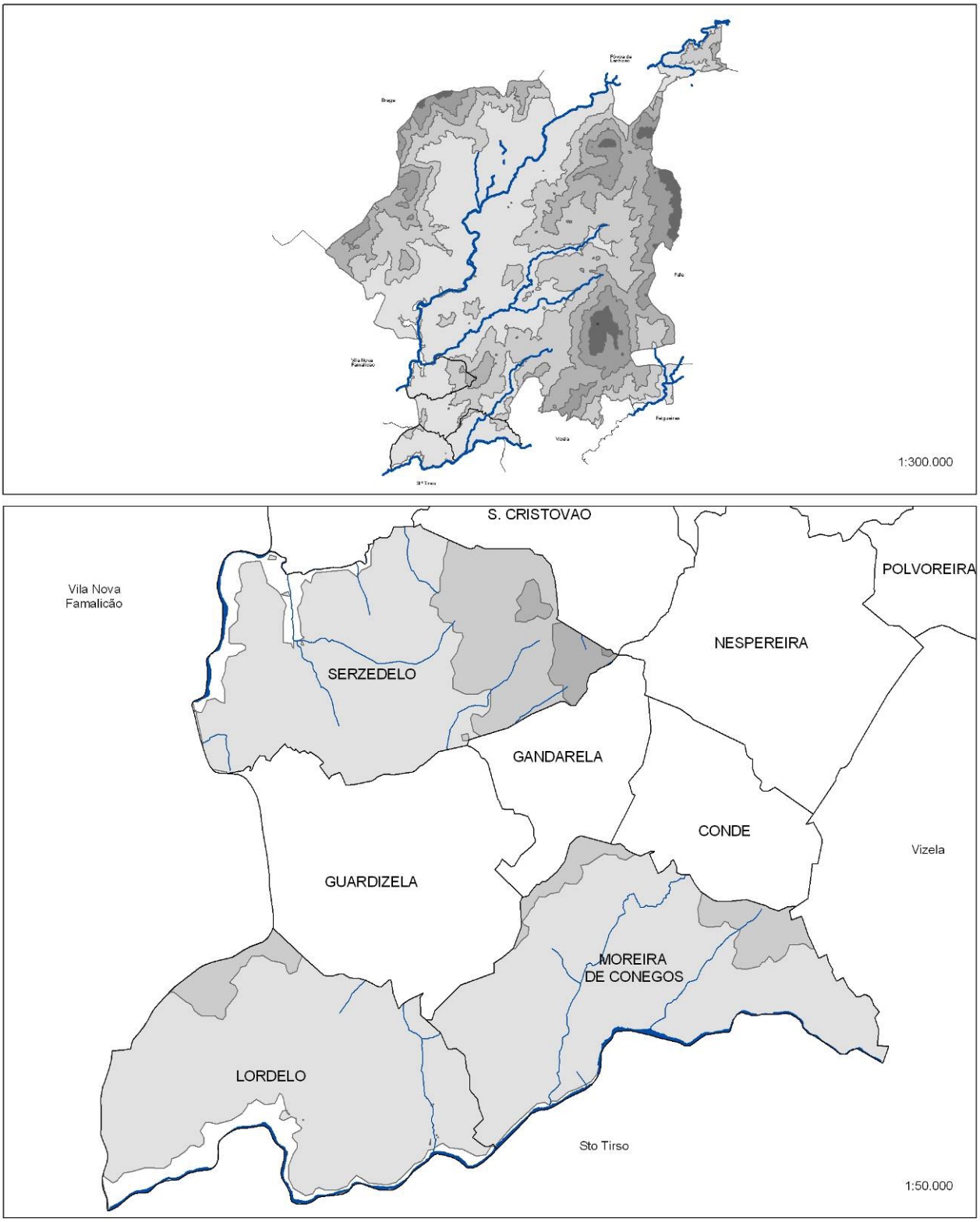
Uma análise do mapa hipsométrico (Figura 4) do concelho de Guimarães permite concluir acerca de uma das principais características do relevo desta área – a sua forte amplitude altimétrica, que corresponde a 528 metros, entre o ponto mais baixo (cerca de 77 metros no vale do rio Vizela) e o ponto culminante (613 metros na Serra da Penha).

Uma parte significativa da área do concelho (42,5%) encontra-se entre os 100 e os 200 metros de altitude, enquanto que a superfície em que as altitudes são superiores a 400 metros é muito restrita (11,4%). A classe de altitudes mais baixas (0-100 metros) verifica-se em apenas 1% do território do concelho. A classe de altitudes intermédias (200 aos 400 metros) possui uma representatividade de cerca de 45% da área total do município (27, 7% da classe dos 200 aos 300 metros e 17,4% dos 300 aos 400 metros).

De um modo geral, o concelho de Guimarães apresenta três unidades morfológicas que estruturam a paisagem e que assentam nos vales do rio Ave e Selho, correspondentes à paisagem de menor altitude (77 - 300 metros) onde predominam sistemas agrícolas e onde se desenvolvem os sistemas urbanizados, assim como numa orla mais montanhosa (florestal) nas áreas limítrofes do concelho. Neste contexto morfológico salienta-se ainda a existência de um maciço montanhoso que se destaca pela sua altitude (613 metros) - a Serra da Penha.

Nas três freguesias em estudo é possível observar que a quase totalidade do seu território se situa abaixo dos 200m (Lordelo e Moreira de Cónegos) e dos 300m (Serzedelo).

Figura 4 - Mapa Hipsométrico



Os declives (Figura 5) são aspectos muito importantes na caracterização física de um lugar referindo-se à inclinação morfológica do terreno; introduzem o factor quantitativo à interpretação do relevo. Fazem parte de um conjunto de elementos com uma forte influência na dinâmica das vertentes e na sua morfologia, já que têm implicações no desenrolar de alguns processos morfogenéticos: aceleram os processos de desgaste e de transporte das vertentes.

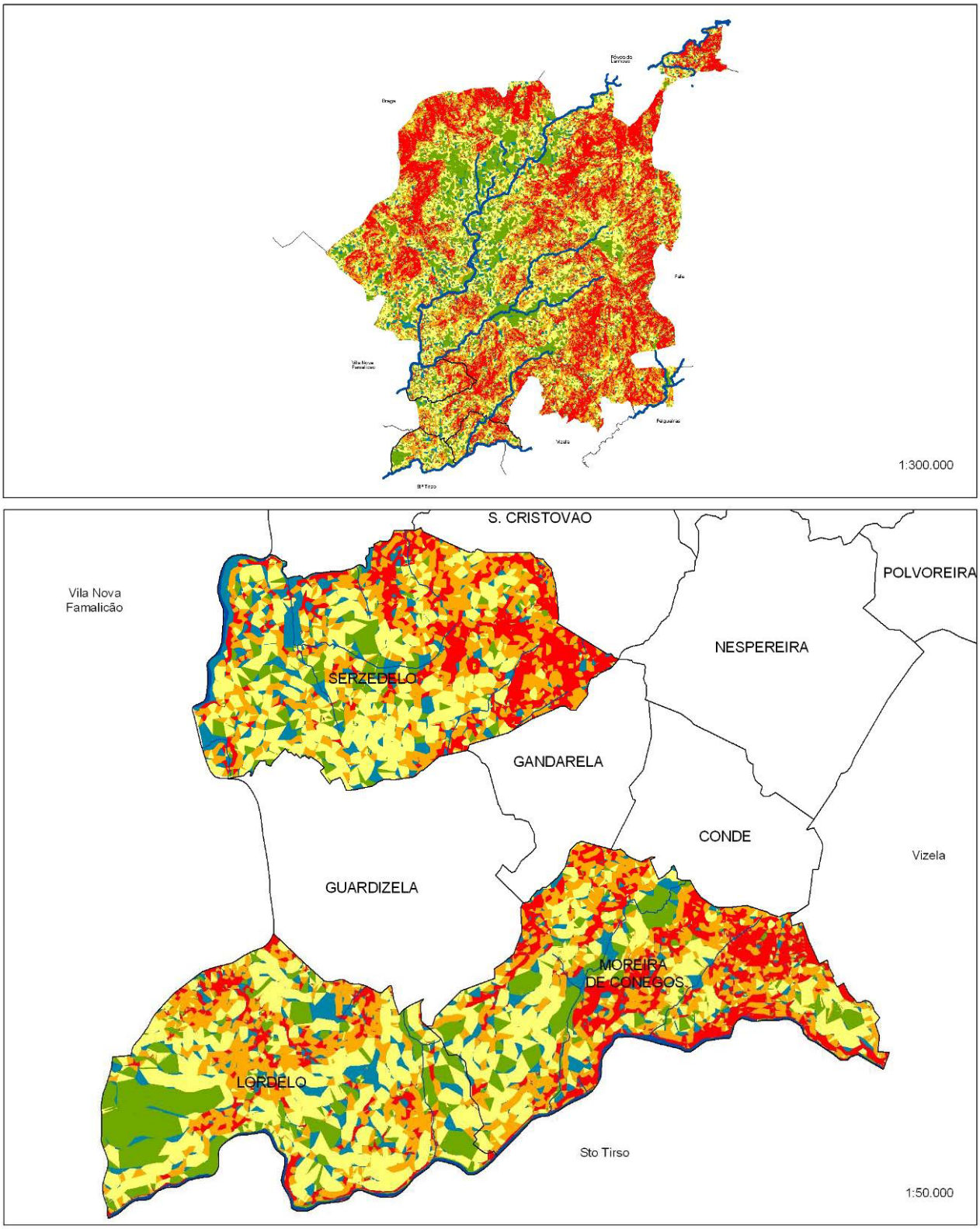
O conhecimento dos declives é importante não só para a compreensão geomorfológica da área, mas também reflectem e condicionam a implantação das actividades humanas. Deste modo, todo e qualquer projecto deverá centrar-se no estudo dos declives mais favoráveis para esse fim. A título de exemplo, os declives são geralmente factores limitativos para a prática agrícola e florestal.

No concelho de Guimarães predominam vertentes com declives superiores a 7%, sendo que grande parte da área concelhia se situa entre os 7 os 15% (26,47%). As vertentes mais declivosas (declives superiores a 25%) representam 26,42% do total do território municipal; 25,71% corresponde a áreas com declives que se situam entre os 15 e os 25%. A classe de declives entre 0 e 7% têm menor expressão no conjunto da área, correspondendo a 14,38% e, somente 7,01% corresponde a áreas planas.

Verifica-se ainda que nos terrenos com maior altitude dominam declives mais elevados, normalmente superiores a 15%. Em áreas de menor altitude (inferior a 300 metros) predominam declives moderados e mais suaves.

Em relação às freguesias em estudo verificamos que a freguesia de Lordelo é a que apresenta declives menos acentuados, com predominância dos inferiores a 25%. Em Serzedelo os declives superiores a 25% ocupam metade da zona Leste da freguesia. Em Moreira de Cónegos predominam os declives superiores a 25%, distribuídos pelas zonas Norte, Leste e Sul.

Figura 5 - Mapa de Declives



Fonte: Câmara Municipal de Guimarães

Não menos importantes são as orientações do terreno que se referem à marcação da exposição do território, à orientação solar (exposição solar) e aos ventos (exposição eólica), recorrendo-se para o efeito à direcção dos pontos cardeais.

A exposição solar das vertentes (Figura 6), juntamente com os seus declives contribuem para as diferenças na quantidade de insolação recebida. Assim, os declives suaves são favorecidos pelas fortes alturas do sol. Ao contrário, quando o sol se encontra a uma altura inferior, privilegia vertentes de maiores declives e bem orientadas em relação ao sol. Mas não é só o declive que influencia a quantidade de insolação recebida, também a orientação das vertentes é essencial. Deste modo, no hemisfério Norte, as vertentes orientadas a Sul são continuamente ensoalhadas, ao passo que as vertentes voltadas a Norte só recebem radiação directa quando a altura do sol é superior ao declive da vertente.

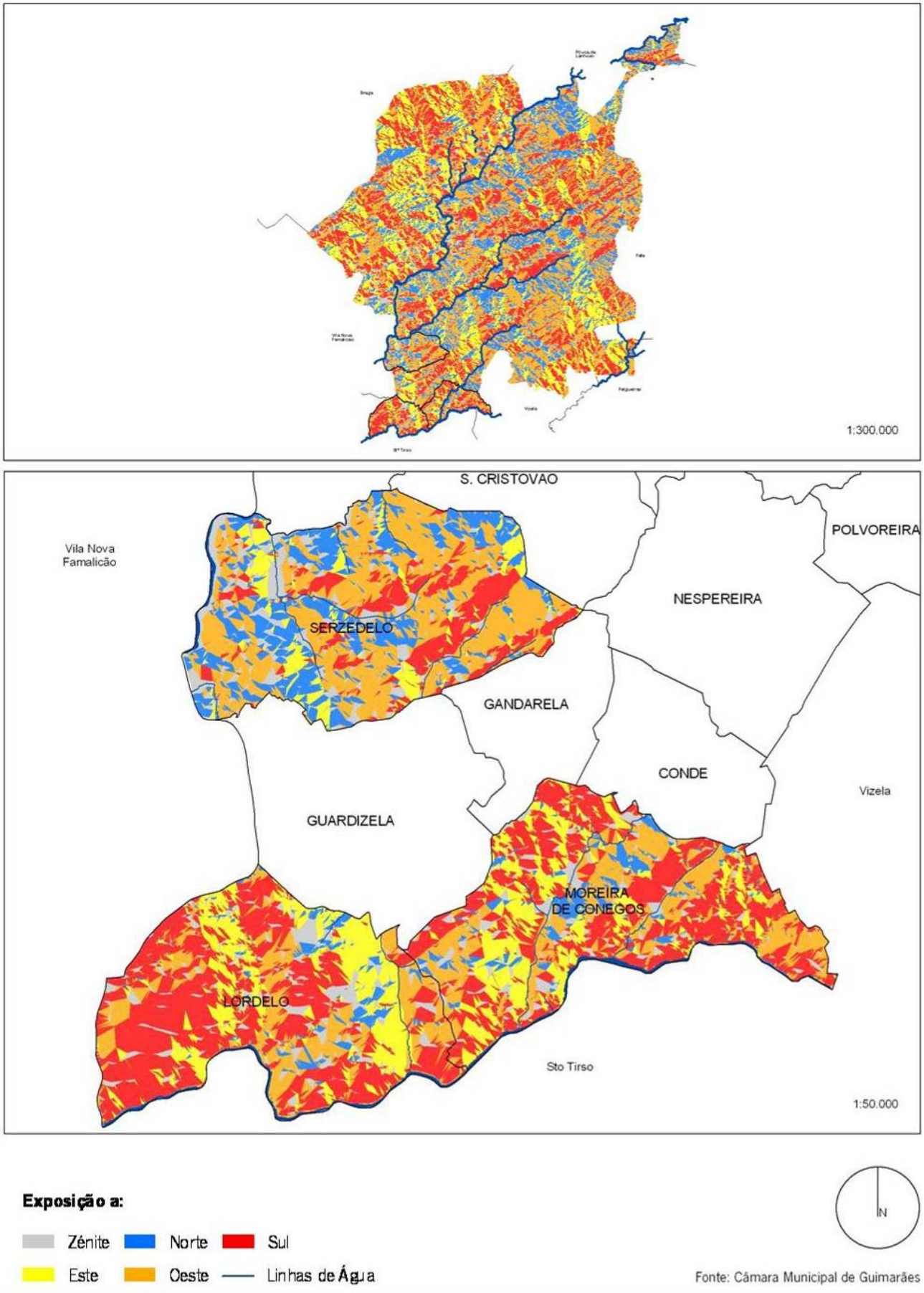
A orientação das vertentes é também importante pelos efeitos que manifesta sobre a temperatura (influi a ocorrência de fenómenos como a acção da geada) e a distribuição da precipitação (pode originar diferenças significativas na ocorrência de precipitação entre os diferentes locais, uma vez que aqui intervém a conjugação de dois factores fundamentais: o relevo e as massas de ar que afectam essa área).

No concelho de Guimarães pode-se observar que 17% se encontra exposta a Norte. Os terrenos voltados a Sul representam aproximadamente 26,5% da área total do município. As vertentes expostas a Oeste representam cerca de 27,26% da área de estudo, enquanto que as que estão expostas a Este, dizem respeito a 22,19% dessa área.

Acrescenta-se ainda o facto de, para áreas com declives muito fracos (menores que 7%) e que correspondem a cerca de 21,39% da área de estudo, a exposição traduz uma pequena inclinação da superfície, pois aí se verificam praticamente todas as exposições.

Nas freguesias de Lordelo e de Moreira de Cónegos predominam as vertentes expostas a Sul, seguidas das de Este. Em Serzedelo verifica-se que existe um ligeiro domínio das exposições a Norte e Oeste, mas sem uma distribuição bem definida.

Figura 6 - Mapa das Exposições



Análise Climática

O estudo do clima *«é extraordinariamente importante já que condiciona uma série de usos em ordenamento, como seja o uso urbano, agrícola e florestal, e turístico-recreativo, pelo seu papel ao nível do balanço hídrico do solo e da capacidade erosiva, de conforto humano e das necessidades bioclimáticas.»,* Partidário, M. R. (1999).

Para estudar o clima de uma dada região recorre-se, geralmente, a dois tipos de análises. A primeira diz respeito à explicação dos mecanismos e processos que sucedem na troposfera, de modo a interpretar-se os efeitos no comportamento dos diferentes elementos do clima, como sejam a temperatura do ar, a precipitação, a humidade, a evaporação, o regime dos ventos, entre outros. O outro tipo de análise, consiste na explicação espacial do clima. Para tal, será necessário fazer-se o estudo dos elementos do clima num lugar concreto ou em vários lugares, ao nível do solo, com o objectivo de se chegar à explicação das variações espaciais do clima.

Em termos climáticos, analisaremos os seguintes elementos de clima: temperatura do ar, precipitação, humidade e nebulosidade.

Obter-se-á, assim, a influência do clima sobre o solo, a vegetação e sobre todas as actividades humanas em estudo (agricultura e fixação humana). A estes aspectos, acrescenta-se ainda a influência do clima no modelado da paisagem.

A informação meteorológica considerada neste estudo é referente à Estação Climatológica de Braga (Posto Agrário), que se localiza a 41°33' de latitude Norte, 8°24' de longitude Oeste e a uma altitude de 190 metros.

Apesar da informação registada poder generalizar-se para Guimarães[6] (devido à sua situação de proximidade geográfica), há que ter em conta que, devido à morfologia da Serra da Penha e à proximidade do Posto Agrário do Vale do Cávado, sobressairão diferenças na generalidade dos elementos climáticos (a topografia será responsável por algumas alterações das características climáticas).

Esta região apresenta elevados índices de precipitação devido à passagem de superfícies frontais, conjugadas com o efeito das montanhas, apresentando totais anuais de precipitação superiores a 1500 mm.

De acordo com o Atlas do Ambiente, a temperatura média diária da região varia entre os 12,5 e os 15°C. Para a precipitação os valores médios variam entre os 1400 e os 2000 mm por ano.

[6] Dada a inexistência de dados climatológicos relativos a Guimarães, utilizamos a Estação Climatológica de Braga.

De facto, trata-se de uma região ainda com forte influência atlântica, traduzindo-se num clima de temperaturas amenas, com pequenas amplitudes térmicas e forte pluviosidade média.

A ocorrência de vertentes nebulosas e nevoeiros frequentes, aliada a uma insolação relativamente baixa, completam, as características do clima da região em estudo.

Devido à influência da orografia em relação à linha do litoral e condições de clima atlântico, bem como a existência de inúmeras linhas de água, os índices de humidade atmosféricas são relativamente elevados, variando entre 75 a 80% (Atlas do Ambiente).

Passaremos de seguida a uma análise mais pormenorizada de cada elemento climático.

Temperatura (Gráfico 1) – Variação e Ritmo

A temperatura constitui um dos parâmetros climáticos fundamentais para o estudo do clima de uma dada região.

A temperatura média anual registada na Estação Climatológica de Braga/Posto Agrário é de 14°C, sendo a temperatura média do mês mais frio de 8°C em Janeiro, e a do mês mais quente de 20,2°C em Julho. Esta análise acentua o carácter moderado do clima local, com uma amplitude térmica média de 11,5°C.

Tal como revela o Gráfico 1, as temperaturas médias mínimas e máximas registadas nesta estação climatológica são de, respectivamente, 4,5°C no mês de Janeiro e de 27,2°C em Julho. Os valores máximos e mínimos absolutos são de 38,9°C também em Julho e de -4,1°C em Dezembro, respectivamente.

Vários factores, como o relevo (existência de montanhas com altitudes consideráveis) e a proximidade do mar (30 km em linha recta), determinam temperaturas elevadas no Verão e temperaturas relativamente baixas no Inverno. Para além disso, sabe-se que em áreas montanhosas (como é o caso da Serra da Penha) existe um arrefecimento que se traduz num gradiente de 1°C/182 m de altitude, resultante da expansão do ar devido à diminuição da pressão em altitude.

Precipitação (Gráfico 2)

A dinâmica geral da atmosfera é responsável pela irregularidade da distribuição das precipitações ao longo do ano, assim como pelo contraste acentuado que existe entre as estações. O Gráfico 2 permite observar que Julho e Agosto são os meses com menor precipitação. A maior concentração de precipitação ocorre no mês de Janeiro (217,1 mm) e a mínima em Julho (20,9 mm). O valor máximo diário foi de 114 mm em Novembro. A frequência das precipitações é determinada pelo número de dias

em que estas ocorrem, considerando que dia com precipitação é aquele que regista uma quantidade igual ou superior a 0,1 mm em 24 horas.

Dada a íntima relação entre a precipitação e a hipsometria (que se traduz num gradiente de 0,6 mm/m), podemos estar certos da sua influência no relevo montanhoso que constitui a Serra da Penha. De facto, este maciço montanhoso contribui para o desencadeamento de precipitações orográficas, já que ao "obrigar" o ar a subir, ele vai arrefecer por expansão, ocorrendo a condensação e precipitação no topo da encosta.

A precipitação é um elemento climático que assume extrema importância ao nível da vegetação, da natureza do solo e nas actividades humanas (nomeadamente na agricultura).

Humidade (Gráfico 3)

A humidade relativa média do ar, observada na Estação de Braga/Posto Agrário, regista os mínimos diurnos durante o período da tarde, uma vez que estes valores variam na razão inversa da temperatura, enquanto que, por outro lado, o arrefecimento nocturno provoca um aumento do valor deste parâmetro. A humidade relativa do ar está directamente relacionada com a temperatura e com a natureza das massas de ar no local. Este parâmetro manifesta grande influência ao nível dos comportamentos humanos e ao nível da propagação de incêndios florestais.

O clima da região em estudo é considerado húmido dado os valores médios anuais observados de 81% às 9 horas, que diminuem ao longo do dia para 75% às 18 horas. O que mais sobressai é que a humidade relativa do ar é sempre superior ao início do dia (9 horas).

Nevoeiro e Nebulosidade (Gráfico 4 e Gráfico 5)

O nevoeiro (Gráfico 4) é uma suspensão de gotículas muito pequenas de água na atmosfera que reduzem a visibilidade horizontal a menos de 1 km. O mecanismo mais frequente e eficaz do nevoeiro é o arrefecimento do ar húmido, o qual pode resultar do contacto da massa de ar com a superfície arrefecida pela emissão da radiação terrestre durante a noite (nevoeiro de radiação), do deslocamento horizontal (nevoeiro de advecção), ou na subida forçada de massas de ar numa encosta (nevoeiro orográfico).

Na região, verifica-se a ocorrência de nevoeiro durante cerca de 18 dias (18,4) ao longo de todo o ano com maior frequência nos meses de Verão (cerca de 3 dias em Julho e em Agosto). São os meses de Março (0,6) e Abril (0,5) em que a frequência de nevoeiro é menor (Gráfico 4).

De referir alguma probabilidade de ocorrência de nevoeiros de radiação e orográficos resultantes das condições topográficas, que favorecem os fenómenos de acumulação, e de vertentes nebulosas

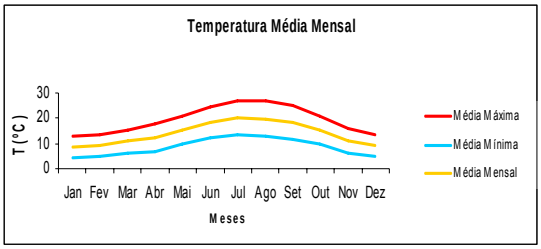
associadas às encostas viradas para o Atlântico. Este facto é frequentemente visível nos níveis mais altos do maciço montanhoso da Serra da Penha.

É muito frequente na região a ocorrência de vertentes nebulosas (Gráfico 5), verificando-se o céu muito nublado (N<8) em 122,9 dias por ano. O céu pouco nublado (N<2) ocorre em média em cerca de 126 dias por ano e apresenta valores máximos nos meses de Verão (Julho e Agosto).

Em suma, o clima é caracterizado por uma estação relativamente temperada e que corresponde ao período das chuvas. A época quente corresponde à estação seca. A amplitude térmica é fraca, pois, mesmo na estação seca, o ar é húmido. Aqui, também as chuvas ocorrem mais no Outono e Inverno, sendo os meses de Junho e Julho considerados já secos.

Elementos do Clima:

Gráfico 1 – Temperatura

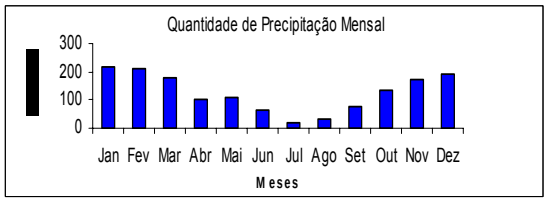


Temperatura Média Anual – 14ºC
Temperatura Média do Mês mais Frio – 8ºC (Janeiro)
Temperatura Média do Mês mais Quente – 20,2ºC (Julho)

Temperatura Média Mínima – 4,5ºC (Janeiro)
Temperatura Média Máxima – 27,2ºC (Julho)

Fonte: Câmara Municipal de Guimarães

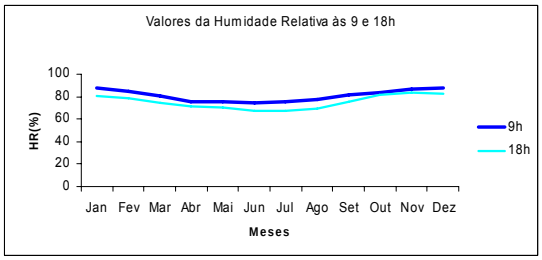
Gráfico 2 – Precipitação



Precipitação Média Anual – 1514,8 mm
Mês com Menor Precipitação – Julho (20,9 mm)
Mês com Maior Precipitação – Janeiro (217,1 mm)

Fonte: Câmara Municipal de Guimarães

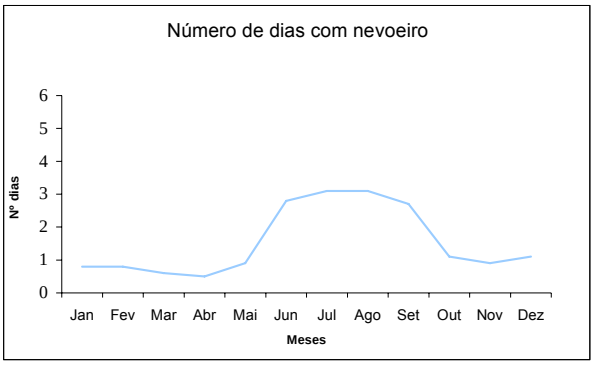
Gráfico 3 - Humidade



Média Anual às 9h – 81%
Média Anual às 18h – 75%

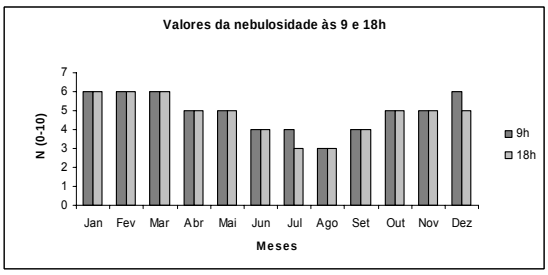
Fonte**:** Câmara Municipal de Guimarães

Gráfico 4 - Nevoeiro



Fonte: Câmara Municipal de Guimarães

Gráfico 5 – Nebulosidade



Maior Nebulosidade às 9h– Dezembro
Maior Nebulosidade – Janeiro, Fevereiro, Março e Dezembro
Menor Nebulosidade – Junho, Julho e Agosto

Fonte: Câmara Municipal de Guimarães

Espaços Florestais

A área florestal do concelho de Guimarães (Figura 7) é bastante extensa, abrangendo cerca de 32,4% do território concelhio (78,4 km^2). Caracteriza-se como bastante homogénea, sob o ponto de vista da diversidade de espécies, com um elevado grau de combustibilidade e minifundiária de propriedade.

As freguesias que se encontram mais densamente florestadas e que na estação seca são mais atingidas por incêndios florestais são: Abação; Arosa; Atães; Balazar; Briteiros S. Salvador; Briteiros, S^{ta} Leocádia; Costa; Gonça; Gondomar; Infantas; Longos; Rendufe; Sande S. Clemente; S. Torcato e Souto S. Salvador.

Os espaços florestais do concelho de Guimarães caracterizam-se pelo predomínio de povoamentos mistos de pinheiro bravo (*Pinus pinaster* Ait.), eucalipto (*Eucalyptus globulus* Labill.), matos e zonas agrícolas, habitualmente com situações de vegetação espontânea. O carvalhal corresponde à vegetação climática da região.

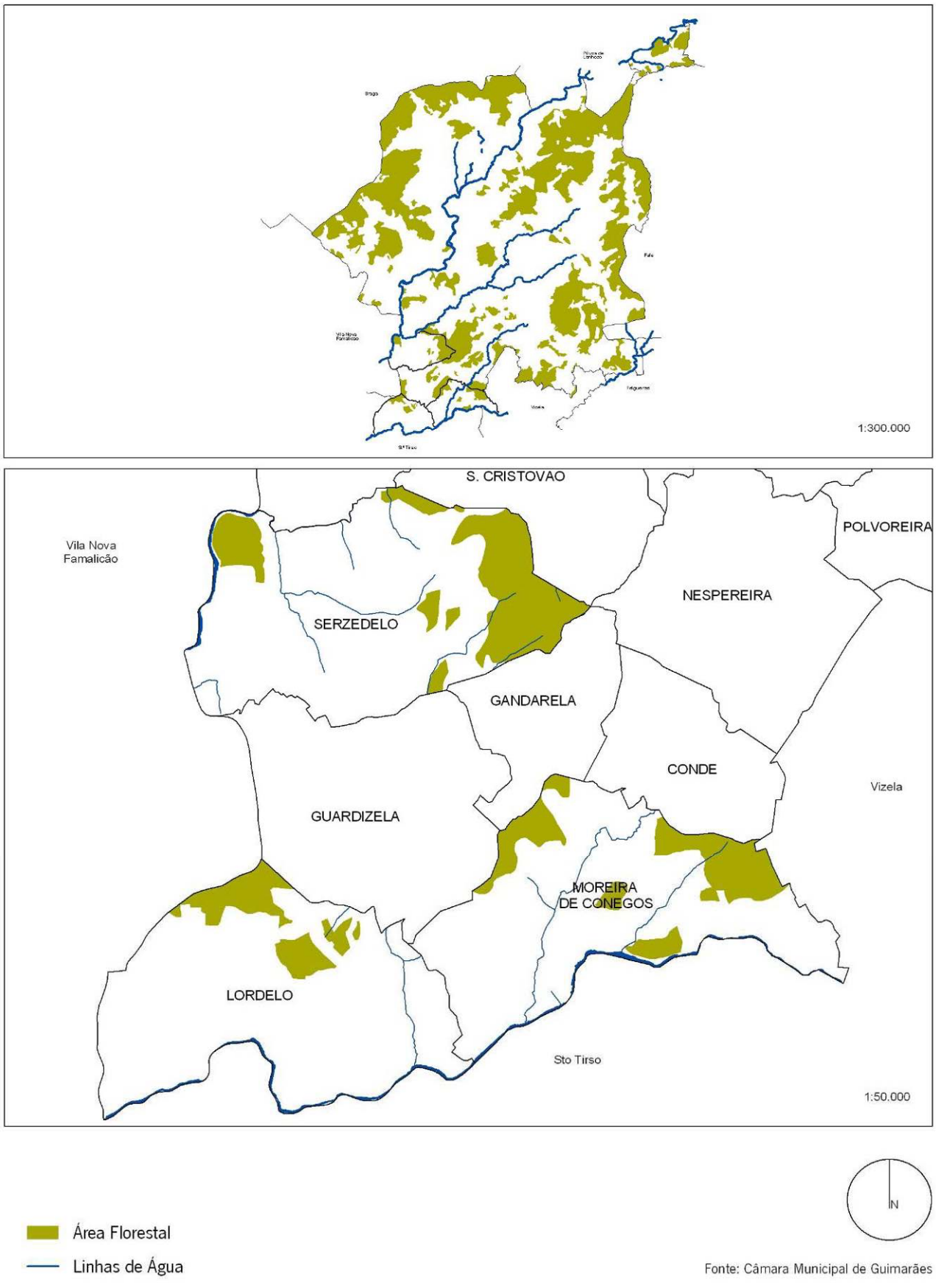
Relativamente às espécies autóctones mais frequentes identifica-se a presença de carvalho-alvarinho (*Quercus robur* L.), azereiro (*Prunus lusitanica* L.), medronheiro (*Arbutus unedo* L.) e gilbardeira (*Ruscus aculeatus* L.).

Quanto às espécies alóctones salienta-se a presença do castanheiro (*Castanea sativa* Mill.) e da faia (*Fagus sylvatica* L.) que se encontram bem adaptadas ao nosso clima.

Como factores de preocupação ecológica destacam-se o aumento acentuado das populações de eucalipto, o que ocorre principalmente em detrimento do pinheiro-bravo, e a diminuição do carvalhal em área florestada. Deste modo, a recuperação de carvalhais, ou a sua regeneração natural, deve constituir uma medida prioritária para a protecção e recuperação dos solos degradados, o aumento da biodiversidade (consequente desenvolvimento de fauna silvestre e cinegética) e a valorização da paisagem, diminuindo o risco de incêndio.

Nas freguesias de Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo, a área florestal ocupa uma pequena percentagem do seu território, concentrando -se junto aos limites das mesmas.

Figura 7 - Mapa da Floresta



Fonte: Câmara Municipal de Guimarães

Rios e ribeiras

O concelho de Guimarães integra-se, na totalidade da sua área, na bacia hidrográfica do Ave, que possui uma área total de 1390 Km^2. Esta é limitada a norte pela bacia do Cávado, a leste pela bacia do Douro e a sul pelas bacias do Leça e do Douro (Figura 8).

O rio Ave percorre cerca de 100 km desde a sua nascente (Serra da Cabreira) até à sua foz (Vila do Conde). Os seus principais tributários são na sua margem esquerda, o rio Vizela e, na sua margem direita o rio Este.

No concelho de Guimarães, as linhas de água mais representativas do Ave são o rio Vizela e o rio Selho, sendo de referir a elevada densidade de linhas de água existentes, associada a declives suaves e perturbações de escoamento que originam zonas com drenagem deficiente, traduzidos por longos períodos de encharcamento e, na ocorrência de cheias em determinadas áreas durante a estação do Inverno. Com excepção dos sectores próximos das nascentes, a maioria dos cursos de água desta bacia apresenta graves perturbações tanto de carácter físico-químico, como biológico.

Assim, verifica-se nestas áreas uma crescente degradação da cortina ripária, uma alteração do canal hidrográfico, uma drenagem deficiente e uma reduzida qualidade da água, influenciando negativamente as comunidades aquáticas existentes. Como exemplo deste desequilíbrio refira-se as inundações, que ciclicamente afectam parte da cidade, em grande parte consequência das impermeabilizações das cabeceiras de linhas de água, de obstáculos construídos nos leitos de cheia e do arrastamento de terras e outros materiais provenientes de áreas despidas de vegetação.

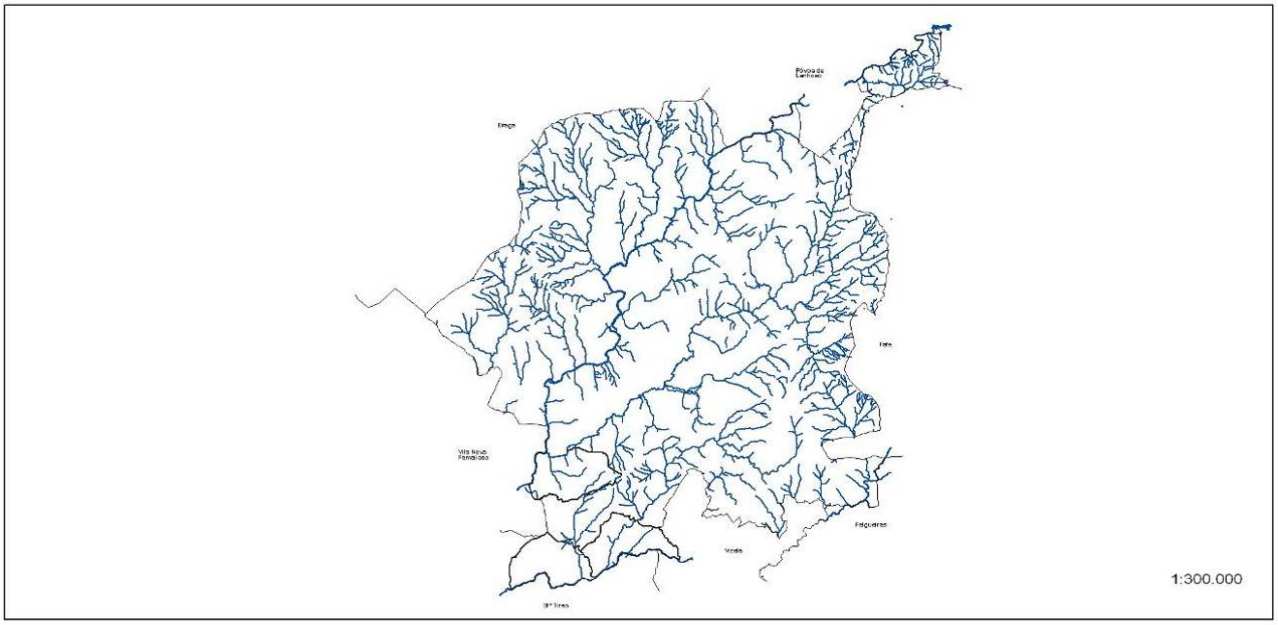
Como aspecto positivo para a conservação deste ecossistema salienta-se a não extracção de areia nos leitos dos rios.

As ribeiras deste concelho apresentam-se, de uma maneira geral, em mau estado de conservação, dado a canalização de alguns troços e os vestígios de poluição, nomeadamente relativos a descargas de resíduos domésticos. Deste modo, torna-se urgente a adopção de instrumentos de recuperação das margens ripícolas e de tratamento da qualidade da água.

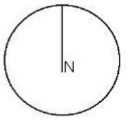
No entanto, convém referir a existência de troços, nomeadamente os situados mais a montante, que apresentam margens em bom estado de conservação, como é o caso do troço da ribeira de Costa/Couros em estado quase natural. Este troço atravessa o Parque da Cidade, e apresenta na sua margem esquerda, já na Veiga de Creixomil, bons terrenos para a prática da agricultura.

A Oeste, o rio Ave delimita a freguesia de Serzedelo separando-a do concelho de Vila Nova de Famalicão. O limite Norte desta freguesia coincide com o percurso do rio Selho.O limite Sul das freguesias de Lordelo e Moreira de Cónegos é feito pelo rio Vizela

Figura 8 - Mapa Hidrológico







Linhas de Água

Fonte: Câmara Municipal de Guimarães

Rede Viária

O Concelho de Guimarães é atravessado por uma rede de estradas muito significativa, (Figura 9) definida por três Estradas Nacionais (EN 101, EN 206 e EN 105) convergindo todas elas para a área central da Cidade, complementadas por uma rede municipal densa. Ao nível local, intra-concelho, as vias e caminhos municipais assumem uma importância capital na ligação das populações. Assim sendo, está assegurada a mobilidade das pessoas através de transportes rodoviárias, quer deslocações para o trabalho, quer para escola e para efeitos de lazer.



Traçado da Rodovia Sul, Braga
Fonte: DOMINGUES, Álvaro *"Cidade e Democracia – 30 Anos de Transformação Urbana em Portugal" (2006:150)*

Por outro lado, o IC - 5/A7 e o IP -9/A11, permitem a mobilidade de bens e pessoas para outros Concelhos, bem como, a aproximação a grandes pólos dinamizadores (Porto e Braga).

Para além da rede viária, o Concelho conta, também com a rede ferroviária – Guimarães – Porto.

"A recente abertura da renovada Linha Ferroviária de Guimarães, a partir da cidade do Porto, veio evidenciar o papel multimodalidade no sistema de transportes, na medida em que a utilização do comboio, por exemplo nas

deslocações entre essas duas cidades, passou a ter um lugar mais visível no conjunto das alternativas possíveis. É certo que, no futuro aumentará necessariamente o papel da ferrovia nesta região metropolitana por duas razões fundamentais: em primeiro lugar pelo aumento do congestionamento automóvel nos centros e periferias das principais cidades e, em segundo lugar, pelo aumento da conectividade entre os sistemas alternativos, o que os torna gradualmente mais competitivos." [7]

As freguesias de Lordelo e Moreira de Cónegos apresentam-se, no contexto concelhio, privilegiadas a nível viário: ambas são atravessadas pela estrada nacional 105, usufruem de uma rede capilar de estradas e caminhos municipais que facilitam as deslocações e a proximidade de lugares, ao longo dos dois povoados de urbanização difusa. A freguesia de Lordelo usufrui ainda, da passagem pelo seu território da via inter-municipal (V.I.M.). As duas freguesias citadas têm ao dispor das suas populações a linha ferroviária, Guimarães – Porto, com as seguintes paragens na área: Moreira de Cónegos, Lordelo-Cuca e Lordelo-Novo.



Portagem da A7 e ligação à variante rodoviária sul, Vila Nova de Famalicão
Fonte: DOMINGUES, Álvaro *"Cidade e Democracia – 30 Anos de Transformação Urbana em Portugal" (2006:171)*

[7] gng.apb, Arquitectura e Planeamento, Ida, "Linha Ferroviária Guimarães – Braga – Extensão Cidade/Taipas" – Programa Preliminar - Documento de Trabalho, Março 2006.

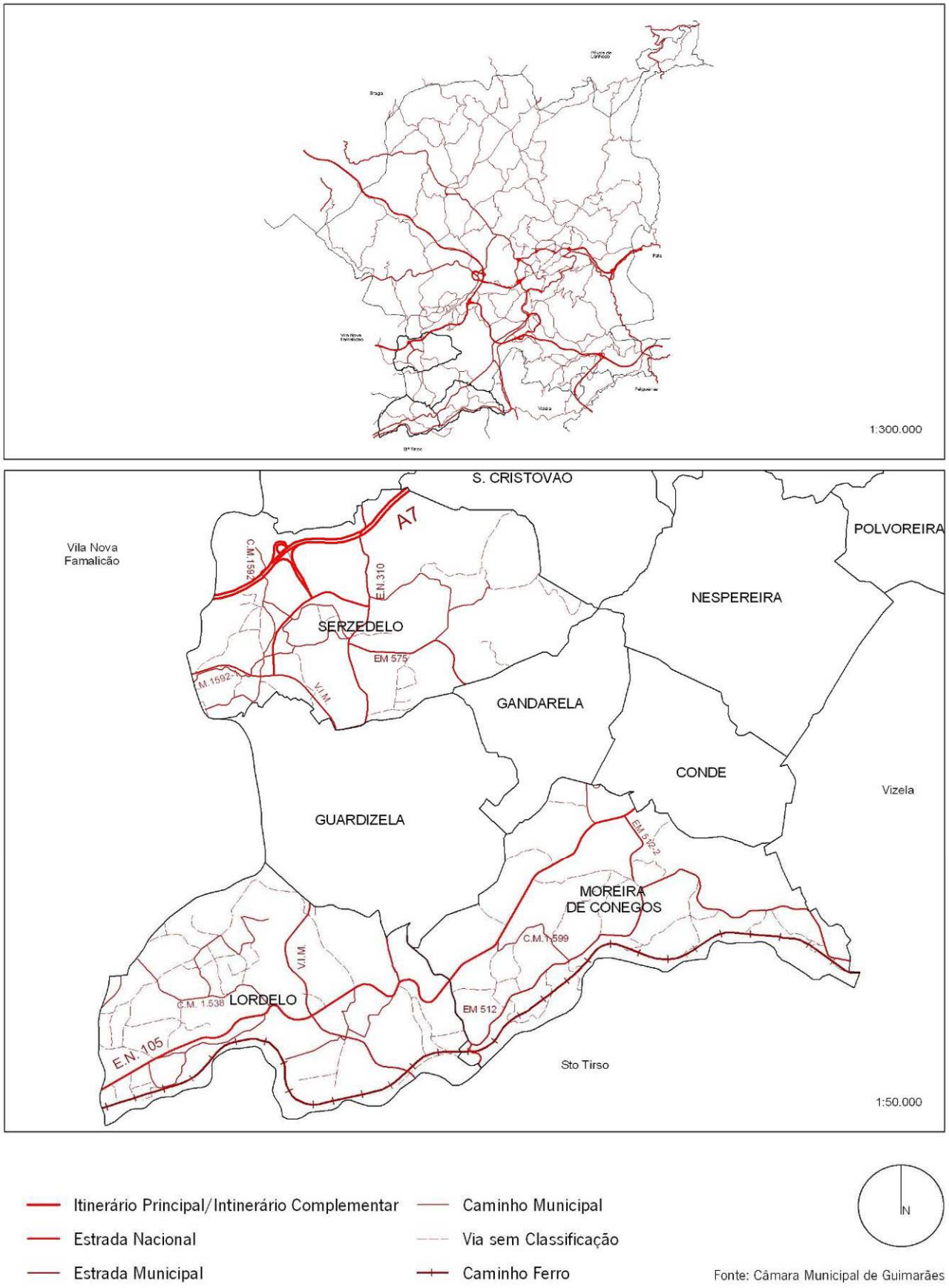
A freguesia de Serzedelo, não menos beneficiada, dispõe da passagem e de um nó de ligação da auto-estrada (A7), de um troço da estrada municipal 310, da passagem da via inter-municipal (V.I.M.) e de uma rede de estradas e caminhos municipais.

Concluímos que, talvez dada a sua localização geográfica – de, por lado, um pequeno afastamento da sede de concelho, por outro lado a sua grande proximidade com outros concelhos - quanto às vias de comunicação, as três freguesias oferecem aos seus habitantes uma boa acessibilidade, intra-concelho e inter-concelhos, não padecendo de um isolamento que os impeça de se deslocarem no território concelhio, regional e outro.



Gare ferroviária no limite sul da cidade, Guimarães
Fonte: DOMINGUES, Álvaro *"Cidade e Democracia – 30 Anos de Transformação Urbana em Portugal" (2006:160)*

Figura 9 - Rede Viária



Fonte: Câmara Municipal de Guimarães

Caracterização Sócio-Demográfica:

O capítulo, que se segue, está particularmente imbuído de uma importância capital, não só porque podemos analisar, comparar e aferir de quantos somos, quem somos, o que fazemos e o que pretendemos projectar, mas, sobretudo porque nos ajuda a planear e a ordenar a ocupação do Território.

Deste modo, a população é um suporte base aos vários estudos, sejam eles sociais, económicos, programação de equipamentos de uso colectivo, mobilidades...

O Concelho de Guimarães apresenta-se no panorama nacional, e até europeu, como sendo um concelho muito jovem a nível populacional. A análise que se segue, permite-nos pois, avaliar a evolução da população residente ao longo dos tempos, a mobilidade da mesma, a variação, a densidade populacional, a evolução da estrutura etária, reflectida na respectiva pirâmide etária, os índices de dependência jovem e idosa, a evolução das taxas de natalidade e mortalidade e a evolução do índice de envelhecimento que reflectem a diminuição do número de nascimento e óbitos.

1 - Evolução comparada (1991-2001) das variáveis: população residente, crescimento natural, saldo migratório, variação da estrutura etária e composição das famílias, em diferentes entidades espaciais:

A – Evolução da População Residente (1991/2001)

Quadro 2 – População Residente

Entidades Espaciais	1991	2001	Taxa de Variação (%)
Continente	9371319	9869343	5,3%
Norte	3472715	3687293	6,2%
Ave	466074	509968	9,4%
Guimarães	143984	159576	10,8%
Lordelo	4848	4641	- 4,3%
Moreira de Cónegos	5994	5828	- 2,8%
Serzedelo	4057	4073	0,4%

Fonte: INE – Censos 1991 e 2001

À excepção das freguesias de Lordelo e Moreira de Cónegos, em todas as Entidades Espaciais se verifica uma taxa de variação positiva, embora o Concelho de Guimarães apresente o valor mais significativo.

B - Densidade Populacional em 1960,1970,1981, 1991 e 2001 (hab/km²)

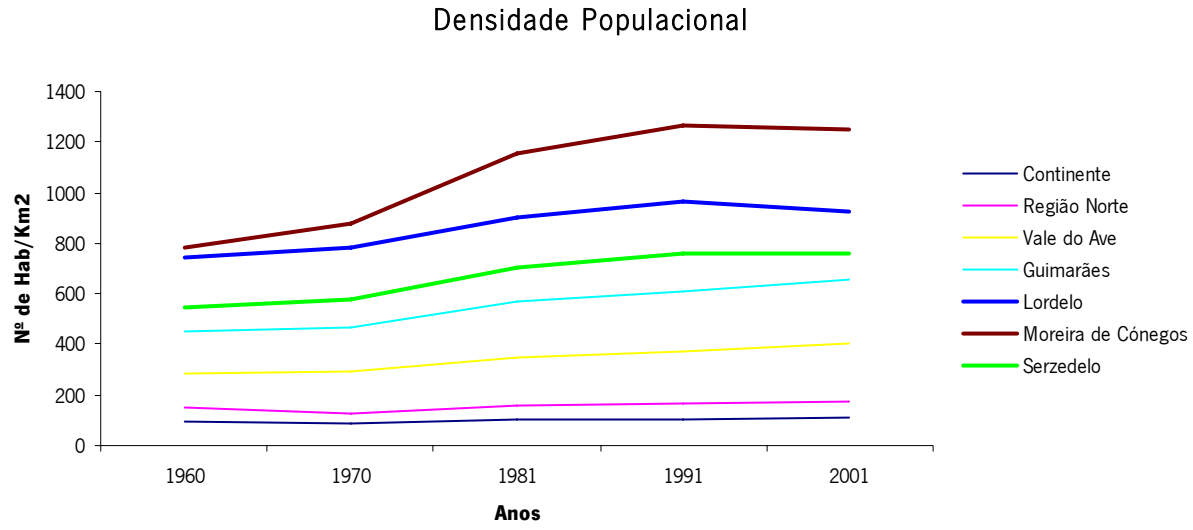
Quadro 3 - Densidade Populacional

Ent.Espacial	1960	1970	1981	1991	2001
Continente	93,4	90,9	105,2	105,5	106,9
Norte	153	128	161	164	173,7
Ave	286	296	345	368	406,9
Guimarães	451	469	569	611	659,3
Lordelo	746,3	779,4	903,0	967,7	926,3
Moreira de Cónegos	785,0	877,6	1152.3	1264,6	1250,6
Serzedelo	547,2	577,7	700,2	759,7	761,3

Fonte: X, XI, XII e XIII e XIV Recenseamentos Gerais da População, I.N.E., Lisboa, 1960, 1970, 1981, 1991 e 2001.

Densidade Populacional do Concelho: 659,4 Hab/Km²

Gráfico 6 - Evolução das Densidades Populacionais, por Unidade Territorial, de 1960/2001



Fonte: X, XI, XII, XIII e XIV Recenseamentos Gerais da População, I.N.E., Lisboa, 1960, 1970, 1981, 1991 e 2001.

C – Taxa de Crescimento Natural, Taxa de Natalidade e Taxa de Mortalidade (2001)

Quadro 4 - Taxa de Crescimento Natural, Taxa de Natalidade e Taxa de Mortalidade (2001)

Entidades Espaciais	Taxa de Crescimento Natural (‰)	Taxa de Natalidade (‰)	Taxa de Mortalidade (‰)
Portugal	0,7 (‰)	10,9 (‰)	10,2 (‰)
Norte	2,6 (‰)	11,4 (‰)	8,7 (‰)
Ave	4,9 (‰)	12,1 (‰)	7,2 (‰)
Guimarães	6,2 (‰)	12,7(‰)	6,5 (‰)
Lordelo	- 0,3 (‰)	9,2 (‰)	9,5 (‰)
Moreira de Cónegos	5,6 (‰)	11,3 (‰)	5,7 (‰)
Serzedelo	3,7 (‰)	8,6 (‰)	4,9 (‰)

Fonte: INE - Anuário Estatístico da Região Norte 2002.

As Taxas apresentadas reflectem a maior ou menor variação populacional, Quadro 2 nas Entidades supra-referidas.

O Concelho de Guimarães regista os valores mais elevados quer na Taxa de Crescimento Natural, quer na Taxa de Natalidade. No que diz respeito à Taxa de Mortalidade, a freguesia de Serzedelo é a entidade espacial com menor número de óbitos, seguindo-se Moreira de Cónegos e o Concelho de Guimarães.

Devemos salientar como facto mais relevante a elevada Taxa de Mortalidade em Lordelo, que se traduz numa Taxa de Crescimento Natural Negativo.

D - Crescimento Natural e Saldo Migratório (1991/2001)

Quadro 5 - Crescimento Natural e Saldo Migratório (1991/2001)

Entidades Espaciais	População Residente - 1991	População Residente - 2001	Crescimento Natural	Saldo Migratório
Norte	3472715	3687293	118675	95903
Ave	466074	509968	28086	15808
Guimarães	143984	159576	11946	3646

Fonte: INE – Censos 1991 e 2001, Estatísticas Demográficas de 1992 a 2001 e Câmara Municipal de Guimarães

Quadro 6 - Entidade Espacial: Guimarães

Entidade Espacial: Guimarães							
População Residente 1981	População Residente 1991	População Residente 2001	Crescimento Natural 1981/1991	Crescimento Natural 1991/2001	Saldo Migratório 1981/1991 A	Saldo Migratório 1991/2001 B	Crescimento Migratório (B – A)
146959	143984	159576	16749	11946	- 6119	3646	9762

Fonte: INE – Censos 1991 e 2001, Estatísticas Demográficas de 1992 a 2001 e Câmara Municipal de Guimarães.

Em todas as Entidades Espaciais (Quadro 5), verifica-se uma situação idêntica, isto é, o Crescimento Natural é positivo (maior número de nascimentos em relação ao número de óbitos) e o Saldo Migratório também é positivo, o que significa que a população que entra nessas Entidades (imigrantes) é maior do que a população que sai (emigrantes).

Relativamente ao peso do Saldo Migratório nas três Entidades Espaciais: o Norte apresenta 2,6%, a Região do Ave 3,09% e o Concelho de Guimarães 2,28%. Conclui-se que é a Região do Ave que denota maior atracção.

Observando o Quadro 6, respeitante ao Saldo Migratório em dois períodos (1981/1991 e 1991/2001) para o Concelho de Guimarães, deparamo-nos: no primeiro período com um saldo negativo, embora se admita que o valor esteja sobrelevado, devido às anomalias verificadas nos Censos de 1991 e à emigração, ainda crescente, na primeira década dos anos oitenta, neste Concelho.

No que diz respeito ao crescimento migratório (diferença entre o Saldo Migratório 1991/2001 e o Saldo Migratório 1981/1991) apresenta um valor favorável, significando, provavelmente que o Concelho de Guimarães tem vindo a ganhar atractividade na fixação de população.

E – Estrutura Etária

Quadro 7 - Variação Estrutura Etária (1991/2001)

Entidades Espaciais	Grupos Etários (Variação)				
	0 – 14 anos	15 – 24 anos	25 – 64 anos	65 e + anos	Tx. de Variação
Continente	-15,7%	- 8,2%	11,9%	26,9%	5,3%
Norte	-16,0%	-10,9%	17,1%	29,7%	6,2%
Ave	-13,8%	-9,7%	23,6%	37,0%	9,4%
Guimarães	-13,1%	-9,6%	26,9%	42,8%	10,8%
Lordelo	- 25,6%	- 21,3%	2,8%	42,6%	- 4,3%
Moreira de Cónegos	- 23,4%	- 19	7,2%	39,3%	- 2,8%
Serzedelo	- 26,8%	- 8,8%	12,6%	38,4%	0,4%

Fonte: INE – Censos 1991 e 2001

No quadro respeitante à variação da Estrutura Etária (1991/2001) verifica-se que nos dois primeiros grupos etários (0 -14 anos; 15 - 24 anos), as variações são negativas em todas as unidades geográficas, em estudo, apresentando-se mais acentuadas no Continente e na Região Norte. Este facto resulta, principalmente, da diminuição do número de nascimentos.

No que diz respeito aos dois últimos grupos etários (25 -64 anos; 65 e + anos), constata-se que os maiores crescimentos se registaram no Concelho de Guimarães, na Região do Ave e nas três freguesias, em estudo, isto é, maior peso da população activa e da população idosa.

E – Composição das Famílias

Quadro 8 - Número de Famílias Clássicas e Número Médio de Pessoas/Família (1991/2001)

Entidades Espaciais	Nº de Famílias Clássicas		Nº Médio de Pessoas/Família	
	1991	2001	1991	2001
Continente	3016420	3505292	3,1	2,8
Norte	1008923	1210631	3,4	3,0
Ave	125197	157724	3,7	3,2
Guimarães	36865	48214	3,9	3,3
Lordelo	1347	1453	3,6	3,2
Moreira de Cónegos	1577	1768	3,8	3,3
Serzedelo	1050	1229	3,9	3,3

Fonte: INE – Censos 1991 e 2001, Anuário Estatístico da Região Norte 2002 e Câmara Municipal de Guimarães

Quanto ao número médio de pessoas/família, verifica-se que em todas as Entidades Espaciais, a tendência é para a nuclearização das famílias sobretudo no Continente e na Região Norte. O Concelho de Guimarães é o que apresenta o maior número de pessoas/família (3,3), a mesma tendência é análogo nas freguesias em estudo. Este facto, generalizado, confirma o decréscimo da Taxa de Natalidade, reflectido na base da Pirâmide Etária.

2 – Desagregação por Freguesia de Indicadores Demográficos (Concelho de Guimarães)

Na tentativa de um conhecimento mais detalhado das freguesias em estudo, procedeu-se a uma análise mais desagregada, na qual foram estudados alguns indicadores demográficos mais significativos, a saber:

População Residente; Densidade Populacional; Pirâmide Etária; Grupos Etários; Índices (Envelhecimento, Dependência Jovem e Dependência Idosa) Famílias e Alojamentos.

Figura 10 - População Residente do Concelho de Guimarães (2001)

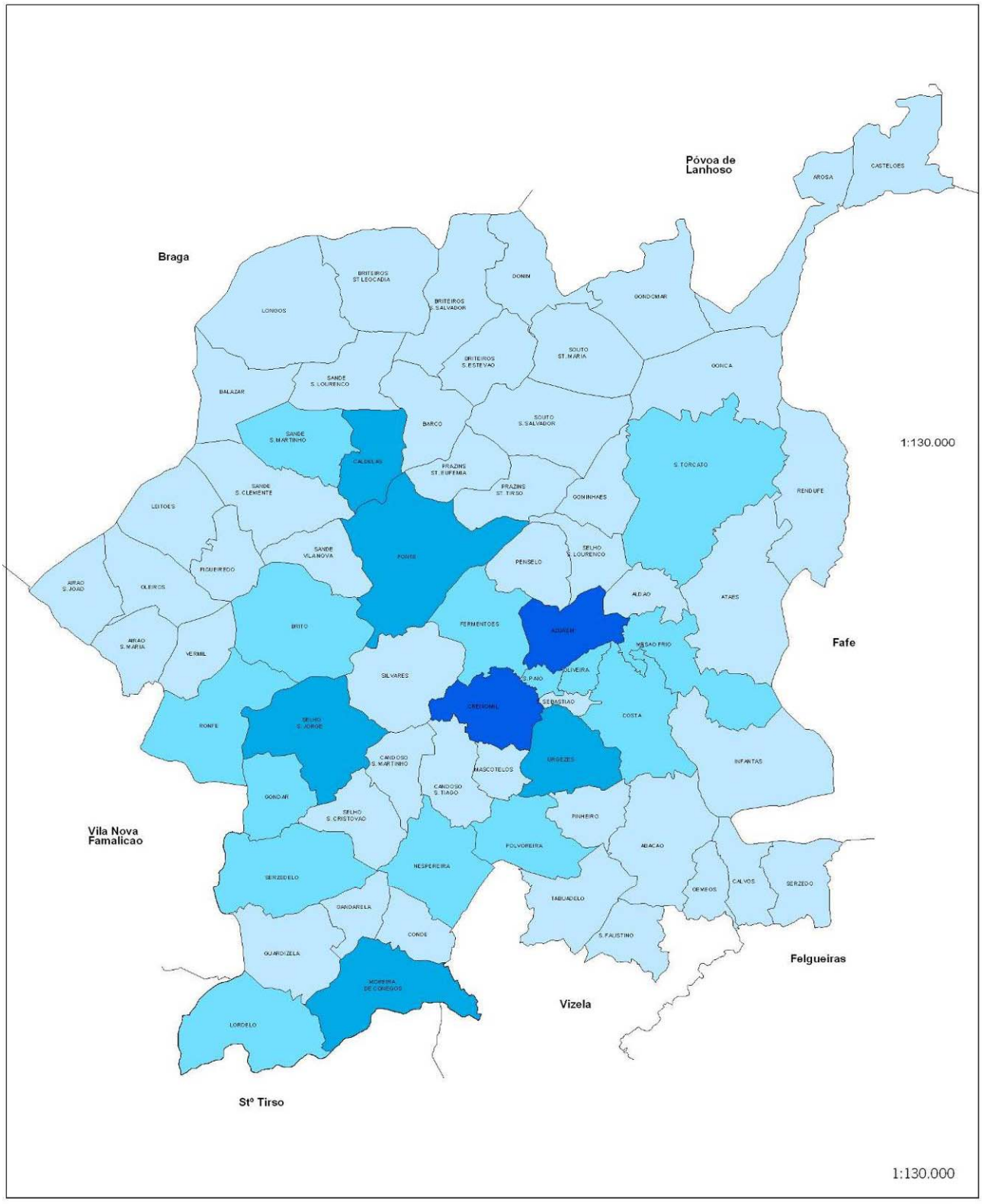
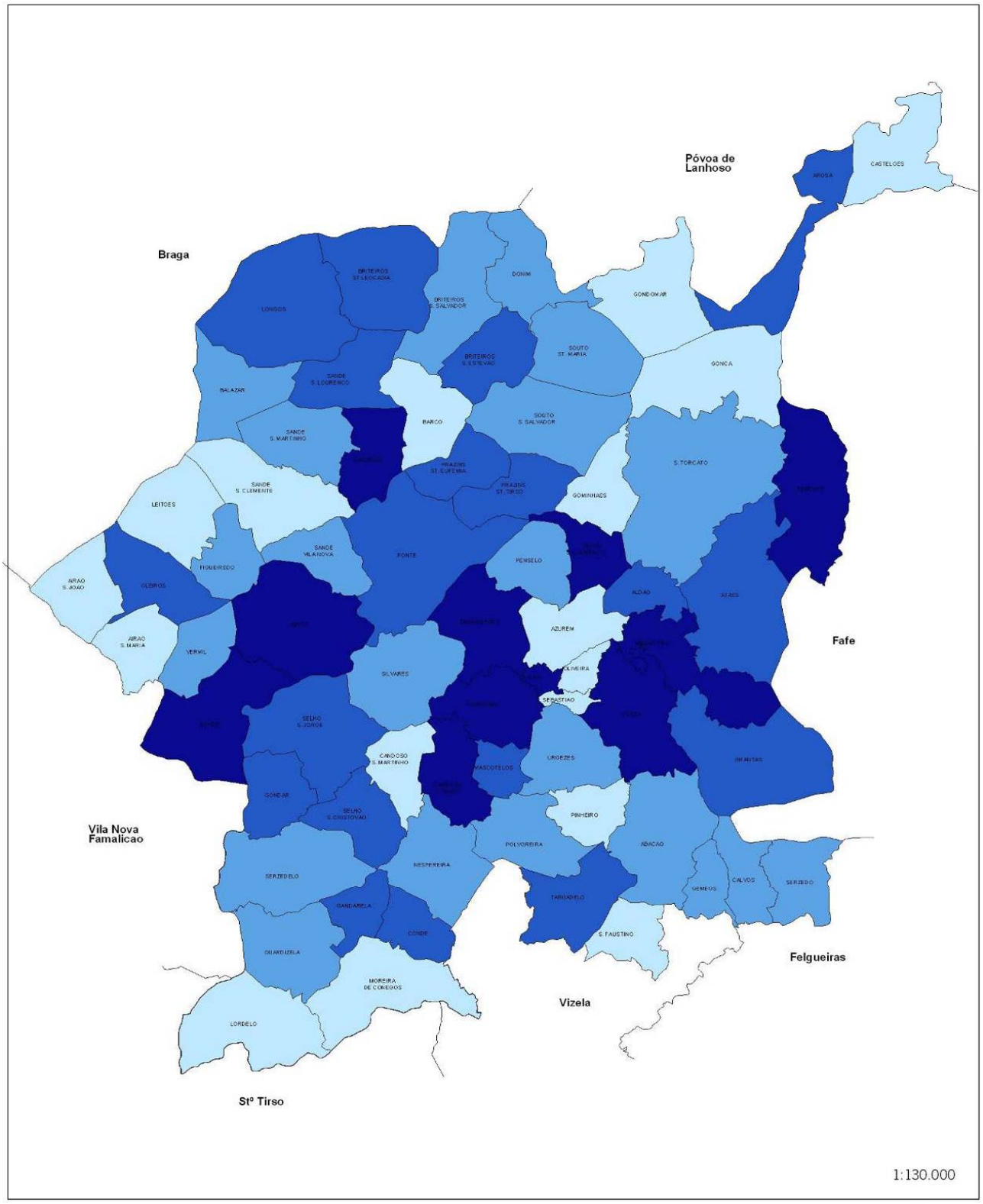


Figura 11 - Taxa de Variação da População Residente por Freguesia 1991/2001



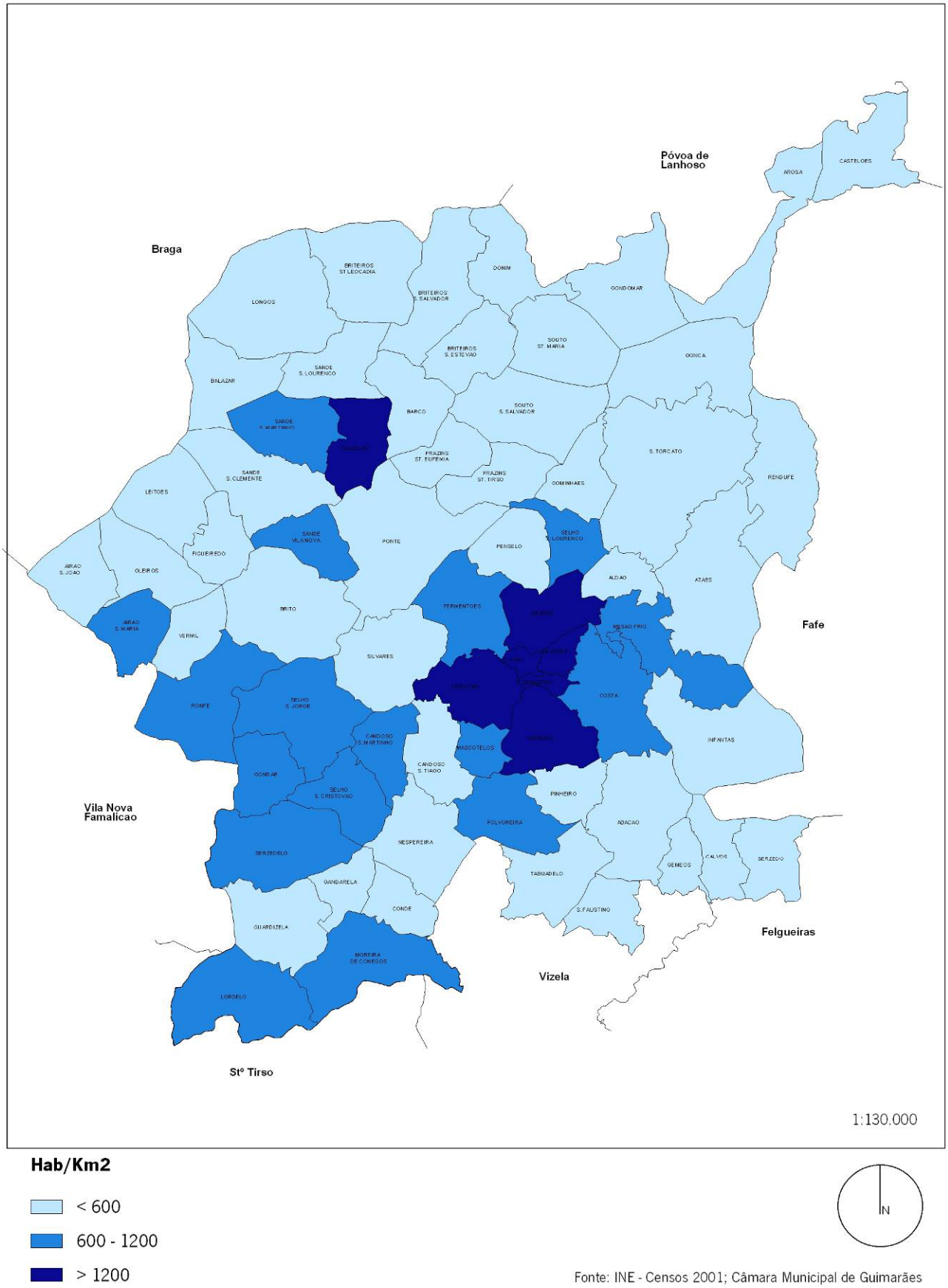
Quadro 9 - Variação da população no concelho de Guimarães de 1991 para 2001

Grupo I **Freguesias com crescimento negativo**		**Grupo II** **Freguesias com crescimento positivo lento (0 – 10%)**		**Grupo III** **Freguesias com crescimento Positivo (10% - 25%)**		**Grupo IV** **Freguesias com crescimento positivo mais rápido (>25%)**	
Airão Sta. Maria Airão	(-5%)	Abação	(5,7%)	Atães	(20,0%)	Brito	(28,5%)
S. João	(-12,5%)	Balazar	(5%)	Aldão	(10,3%)	Caldelas	(35,6%)
Azurém	(-13,4%)	Briteiros S. Salvador	(0,5%)	Arosa	(16,2%)	Candoso Santiago	(62,7%)
Barco	(-1,3%)	Calvos	(0,5%)	Briteiros Sto. Estevão	(17,6%)	Costa	(40,0%)
Candoso S. Martinho	(-5,0%)	Donim	(4,9%)	Briteiros Sta. Leocádia	(10,5%)	Creixomil	(31,2%)
Castelões	(-11,7%)	Figueiredo	(5,0%)	Conde	(25,0 %)	Fermentões	(25,9%)
Gominhães	(-7,8%)	Gémeos	(0,0%)	Gandarela	(12,6%)	Mesão Frio	(29,8%)
Gonça	(-6,1%)	Guardizela	(1,5%)	Gondar	(10,1%)	Ponte	(25,0%)
Gondomar	(-10,7%)	Nespereira	(6,4%)	Infantas	(19,1%)	Rendufe	(31,1%)
Oliveira do Castelo	(-6,5%)	Pencelo	(7,1%)	Longos	(19,1%)	Ronfe	(28,2%)
S. Sebastião	(-16,0%)	Polvoreira	(5,3%)	Mascotelos	(21,1%)	S. Paio	(35,1%)
Leitões	(-3,4%)	S. Torcato	(6,8%)	Oleiros	(13,6%)	Selho S. Lourenço	(40,0%)
Lordelo	(-4,3%)	Sande S. Martinho	(5,8%)	Prazins Sta. Eufémia	(10,3%)		
Moreira de Cónegos	(-2,8%)	Sande Vila Nova	(0,2%)	Prazins Sto. Tirso	(16,5%)		
Pinheiro	(-0,9%)	Serzedelo	(0,4%)	Sande S. Lourenço	(12,5%)		
Sande S. Clemente	(-1,7%)	Serzedo	(5,9%)	Selho S. Cristovão	(19,0%)		
S. Faustino	(-3,0%)	Silvares	(8,4%)	Selho S. Jorge	(22,8%)		
		Souto S. Salvador	(5,8%)	Tabuadelo	(10,3%)		
		Souto Sta. Maria	(9,3%)				
		Urgeses	(8,6%)				
		Vermil	(6,3%)				

Média Concelhia: 10,8%

Fonte: XIII e XIV Recenseamentos Gerais da População, I.N.E., Lisboa, 1991, 2001 e Câmara Municipal de Guimarães.

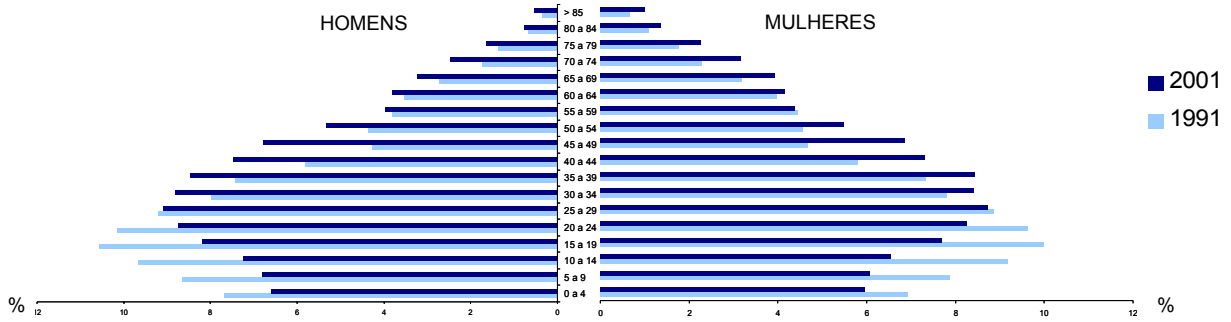
Figura 12 - Densidade Populacional do Concelho de Guimarães, em 2001



Fonte: INE - Censos 2001; Câmara Municipal de Guimarães

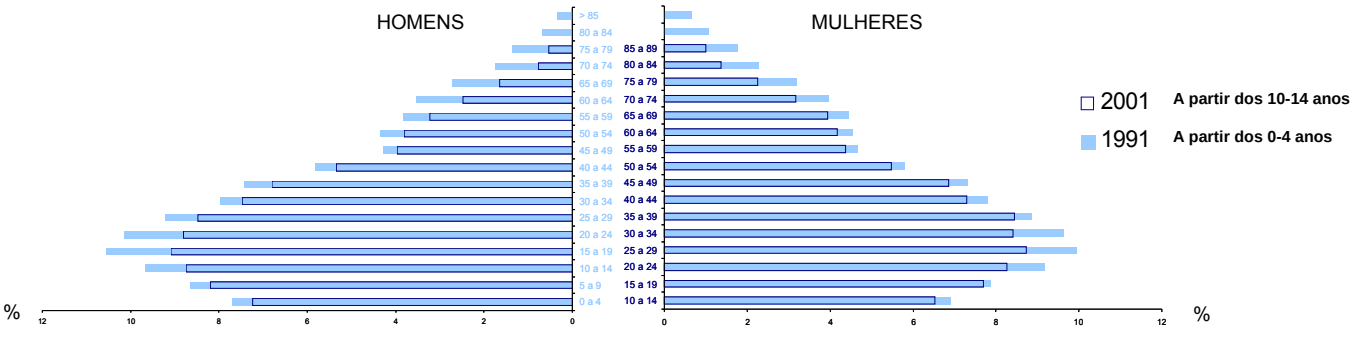
Estrutura Etária da População

Figura 13 - Pirâmide Etária do Concelho de Guimarães (1991/2001)



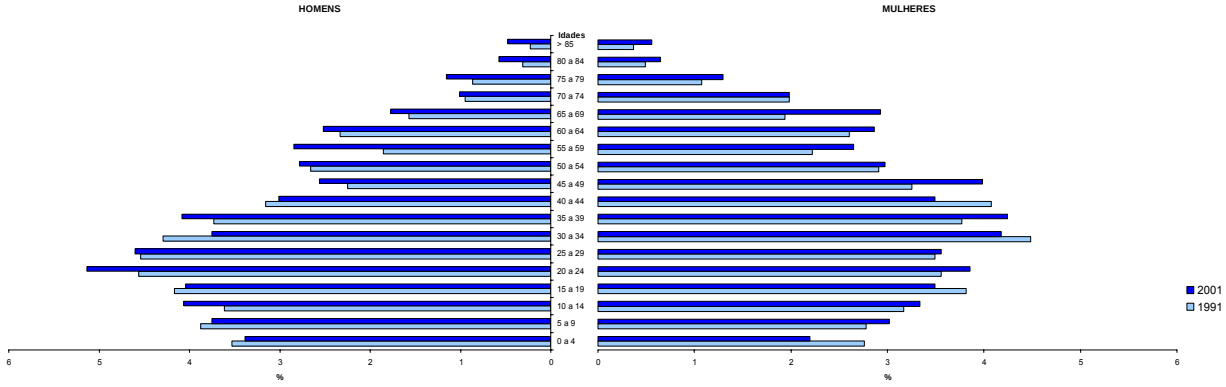
Fonte: INE - Censos 1991/2001 e Câmara Municipal de Guimarães

Figura 14 – Pirâmide Etária Sobreposta do Concelho de Guimarães (1991/2001)



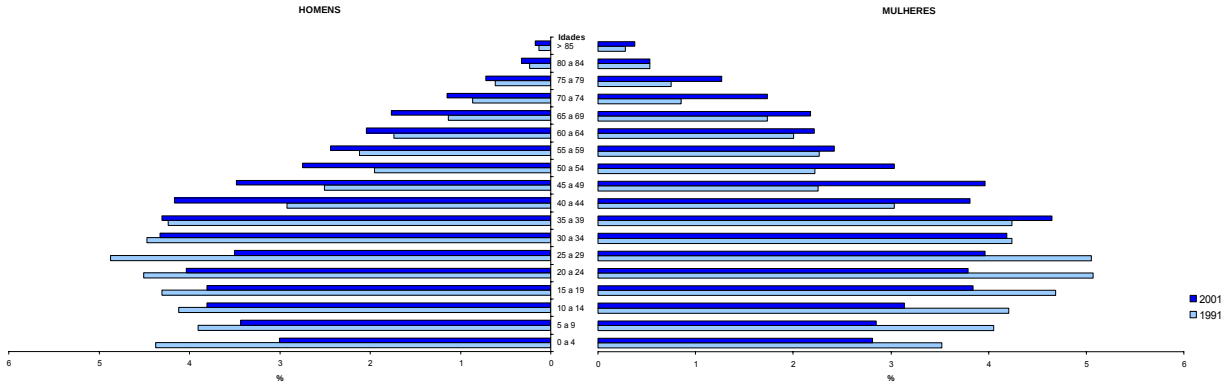
Fonte: INE - Censos 1991/2001 e Câmara Municipal de Guimarães

Figura 15 - Pirâmide Etária - Lordelo



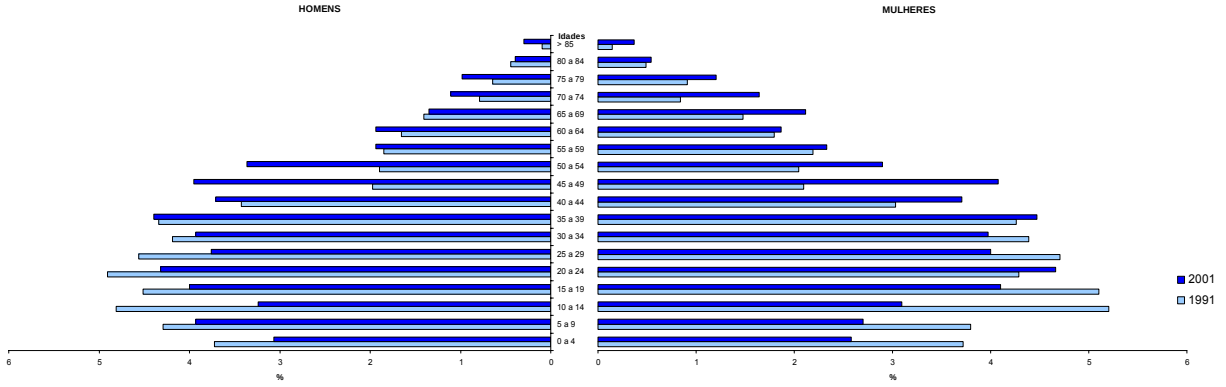
Fonte: INE - Censos 1991/2001 e Câmara Municipal de Guimarães

Figura 16 - Pirâmide Etária - Moreira de Cónegos



Fonte: INE - Censos 1991/2001 e Câmara Municipal de Guimarães

Figura 17 - Pirâmide Etária – Serzedelo



Fonte: INE - Censos 1991/2001 e Câmara Municipal de Guimarães

Figura 18 – Grupo Etário - 0 -14 anos (2001)

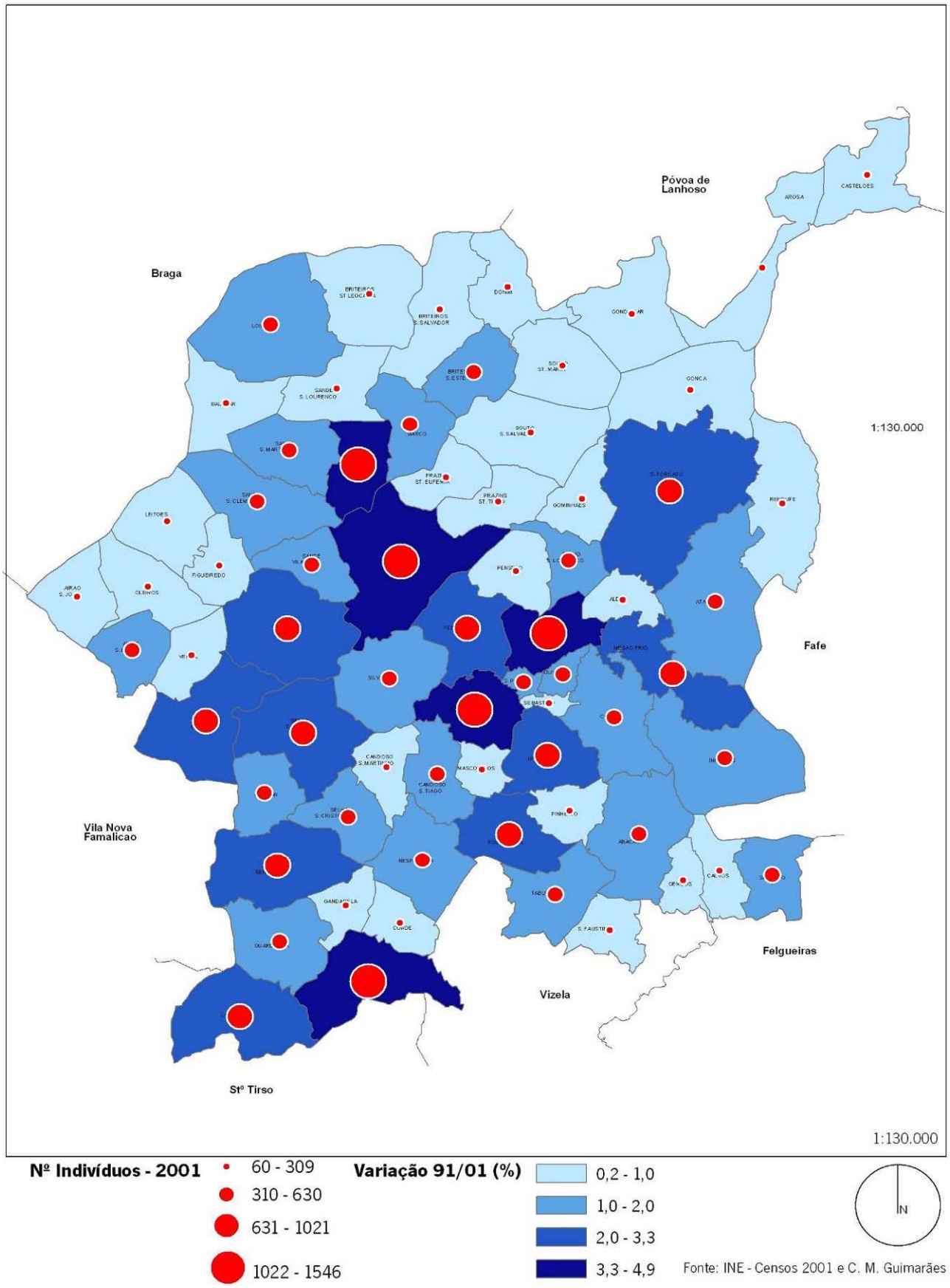


Figura 19 - Grupo Etário - 15 – 24 anos (2001)

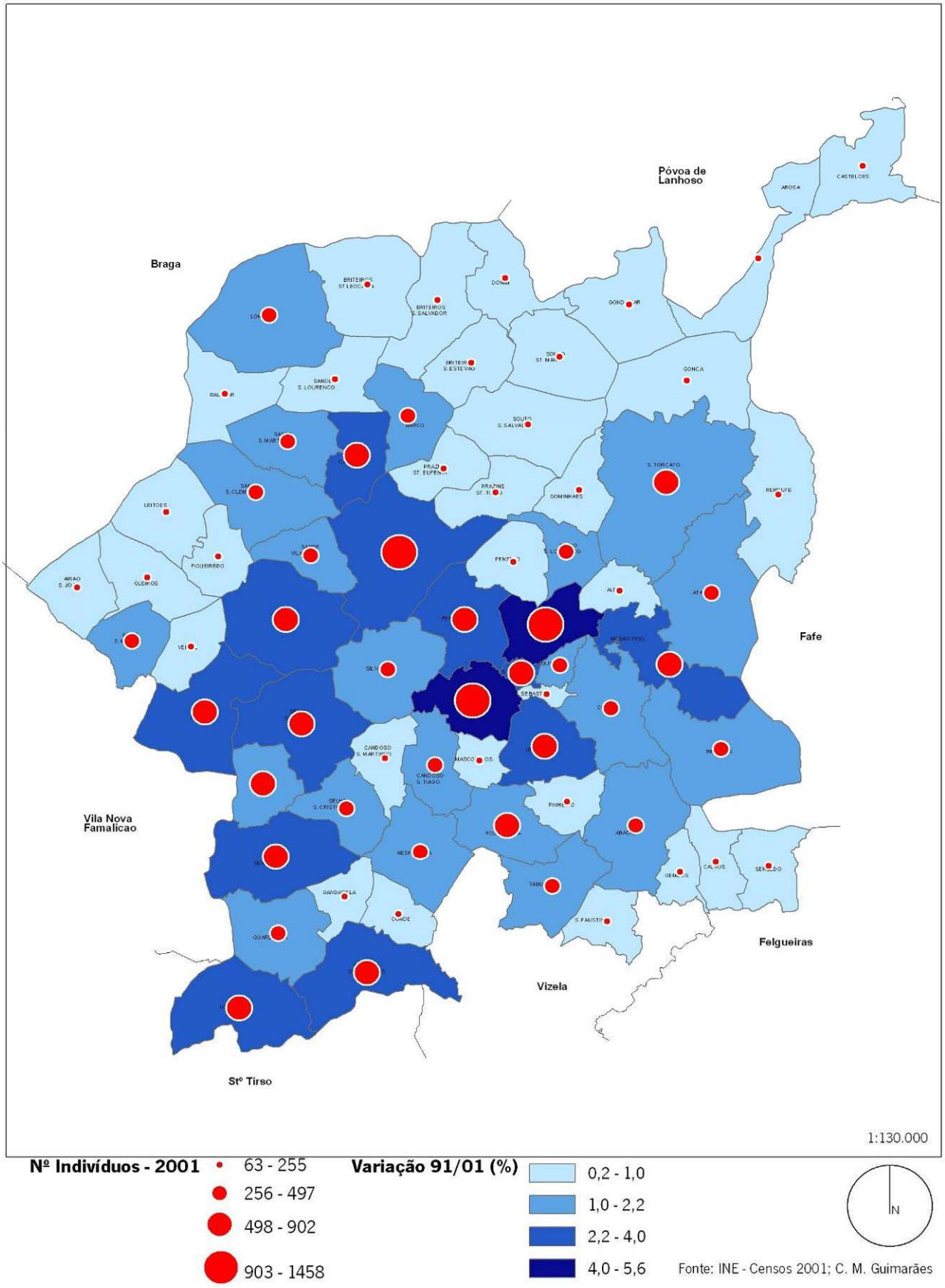


Figura 20 - Grupo Etário - 25 - 64 anos (2001)

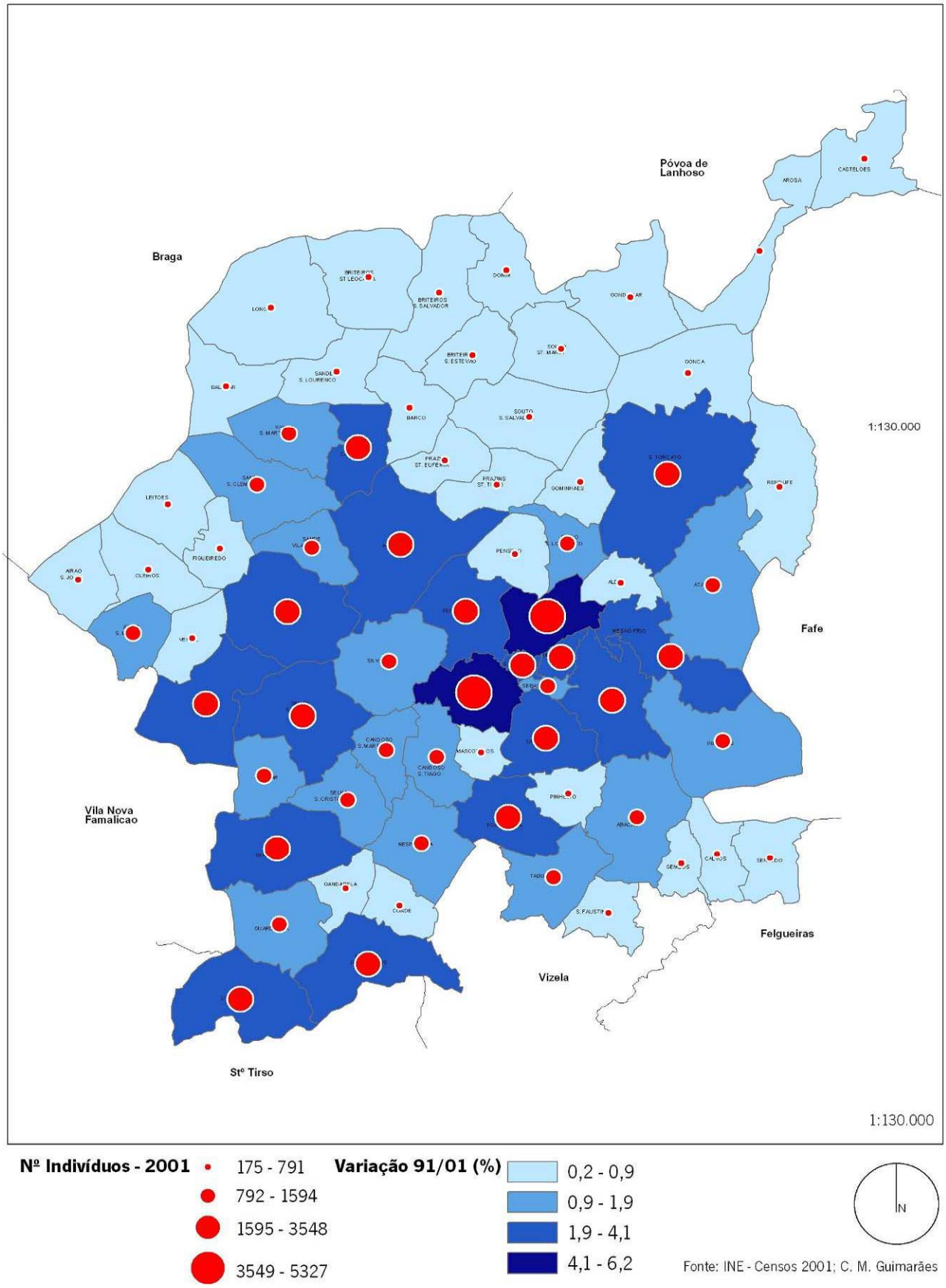


Figura 21 - Grupo Etário - 65 e + anos (2001)

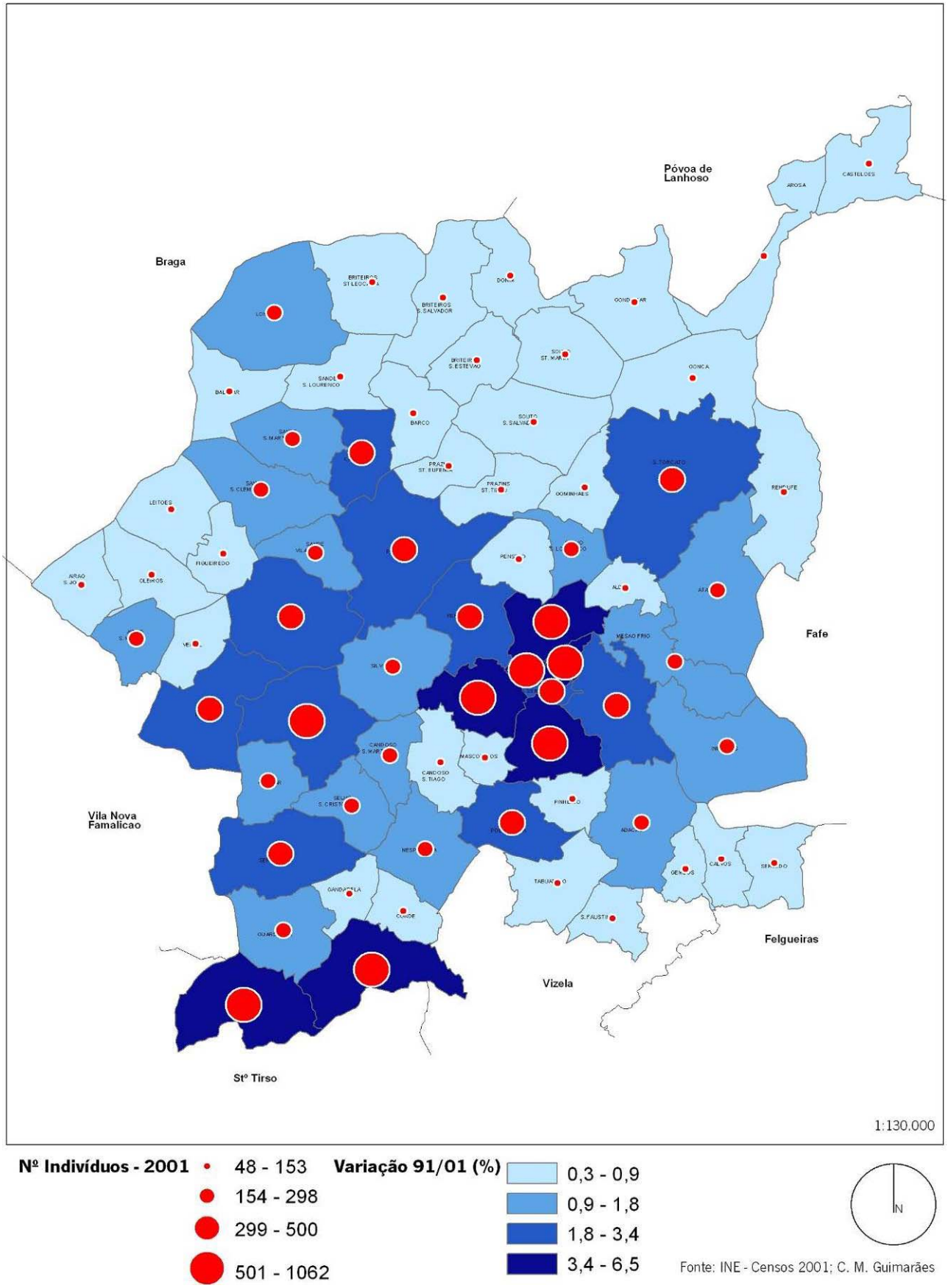
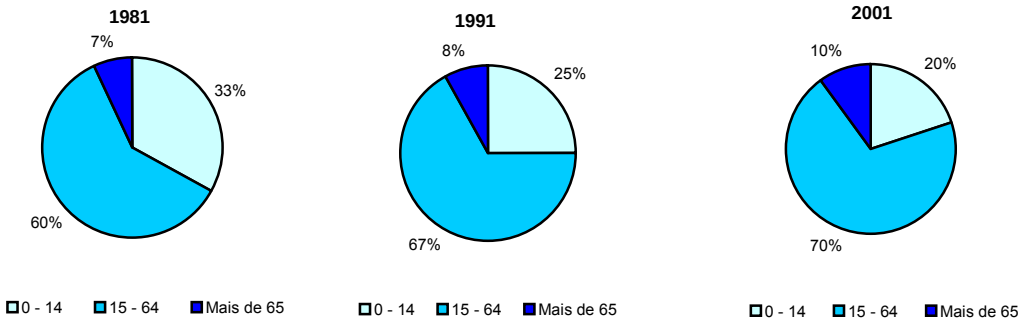


Gráfico 7 - Evolução dos Grupos Etários, 1981, 1991 e 2001



Fonte: XII e XIII, XIV Recenseamentos Gerais da População, INE, Lisboa, 1981, 1991 e 2001 e Câmara Municipal De Guimarães

O forte dinamismo demográfico do concelho que se manifesta pelas elevadas densidades populacionais e variações populacionais positivas deve-se em grande parte, à estrutura etária da população. Verificamos que nas últimas décadas, esta estrutura tem-se alterado devido a factores como o envelhecimento da população, o fenómeno de emigração, sentido com mais intensidade nas freguesias rurais do concelho.

A pirâmide etária do concelho de Guimarães tem evoluído de uma pirâmide expansiva para uma pirâmide estacionária. Em 1991, a pirâmide de tipo estacionária (característica das regiões desenvolvidas), torna-se mais evidente onde apesar da população dominante ser adulta, apresenta uma natalidade relativamente baixa e um fraco crescimento. Este facto torna-se mais evidente em 2001, tendendo para o envelhecimento da população.

Nesta análise verificou-se igualmente um aumento da população, no entanto, tal não significa um aumento de população jovem ou do número de nados-vivos. Pelo contrário, esta faixa etária tem vindo a diminuir, o que se traduz num estrangulamento da base da pirâmide, com mais evidência no grupo dos 0 aos 4 anos.

O grosso da população situa-se na faixa activa, a qual sofreu um aumento em 1991 e em 2001, em ambos os sexos. De salientar que em 2001, os grupos etários 15-19 anos e 20-24 anos sofrem um decréscimo significativo.

Além disso, verifica-se um aumento da população idosa, sendo em 1991 de 11434 e em 2001 de 16323 habitantes idosos, referindo o facto de ser o sexo feminino o mais afectado por este aumento.

Este aumento significativo da população no Concelho de Guimarães, em especial da população activa, confirma o carácter atractivo do concelho, visto ser bastante industrializado e funcionar como um pólo catalizador de mão-de-obra, devido, entre outros, ao peso do Ensino Superior (Pólo Universitário) e dos Serviços de Saúde.

Esta tendência irá acentuar-se já que se verifica um decréscimo da população com menos de 14 anos e um aumento da população com mais de 65 anos.

As pirâmides etárias das freguesias em estudo, na maioria dos grupos confirmam o fenómeno verificado na pirâmide do Concelho pois evidenciam, na sua base, uma diminuição do número de nascimentos entre 1991 e 2001. Esta analogia é mais evidente na Freguesia de Moreira de Cónegos (Figura 16). Em todas elas há uma diminuição dos grupos etários que integram a base da pirâmide, isto é, diminuição do número de nascimentos, seguindo-se, consequentemente, um decréscimo da população jovem em 2001 relativamente a 1991 e um aumento dos grupos etários que constituem o grosso da população activa, do grupo 35 – 39 anos ao grupo 60 – 64 anos. A tendência é a do contínuo crescimento do envelhecimento dos habitantes das freguesias.

Nas freguesias de Moreira de Cónegos e Serzedelo, constata-se que o sexo feminino é largamente afectado, ao nível dos nascimentos e dos dois grupos seguintes de 1991 para 2001 (Figura 16 e Figura 17). A população activa, em Lordelo (Figura 15), nos grupos 20 – 24 anos e 25 – 29 anos é superior no ano de 2001 comparativamente à das restantes freguesias que, só a partir do grupo 35 – 39 anos é que começa a ser mais elevada relativamente ao ano de 1991.

Este facto reforça a ideia, apresentada em quadros anteriores, de um maior envelhecimento da população e uma variação populacional com valores negativos, 1991/2001, na freguesia de Lordelo comparativamente com Moreira de Cónegos e Serzedelo.

Analisando os índices de dependência, jovem e idosa, do Concelho de Guimarães, (Quadro 11) verifica-se que, desde 1960, o índice de dependência jovem tem diminuído significativamente, atingindo em 2001 aproximadamente os 279 ‰. Tendência inversa, reflecte o índice de dependência idosa até 1991, ainda que com um crescimento lento, diminuindo em 2001 para 145,7‰. No entanto, o índice de dependência jovem é francamente superior ao índice de dependência idosa, desde 1960 até 2001, evidenciando assim a presença de uma população jovem, mesmo registando-se uma diminuição nas taxas de natalidade (de 16,1 ‰ em 1991 para 12,7 ‰, em 2001) e um decréscimo das taxas de

mortalidade (de 6,6 ‰ para 6,5‰, em 2001). A situação descrita é semelhante nas freguesias em estudo.

Quadro 10 -Taxa de Natalidade e Taxa de Mortalidade

Entidades Espaciais	Taxa de Natalidade (‰)			Taxa de Mortalidade (‰)		
	1991	1999	2001	1991	1999	2001
Região Norte	13,3	12,2	11,2	9,2	9,1	8,7
Vale do Ave	15,0	12,8	12,1	7,5	7,4	7,2
Guimarães	16,1	13,6	12,7	6,6	6,8	6,5
Lordelo	-	-	9,2 (‰)	-	-	9,5 (‰)
Moreira de Cónegos	-	-	11,3 (‰)	-	-	11,3 (‰)
Serzedelo	-	-	8,6 (‰)	-	-	8,6 (‰)

Fonte: XIII e XIV Recenseamentos Gerais da População, I.N.E., Lisboa, 1991, 2001. e Anuário Estatístico da Região Norte, INE, Lisboa, 2000.

Quadro 11 - Índices de Dependência Jovem e Idosa no Concelho de Guimarães (‰)

Ano	I. Dep. Jovem	I. Dep. Idosa
1960	756,5	144,7
1970	758,4	176,1
1981	539,2	117,7
1991	392,7	117,8
2001	279,0	145,7

Freguesias em Estudo	I. Dep. Jovem - 2001	I. Dep. Idosa - 2001
Lordelo	248,4	199,1
Moreira de Cónegos	269,3	144,6
Serzedelo	261,0	140,0

Fonte: X, XI, XII, XIII e XIV Recenseamentos Gerais da População, I.N.E., Lisboa, 1960, 1970, 1981, 1991 e 2001.

Outro índice que permite avaliar a estrutura etária, em termos do estado de envelhecimento ou rejuvenescimento da população é o Índice de Envelhecimento. Verifica-se uma subida importante do índice de envelhecimento, em todas as freguesias do Concelho, contudo, a grande maioria apresenta, ainda um número de jovens considerável.

Quadro 12 - Índice de Envelhecimento em 1981,1991 e 2001

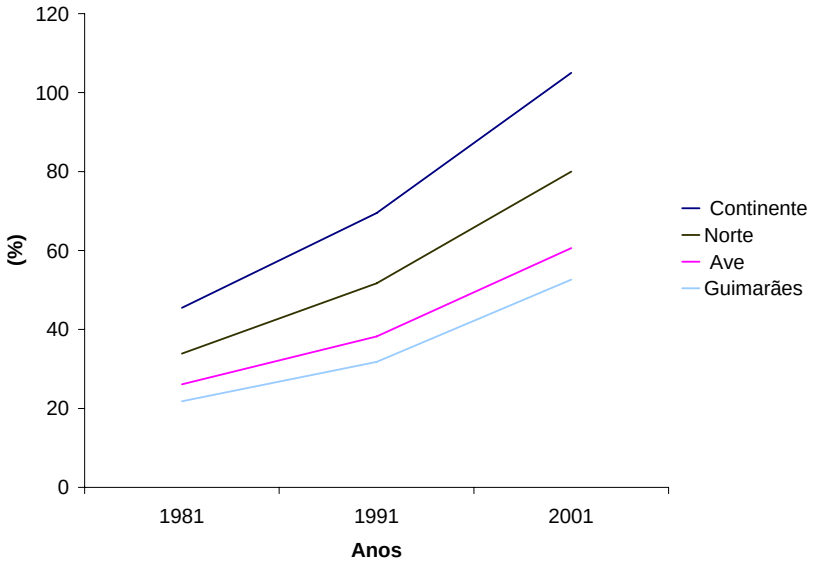
Entidade Espacial	1981	1991	2001
Continente	46	70	105
Norte	34	52	80
Ave	26	38	61
Guimarães	22	32	53
Lordelo	-	-	80
Moreira de Cónegos	-	-	61
Serzedelo	-	-	52

Fonte: X, XI, XII, XIII e XIV Recenseamentos Gerais da População, I.N.E., Lisboa, 1960, 1970, 1981 e1991, 2001.

A tendência para o aumento do índice de envelhecimento ao nível do Continente é muito mais elevado do que os valores verificados para a Região Norte, para o Vale do Ave e para o concelho de Guimarães. As freguesias de Lordelo e Moreira de Cónegos, apresentam valores superiores ao da média concelhia, 80 e 61 idosos, em cada 100 jovens, respectivamente.

O índice de envelhecimento para o concelho de Guimarães tem vindo a aumentar, contudo os valores são inferiores aos verificados nas outras unidades espaciais.

Gráfico 8 - Índice de Envelhecimento 1981, 1991 e 2001[8]



Assim, o concelho de Guimarães apresentava por cada 100 jovens, em 1981, 22 idosos, em 1991, 32 idosos e em 2001, 53 idosos.

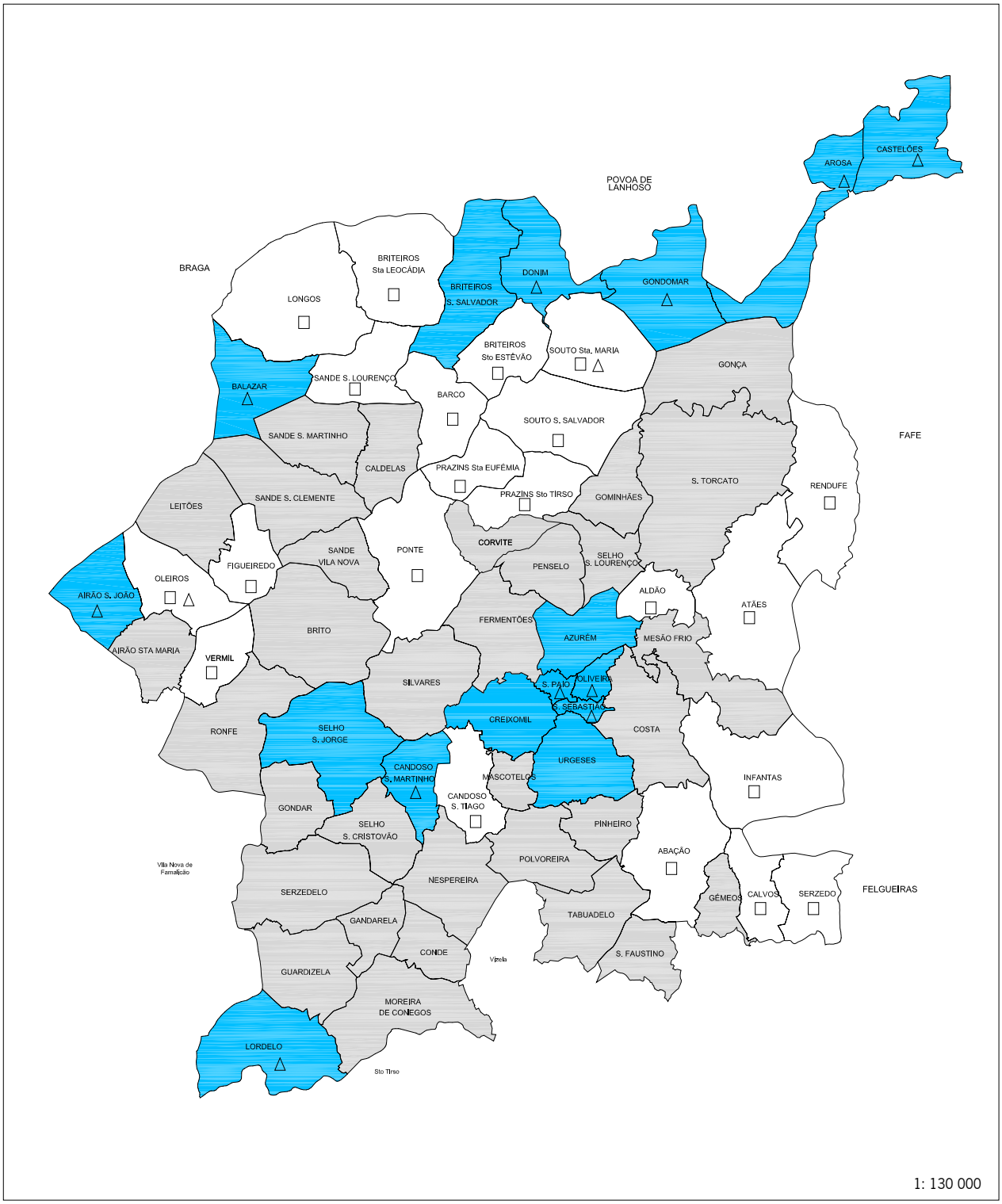
De um modo geral, verifica-se o acentuar do peso dos idosos muito significativo em todas as unidades geográficas. Sobre o concelho, verificou-se que de 1981 para 1991 o número de idosos aumentou 45,9%. De 1991 para 2001, o aumento da população idosa foi de 64,1%.

Dentro do concelho podemos verificar diferenças em termos de índices de envelhecimento sendo as freguesias que compõem o centro histórico e a freguesia de Castelões as que apresentam os valores mais elevados de índices de envelhecimento. Em contrapartida as freguesias de Aldão e Candoso Santiago são as que apresentam um menor número de idosos (28,8% e 26% respectivamente).

Podemos concluir que o envelhecimento populacional em Guimarães não assume valores muito relevantes se compararmos com o resto do país. Tanto o concelho de Guimarães como a cidade têm manifestado crescimentos populacionais consideráveis apesar do aumento da população idosa e da redução da população jovem.

[8] As freguesias de Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo não foram representadas graficamente pelo facto de dispormos, unicamente, de dados relativos a 2001.

Figura 22 - Índice de Envelhecimento, Índice de Dependência de Idosos e Índice de Dependência de Jovens



Fonte: Câmara Municipal de Guimarães

Sistema Educativo

A educação representa cada vez mais um papel primordial no processo de desenvolvimento das sociedades, quer a nível económico, quer a nível social e cultural. Nos últimos anos, apesar de se ter apostado mais na educação, ainda persiste um desequilíbrio entre o nosso país e os restantes países Europeus, visível por exemplo nas taxas elevadas de analfabetismo.

Embora a nível nacional, as famílias tenham tomado consciência de que a educação dos seus filhos é prioritária, no Vale do Ave, os filhos são encarados ainda como uma fonte de rendimento, na medida em que vão ajudar a aumentar os rendimentos do agregado familiar, assistindo-se assim a uma inserção precoce no mercado de trabalho (abandono do sistema escolar durante os ciclos básicos) (DOMINGUES, A, 1995).

Caracterização da Evolução da População

Distribuição da População Estudantil Segundo o Nível de Instrução - Ano Lectivo 2001/02

Ao analisar o Quadro 13, constata-se que as taxas de analfabetismo do concelho de Guimarães são inferiores às verificadas no Norte e no Continente. Quanto aos níveis de instrução mais baixos (1º, 2º e 3º ciclos), Guimarães apresenta valores um pouco mais elevados do que as restantes entidades espaciais.

Pela análise do quadro seguinte, confirma-se a generalização do Ensino Básico, por parte da população em todas as entidades espaciais.

Relativamente aos outros níveis de ensino, como os cursos superiores, os valores mais baixos registam-se no concelho de Guimarães.

Quadro 13 - Distribuição da População Estudantil Segundo o Nível de Instrução

Entidades Espaciais	Taxa Analf.	Pop. Resid..	Pré-Escolar	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Secundário	Escolas Profissionais	Ensino Superior
Continente	8,9%	9 869 343	223128 **2,26%**	471338 **4,78%**	249871 **2,53%**	376792 **3,82%**	342535 **3,47%**	31849 **0,32%**	389957 **3,95%**
Norte	8,3%	3 687 293	85490 **2.32%**	193038 **5,24%**	102579 **2,78%**	152170 **4,13%**	118395 **3,21%**	11499 **0,31%**	120038 **3,26%**
Guimarães	7,4%	1 59 576	3258 **2,04%**	9175 **5,75%**	4621 **2,90%**	6642 **4,16%**	4560 **2,86%**	401 **0,25%**	4069 **2,55%**

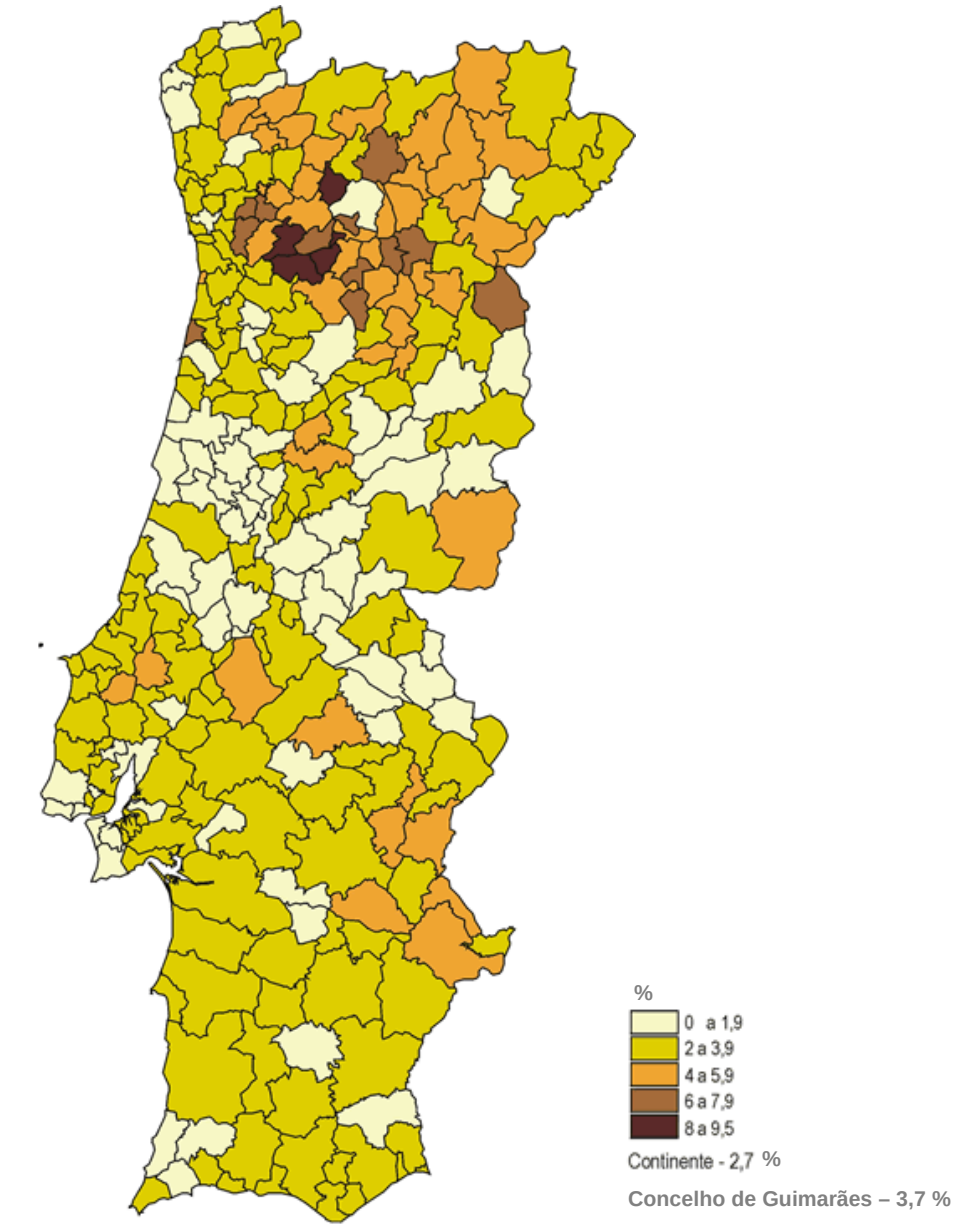
Fontes: Anuário estatístico da Região Norte, I.N.E. 2002. Edição 2003 e Censos 2001.

[9] O cálculo obtido resulta da relação da população estudantil em cada nível de instrução referente ao ano lectivo 2001/2002, com a população residente em 2001 de cada Entidade Espacial.

Taxa de Abandono

Relativamente à Taxa de Abandono Escolar – total de indivíduos no momento censitário, com 10-15 anos que não concluíram o 3º ciclo e não se encontram a frequentar a escola, por cada 100 indivíduos do mesmo grupo etário – apresenta no Concelho de Guimarães um valor de 3,7%, valor superior ao do continente (2,7%) talvez devido à sua intensa actividade no sector industrial, e à necessidade das famílias, ainda com um número elevado de membros relativamente à média nacional, de obterem mais um complemento económico através da inserção dos seus constituintes na vida activa, ainda que se encontrem em idade escolar.

Figura 23 - Abandono Escolar no Continente, 2001



Fonte: INE - Censo 2001

População Residente Segundo o Grupo Etário, por Nível de Instrução

O (Quadro 14) apresenta a distribuição da população no concelho de Guimarães, até aos 24 anos de idade, em 2001, por nível de instrução.

Quadro 14 - Distribuição da População Residente Segundo Grupo Etário/Nível de Instrução

Zona Geográfica, Nível de Instrução	Total	Menos de 10 anos	Com 10 anos	Com 11 anos	Com 12 anos	Com 13 anos	Com 14 anos	Com 15 anos	Com 16 anos	Com 17 anos	Com 18 anos	Com 19 anos	Com 20 anos	Com 21 anos	Com 22 anos	Com 23 anos	Com 24 anos
Guimarães	159576	20263	2156	2153	2245	2193	2235	2385	2435	2573	2634	2645	2697	2632	2659	2799	2770
Sem nivel de ensino	19350 12,1%	9969 49,2%	-	4 0.19%	3 0,13%	3 0,14%	7 0,31%	5 0,21%	3 0,12%	8 0,31%	10 0,38%	11 0,42%	17 0,63%	14 0,53%	21 0,79%	13 0,46%	8 0,29%
Ensino Pré-Escolar a frequentar	2618 1,6%	2618 12,9%	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ensino Básico	107663 67,5%	7676 37,9%	2156 100%	2149 99,8%	2242 99,9%	2190 99,9%	2132 95,4%	1589 66,6%	1241 51,0%	1212 47,1%	1245 47,3%	1268 47,9%	1339 49,6%	1311 49,3%	1385 52,1%	1546 55,2%	1641 59,2%
1° Ciclo	61912 38,8%	7624 37,6%	1064 49,4%	363 16,9%	140 6,2	74 3,4%	42 1,9%	54 2,3%	82 3,4%	78 3,0%	106 4,0%	97 3,7%	118 4,4%	175 6,6%	198 7,4%	274 9,8%	294 10,6%
2° Ciclo	26962 16,9%	52 0,3%	1092 50,6%	1703 79,1%	1125 50,1%	523 23,8%	327 14,6%	255 10,7%	282 11,6%	326 12,7%	355 13,5%	439 16,6%	593 22,0%	657 25,0%	758 28,5%	864 30,9%	954 34,4%
3° Ciclo	18789 11,8%	-	-	83 3,9%	977 43,5%	1593 72,6%	1763 78,9%	1280 53,7%	877 36,0%	808 31,4%	784 29,8%	732 27,7%	628 23,3%	479 18,2%	429 16,1%	408 14,6%	393 14,2%
Ensino Secundário	19406 12,2%	-	-	-	-	-	96 4,3%	791 33,2%	1191 48,9%	1349 52,45	1110 42,1%	837 31,6%	750 27,8%	744 28,3%	703 26,4%	663 23,7%	632 22,8%
Ensino Médio	666 0,42%	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ensino Superior	9873 6,2%	-	-	-	-	-	-	-	-	4 0,2%	269 10,2%	529 19,6%	591 21,9%	563 21,4%	550 20,7%	577 20,6%	489 17,7%

Fonte: INE, Recenseamento Geral da População e Habitação – 2001 e Câmara Municipal de Guimarães

Da análise efectuada ao quadro anterior, verifica-se que, em 2001, 67,5% da população tinha, como mais alto nível de instrução atingido, o ensino básico (1º, 2º e 3º ciclos), 12,5% o ensino secundário, 0,42% o ensino médio e 6,2% o ensino superior.

O Concelho de Guimarães é caracterizado em termos demográficos, como atrás se referiu, por ter uma proporção de jovens muito superior à média nacional.

Ao nível de equipamentos escolares e comparativamente a Portugal, existe uma menor proporção de estabelecimentos de ensino do 1º ciclo com menos de 10 alunos e uma maior proporção de estabelecimentos de ensino do 1º ciclo com mais de 99 alunos.

Neste Concelho, o cenário relativo ao nível de instrução da população é o seguinte:

- 67,5% (maioria) possuí o nível básico, sendo:
  - 38,8% com o 1º ciclo;
  - 16,9% com o 2º ciclo;
  - 11,8% com o 3º ciclo;
- 12,2% o secundário e
- 6,2% ensino superior.

Estes dois últimos níveis estão abaixo da média nacional (15,7% ensino secundário e 10,8% para o ensino superior).

Quadro 15 - Taxa de Analfabetismo - 1991/2002

Entidade Espacial	1991	2001
Guimarães	9,2%	7,4%
Lordelo	10,4%	8,1%
Moreira de Cónegos	8,9%	7,1%
Serzedelo	10,7%	8,8%

Fonte: INE - Censos 1991/2001 e Câmara Municipal de Guimarães

À excepção de Moreira de Cónegos que apresenta uma taxa de analfabetismo abaixo da do Concelho, as freguesias de Lordelo e Serzedelo apresentam uma percentagem superior, 8,1% e 8,8%, respectivamente.

Figura 24 - Distribuição da População Segundo o Nível de Instrução

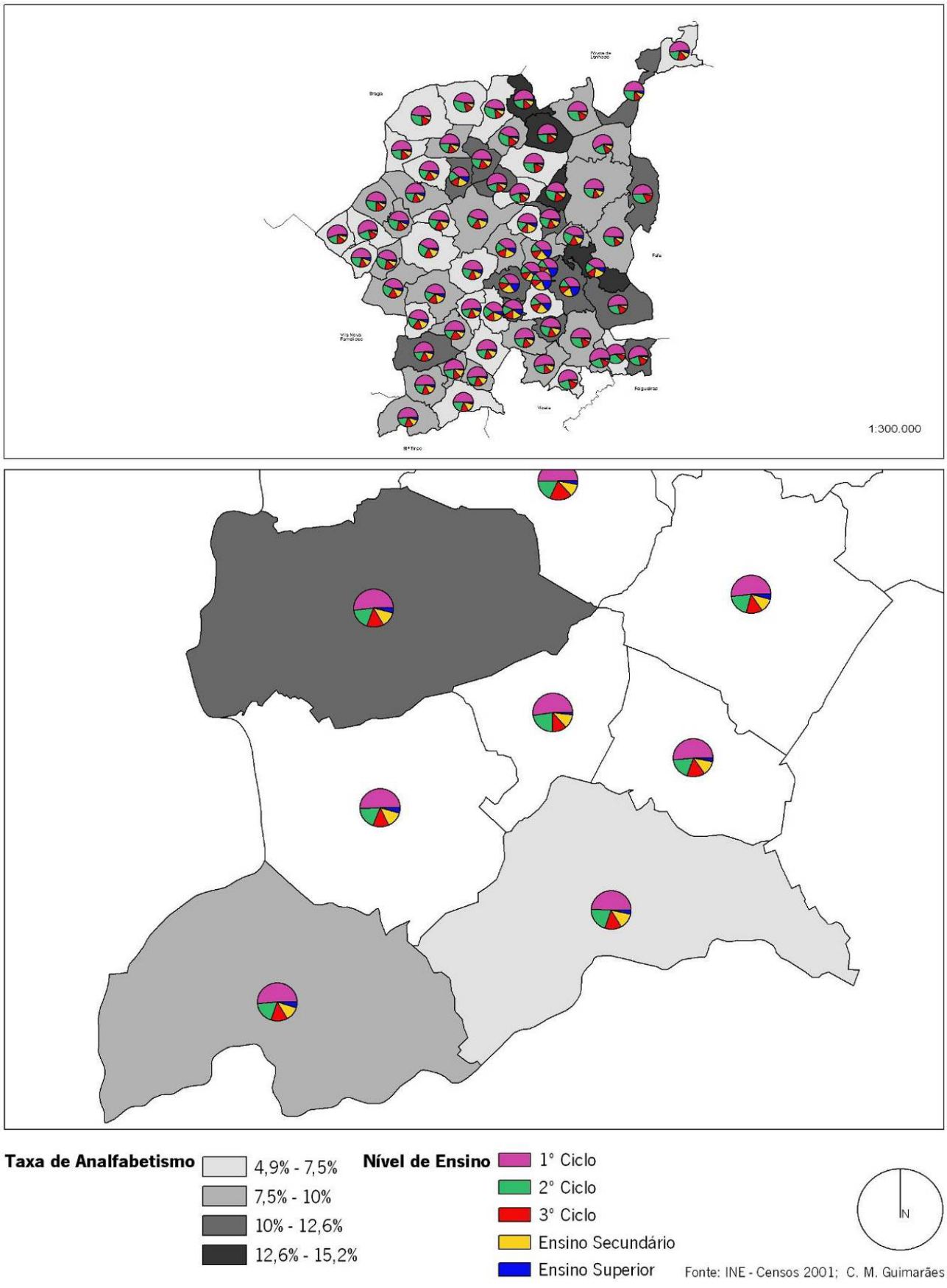


Figura 25 - População Residente por Freguesias no Total do Concelho (1991)

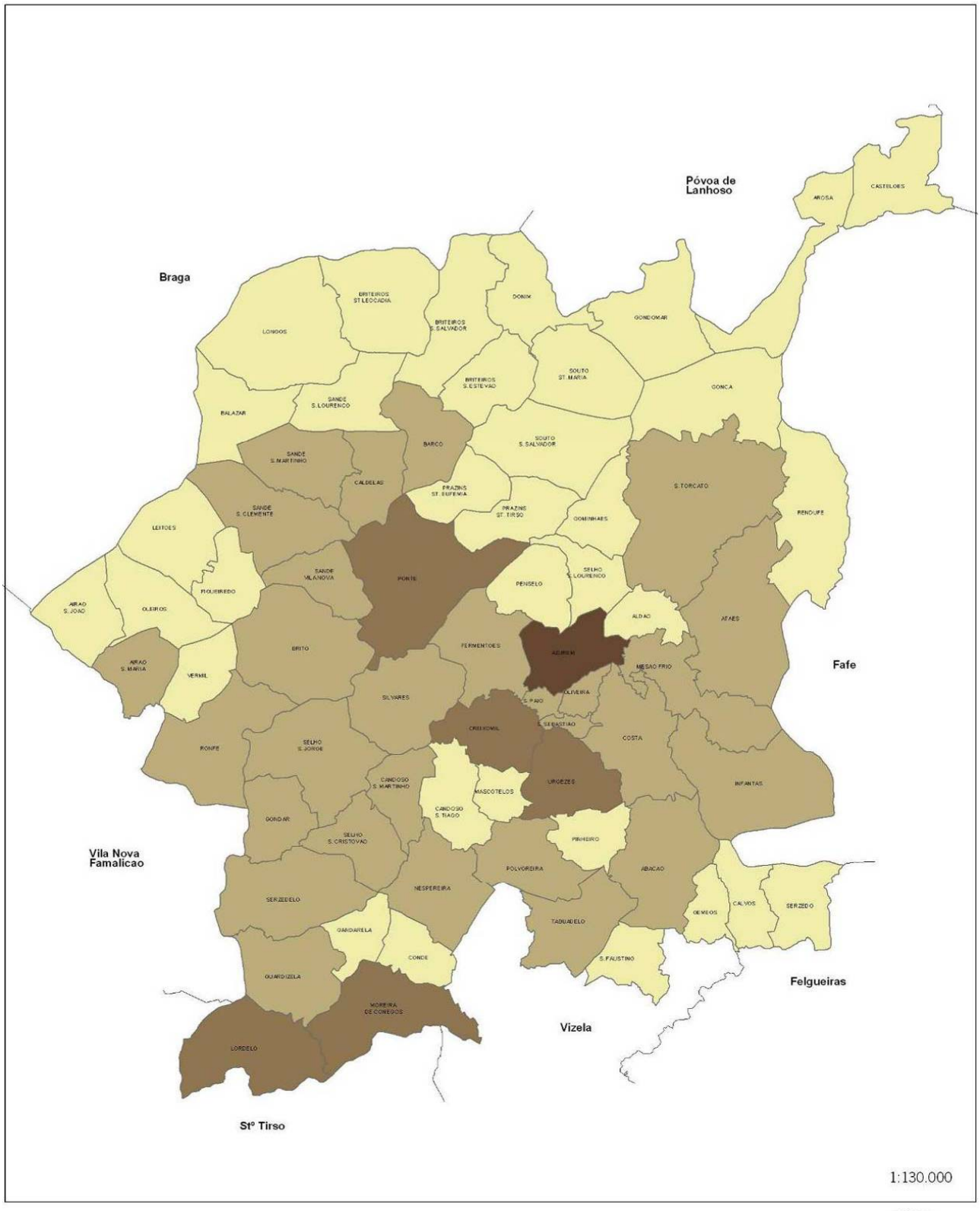
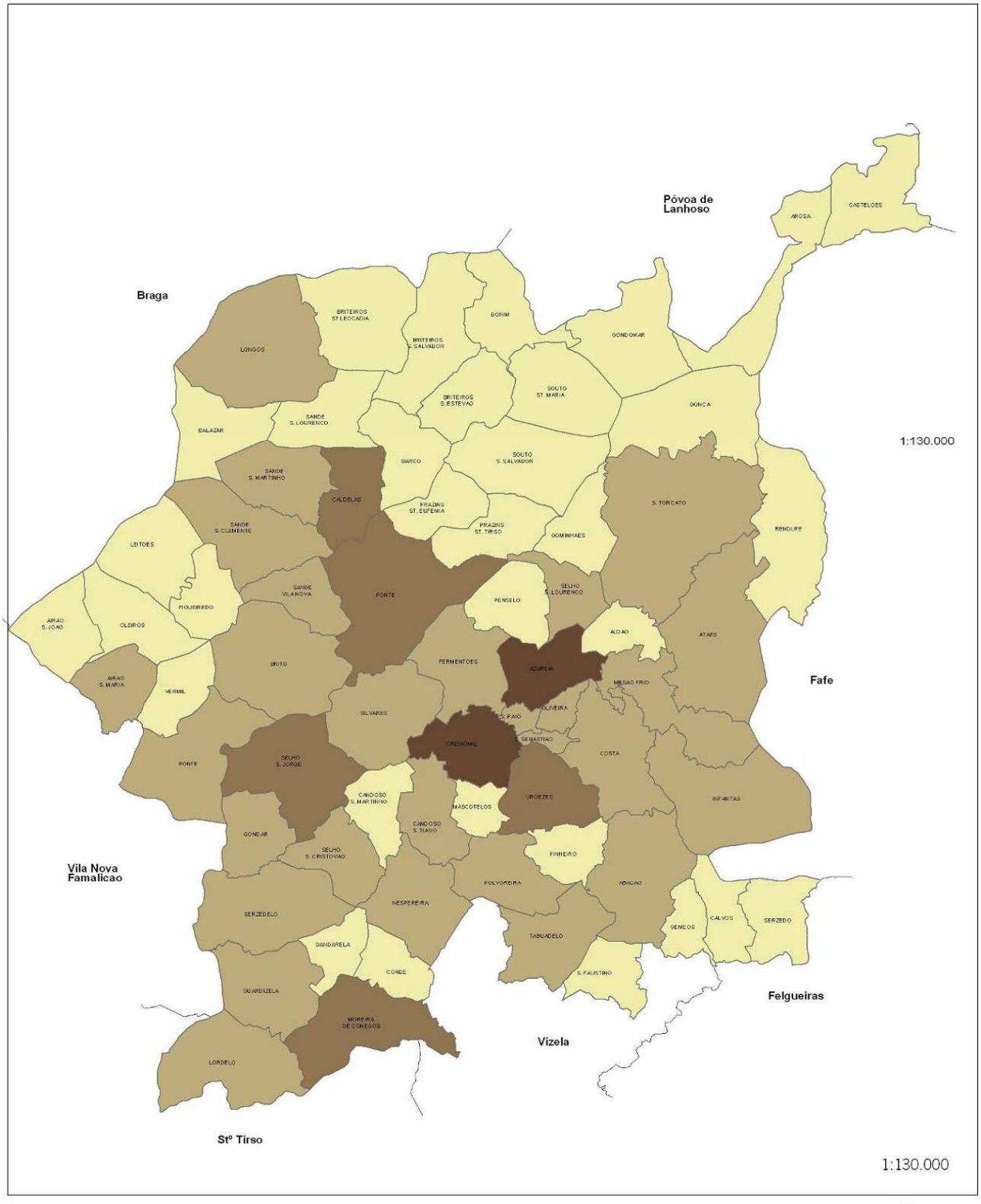


Figura 26 - População Residente por Freguesias no Total do Concelho (2001)



Esta relação (Figura 25 e Figura 26) permite concluir o peso da população de cada freguesia no total da população do concelho nas décadas de 1991 e 2001. As freguesias que mais se destacam em 1991 são: Lordelo, Moreira de Cónegos, Selho S. Jorge, Urgezes, Creixomil, Azurém, Ponte e Caldelas.

Em 2001, Lordelo perde população e passa a ter menos peso no total populacional do concelho, Moreia de Cónegos manteve-se com a mesma proporção e Serzedelo num patamar inferior, nas duas décadas, assumiu a mesma posição e proporção populacionais relativamente ao concelho.

As freguesias a norte do concelho, bem como seis freguesias a sul, revelaram um fraco peso populacional não atingindo mesmo o 1%.

Com a caracterização sócio-demográfica do concelho pretendemos contextualizar as freguesias em destaque, neste estudo, apurando a sua importância e contributo através dos vários indicadores utilizados.

O conjunto de figuras que seguidamente se apresentam, foram extraídas do Plano Director Municipal e têm como objectivo, neste estudo, demonstrar alguns elementos da Carta de Ordenamento e da Carta de Condicionantes, isto é, as permissões (Figura 27– Área de Construção e restrições (Figura 28– Reserva Ecológica Nacional, Figura 29– Reserva Agrícola, Figura 30- Espaço Não Urbanizável) ao nível do uso do solo no território do Concelho de Guimarães; destacando, as Vilas de Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo.

Julgou-se oportuno inserir, neste trabalho a informação acima referida, pois contribuirá, de certa forma, para um melhor esclarecimento da estrutura do povoamento, principalmente nas três freguesias em análise.

Figura 27 – Área de Construção Prevista em PDM em Relação à Área Total da Freguesia

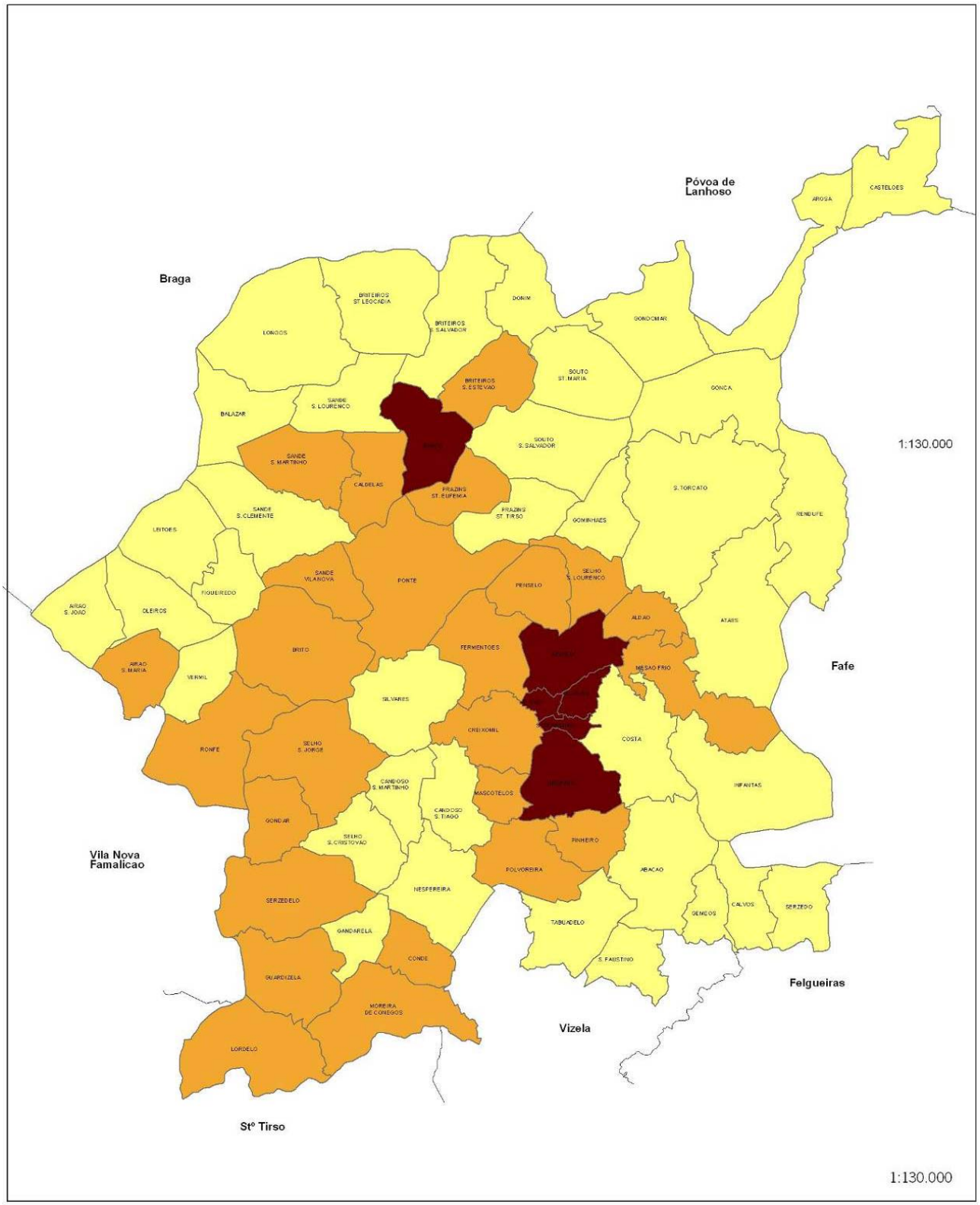


Figura 28 - Reserva Ecológica Nacional do Concelho de Guimarães

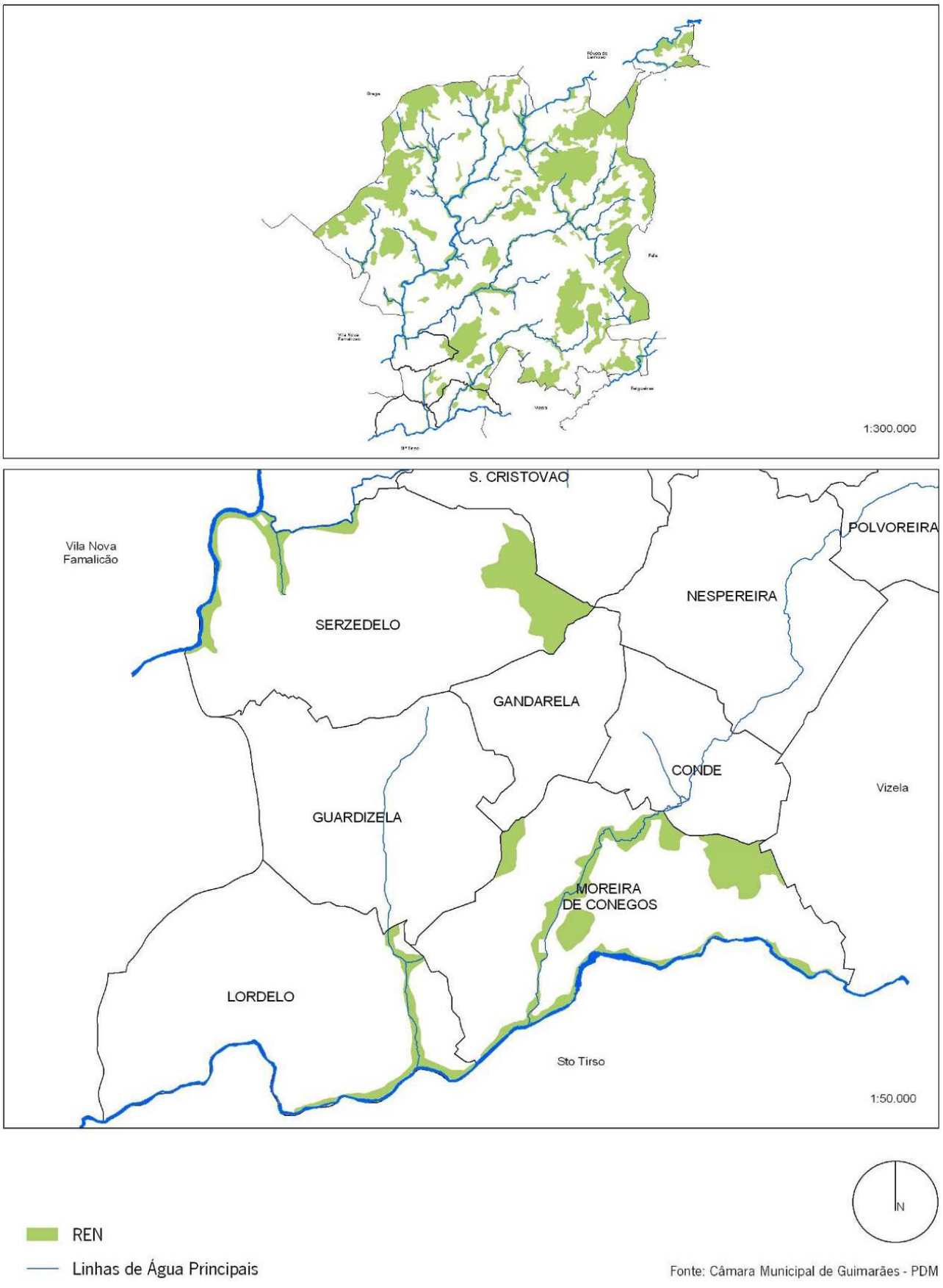


Figura 29 - Reserva Agrícola Nacional do Concelho de Guimarães

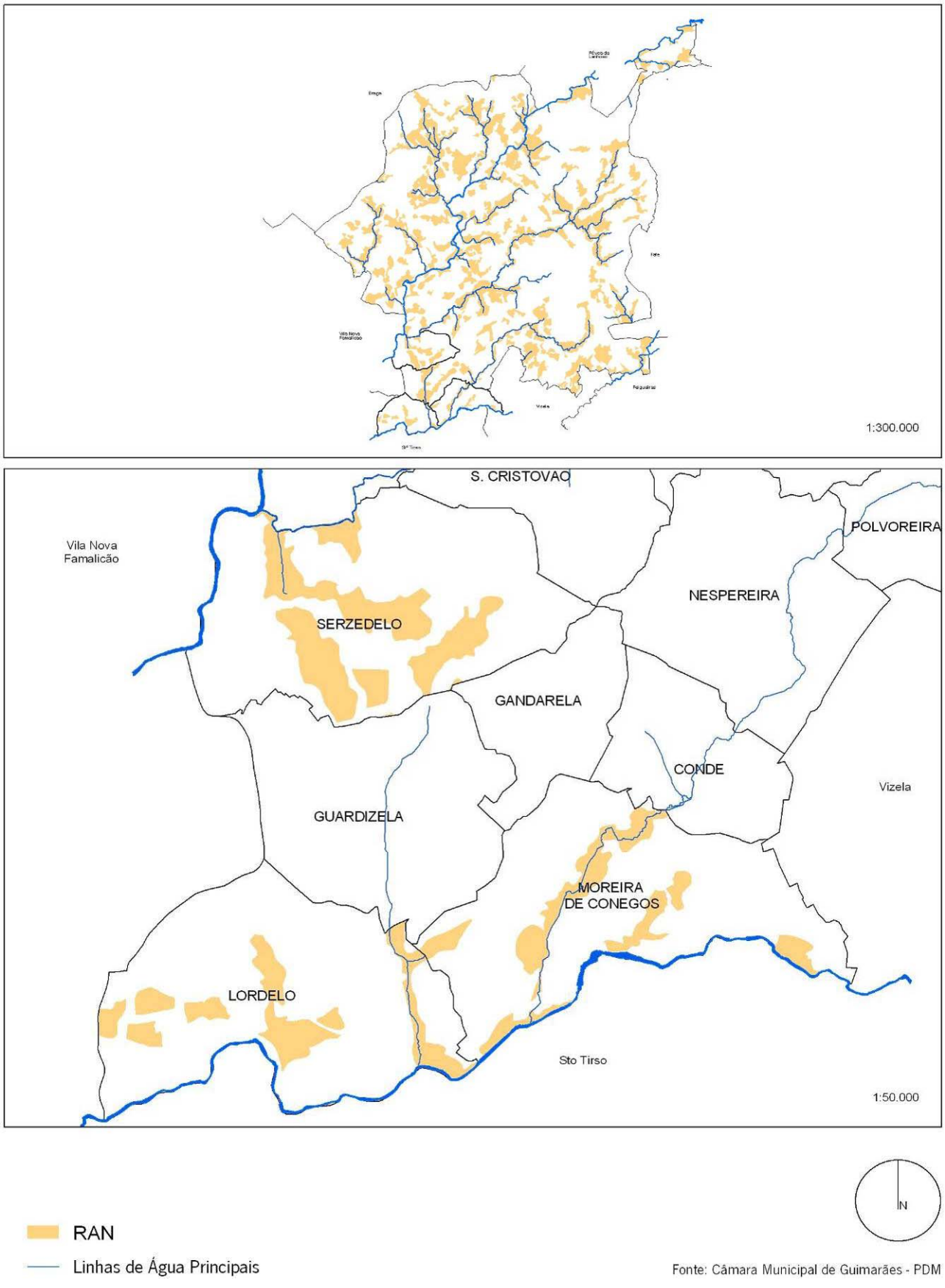
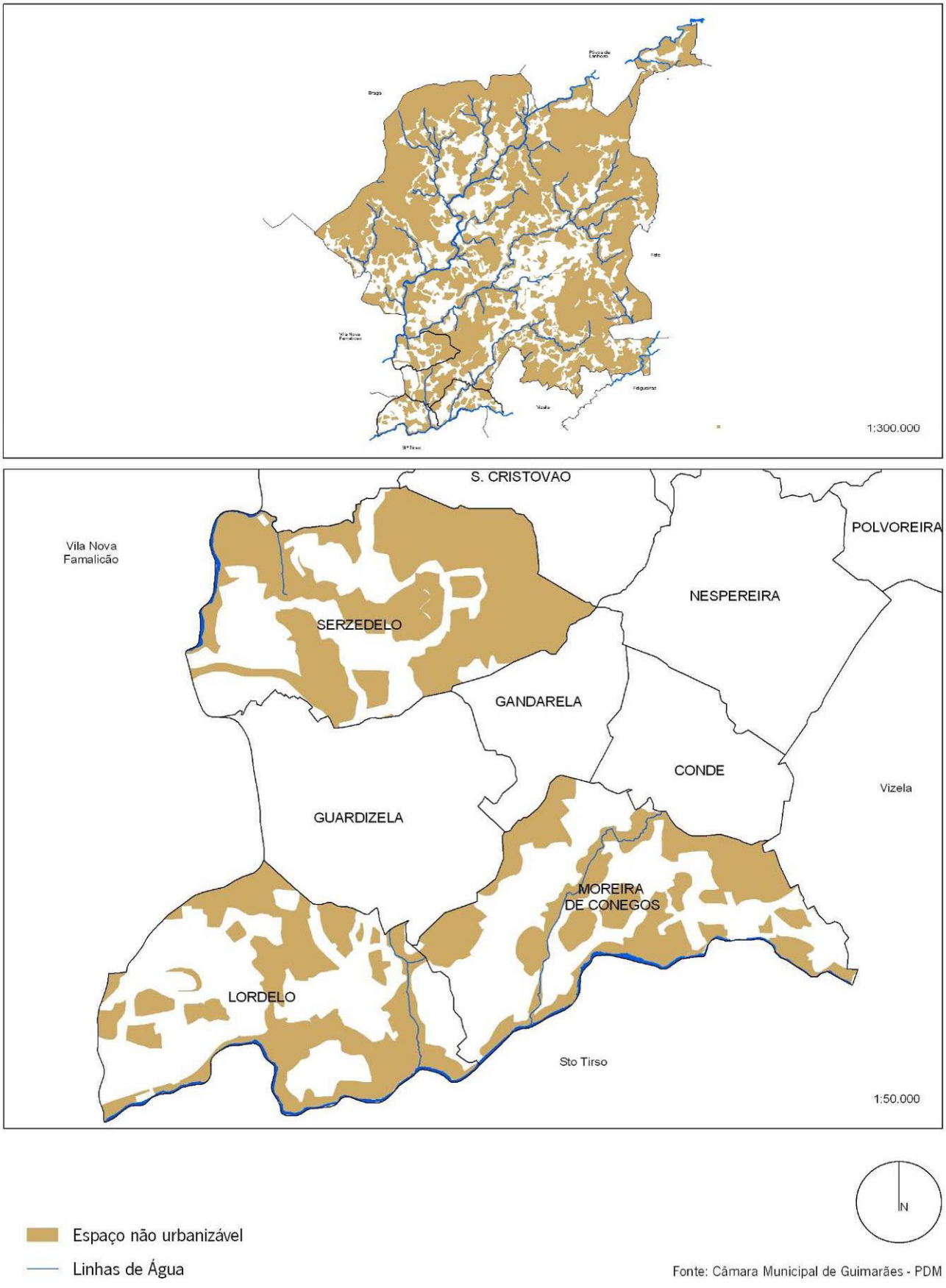


Figura 30 - Espaço Não Urbanizável do Concelho de Guimarães



Fonte: Câmara Municipal de Guimarães - PDM

População Residente Activa/Emprego

A avaliação dos recursos humanos e o número de população activa empregada é fundamental uma vez que constituiu um factor determinante na distribuição da População, no processo de desenvolvimento e competitividade de qualquer entidade espacial.

A dinâmica de cada território assenta quase sempre nas potencialidades endógenas, factores tradicionais e outros de vária ordem que podem ser desenvolvidos e canalizados para um determinado sector de actividade. No entanto, outras há, de origem exógena que após transformadas e relocalizadas se tornam indispensáveis ao arranque e à expansão de determinadas actividades (ex. produtos metálicos).

Evolução Comparada ao Nível Regional e Nacional

Quadro 16 – Variação da População Residente Economicamente Activa (1991 e 2001)

	População Residente Economicamente Activa e Variação (1991 e 2001)		
Entidades Espaciais	**1991**	**2001**	**%**
Portugal	4127589	4990208	20,9%
Norte	1501817	1775015	18,2%
Ave	231097	264118	14,3%
Guimarães	82082	85832	4,6%
Lordelo	2591	2330	- 10, 07%
Moreira de Cónegos	3309	3143	- 5,01%
Serzedelo	2113	2111	- 0,1%

Fonte: INE – Censos 1991 e 2001

A variação da População Residente Economicamente Activa no período 1991/2001 é positiva nas Entidades Espaciais: Portugal, Norte, Ave e Guimarães (Quadro 16). Nas freguesias em estudo o crescimento da população activa apresenta valores negativos, com uma percentagem elevada na freguesia de Lordelo (- 10,07%).

Quadro 17 – Sectores de Actividade, Taxa de Actividade e Taxa de Desemprego (1991 e 2001)

Entidades Espaciais	Sector Primário (%)		Sector Secundário (%)		Sector Terciário (%)		Taxa de Actividade (%)		Taxa de Desemprego (%)	
	1991	2001	1991	2001	1991	2001	1991	2001	1991	2001
Portugal	10,8 %	5,0%	37,9%	35,0%	51,3%	60,0%	44,6%	48,2%	6,1%	6,8%
Norte	10,6%	4,7%	49,4%	45,8%	40,0%	49,5%	45,5%	48,1%	5,0%	6,7%
Ave	4,2%	2,0%	71,2%	63,4%	24,6%	34,6%	50,4%	51,8%	3,9%	5,6%
Guimarães	2,7%	1,5%	73,8%	64,8%	23,5%	33,7%	52,1%	53,8%	3,6%	5,3%
Lordelo	1,1%	0,8%	82,2%	74,1%	16,8%	25,1%	55,1%	52,3%	2,9%	4,0%
Moreira de Cónegos	0,7%	0,5	87,7%	79,4%	11,6%	20,2%	56,8%	56,3%	2,7%	4,3%
Serzedelo	1,8%	2,70%	85,7%	79,4%	12,5%	17.9%	54,8%	55,0%	4,9%	5,8%

Fonte: INE – Censos 1991 e 2001

Na análise comparada e evolutiva (Quadro 17) constata-se que em todas as Entidades Espaciais referidas, há uma diminuição percentual nos Sectores, Primário, exceptuando Serzedelo no Primário, e Secundário de 1991 para 2001 e um aumento em todas elas no Sector Terciário.

Salienta-se o peso do Sector Secundário no Vale do Ave, no Concelho de Guimarães e nas freguesias em estudo, contrariamente aos valores verificados em Portugal e na Região Norte que por sua vez, apresentam valores mais elevados no Sector Terciário.

Quanto às Taxas de Actividade e Desemprego: aumentaram nas Unidades Territoriais referidas, embora o Ave e Guimarães apresentem um peso relativo maior, reflectindo-se na variação, mais acentuada da Taxa de Desemprego.

A Taxa de Actividade nas freguesias de Moreira de Cónegos e Serzedelo é superior à da média do Concelho, 56,3% e 55,0%, respectivamente; a de Lordelo, 52,3%, aproxima-se bastante.

A Taxa de Desemprego, à excepção da apresentada por Serzedelo, 5,8%, as de Lordelo e de Moreira de Cónegos, 4,0% e 4,3%, são inferiores à registada no Concelho de Guimarães e nas restantes entidades espaciais.

Caracterização Económica

Indicadores Desagregados – Concelho de Guimarães

A estrutura produtiva é caracterizada, por um lado por possuir uma elevada taxa de população activa (53,8%), e por outro pela percentagem extraordinariamente elevada da população empregada no Sector Secundário (64,8%), com uma participação inferior à média nos sectores primário (1,5%) e terciário (33,7%) (Quadro 17).

A população residente por ramo de actividade é mais representativo no têxtil e vestuário, apresentando 31 191 pessoas (38,36%); com importância muito inferior aparece o comércio a retalho, 7 136 pessoas (8,81%) e o ensino com 3 702 de população empregada (4,55%) (Quadro 18).

O peso da população activa no sector secundário é uma realidade na maioria do concelho, com a excepção da área urbana na qual o sector mais representativo é o terciário (Figura 31).

A mão-de-obra disponível é jovem, apresentando uma grande taxa de actividade com forte participação das mulheres. O abandono escolar, a saída antecipada e a saída precoce, entre outros, contribuem para a baixa qualificação profissional desta camada de população, principalmente nos ramos: têxteis e vestuário, curtumes, calçado e outras indústrias transformadoras. As causas são múltiplas e complexas e as suas raízes profundas radicam também na crença, ainda existente nalgumas camadas da população, de que a educação se faz na fábrica e não na escola. Tratando-se de um concelho onde o sector secundário é o principal empregador, o fenómeno torna-se ainda mais preocupante. A existência de indústria, caracterizada por mão-de-obra não qualificada permite a inserção na vida activa, significando, muitas das vezes, uma fuga à escola e uma contribuição para a economia familiar. Esta tendência poderá ser contrariada se se tiver em conta um estudo recente (Maio e Junho: 2005) efectuado pela ADRAVE (Associação de Desenvolvimento da Região do Ave) – "Atlas do Investimento no Vale do Ave", que aponta para algumas potencialidades de investimento, nomeadamente, no sector têxtil e vestuário, sector da metalurgia e metalomecânica, sector automóvel, sector ambiental e outros sectores que exigem uma mão-de-obra mais qualificada. A aposta nestes sectores visa a produção, bem como a divulgação, mais competitiva e alternativa face ao mercado actual.

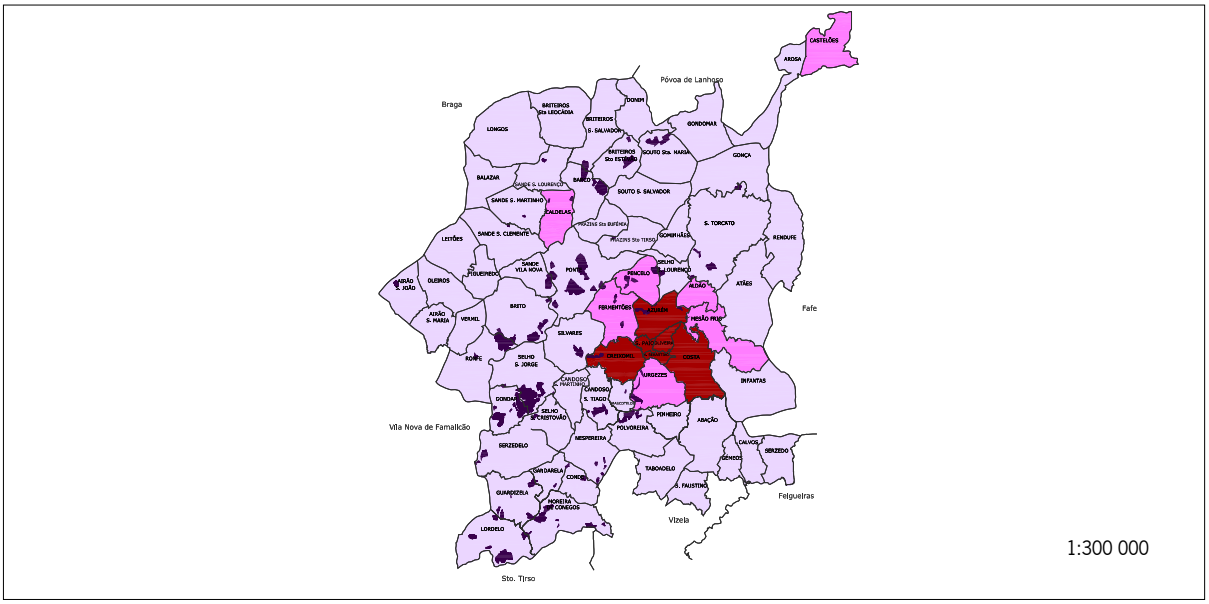
A taxa de desemprego em 1991 era de 3,6%, aumentado em 2001 para 5,3%. Esta tendência tem vindo a agravar-se nos últimos anos, verificando-se em Abril de 2006, 13,7%.

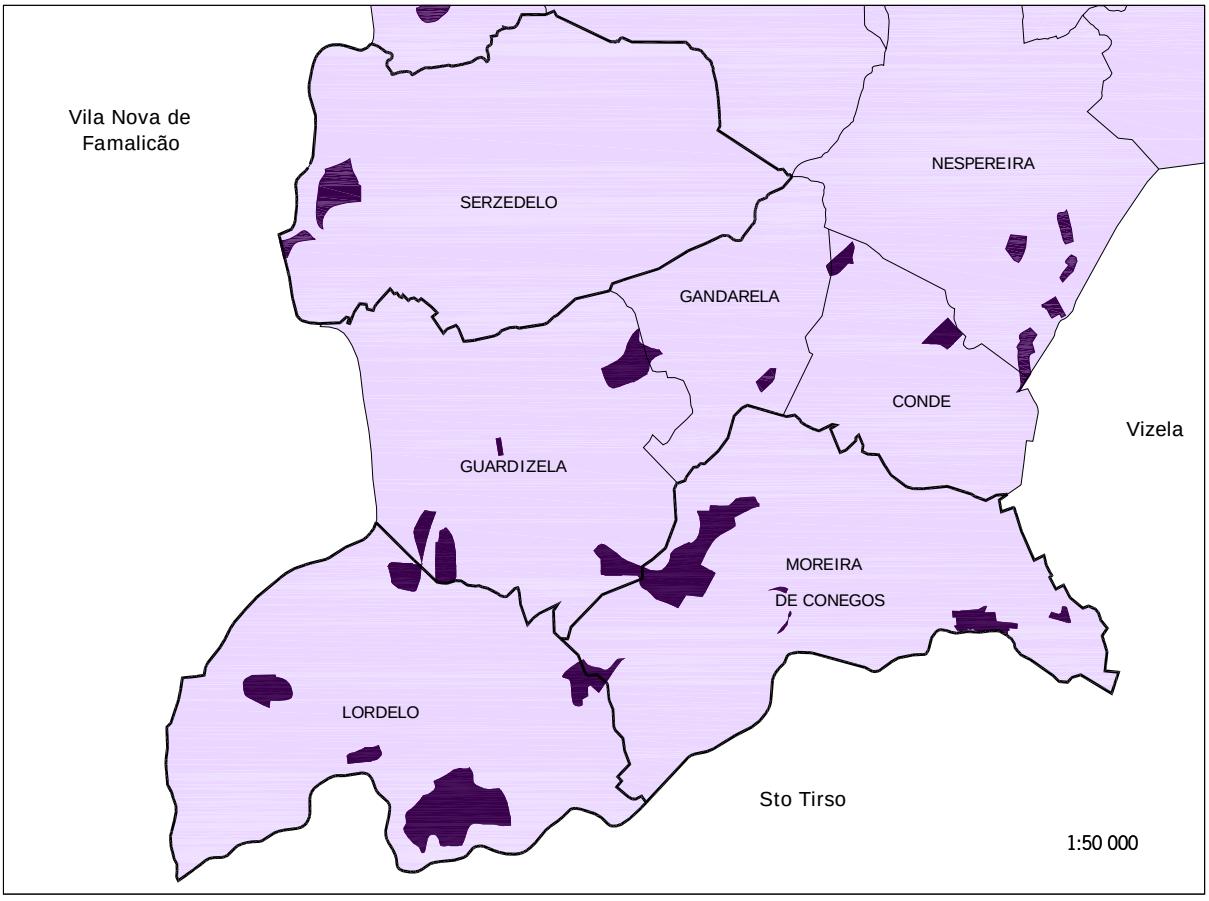
Quadro 18 - Estrutura de Emprego Concelhio

Pop. Res. Por Ramo Actividade (actividades mais representativas)	Homens+ Mulheres	%
Agricultura e Silvicultura	1260	1,55
Indústria Extractiva	250	0,31
Alimentares e Bebidas	909	1,12
Têxteis e Vestuário	31191	38,36
Curtumes e Calçado	5549	6,83
Vidro e Cerâmicas	504	0,62
Produtos Metálicos	2986	3,67
Outras Indústrias Transformadoras	4424	5,44
Construção e Obras Públicas	6612	8,13
Total – Indústria	52175	64,17
Com. Automóvel e Reparação	1820	2,24
Comércio Grossista	1645	2,02
Comércio a Retalho	7136	8,81
Hotelaria e Restauração	2653	3,26
Transportes	843	1,04
Correio e Telecomunicações	201	0,25
Serviços Financeiros Intermédios	2786	3,43
Administração Pública	1881	2,31
Ensino	3702	4,55
Saúde	1511	1,86
Acção Social	777	0,96
Outros Serviços	2637	3,24
Total – Comércio e Serviços	27619	33,97
Total	81304	100,00%

Fonte: INE, 2002, Atlas das Cidades de Portugal e População Residente Activa – Habitantes (Censos 2001)

Figura 31 - Áreas Industriais - Maior Peso da Pop. Activa nos Sect. de Actividade (2001)





Áreas Industriais (PDM Vigente)

Maior peso do Sector Secundário:

36% - 60%

61% - 90%

Maior peso do Sector Terciário

N

Fonte: Câmara Municipal de Guimarães

Relativamente à estrutura agrária esta funciona em regime de minifúndio, a agricultura é frequentemente praticada informalmente e em tempo parcial, como subsistência ou complemento de outras actividades nomeadamente a industrial, mas não deixa de manter um peso importante na economia da região e até no seu "modus –vivendi". De realçar neste contexto a cultura da vinha que, tendo ultrapassado a mera necessidade de consumo interno, se projecta para além fronteiras. A diminuição que se vem verificando na população que se dedica em exclusivo ao Sector Primário, não significa necessariamente um decréscimo na influência que este tem na economia do concelho, porque se bem que secundarizada em relação ao sector industrial, ganha importância relevante no quadro da pluriactividade, verdadeiro motor do desenvolvimento socio-económico desta região e factor de defesa contra as cíclicas crises do mercado de trabalho.

No que diz respeito à base industrial, a actividade fabril implantou-se no concelho desde muito cedo, com os curtumes e cutelarias, mas sobretudo com unidades têxteis, de mão-de-obra intensiva, de forma dispersa como a habitação, procurando inicialmente a proximidade dos rios (fonte de energia) e apoiadas numa vasta teia de vias nacionais e municipais, factor fundamental que, desde então permitiu o escoamento de produtos, quer para o litoral quer para o interior, nacional e internacional. Ultimamente tem-se verificado também uma crescente implantação de indústrias de calçado e plástico.[10]

> "A situação existente de, por um lado, quase monoindústria difusa e espalhada, e por outro de grande apoio na mão de obra, tem vindo a implicar bons incentivos e a indicação de zonas próprias para a instalação de indústrias alternativas em locais de fácil acessibilidade, com a flexibilidade suficiente para permitir manter a miscigenação entre indústria/casa/campo, sempre que aquela não cause problemas de poluição. A oferta existente relativamente à zona industrial e armazenagem, no PDM vigente, satisfaz a procura."

Mais recentemente tem-se vindo a verificar a terciarização com a existência de Escolas Profissionais e da Universidade do Minho, evidenciando-se uma forte incidência na oferta de Cursos nas áreas científicas da produção, informática, mecânica, electrónica, sistemas de informação, gestão, entre outras. Apoiado na intensa actividade de investigação, aplicada às empresas, desenvolvida pela Universidade do Minho, e na forte tradição empreendedora e modernidade com recurso às novas tecnologias, o tecido empresarial do território é muito denso, predominando as PME`s (Pequenas e Médias Empresas), mas sendo de realçar, também, a localização de grandes e importantes empresas, no sector têxtil, das cutelarias e de couros, representando cerca de 30% das sedeadas no Concelho.

[10] Informação cedida pelos Técnicos da Câmara Municipal afectos à Revisão do Plano Director Municipal.

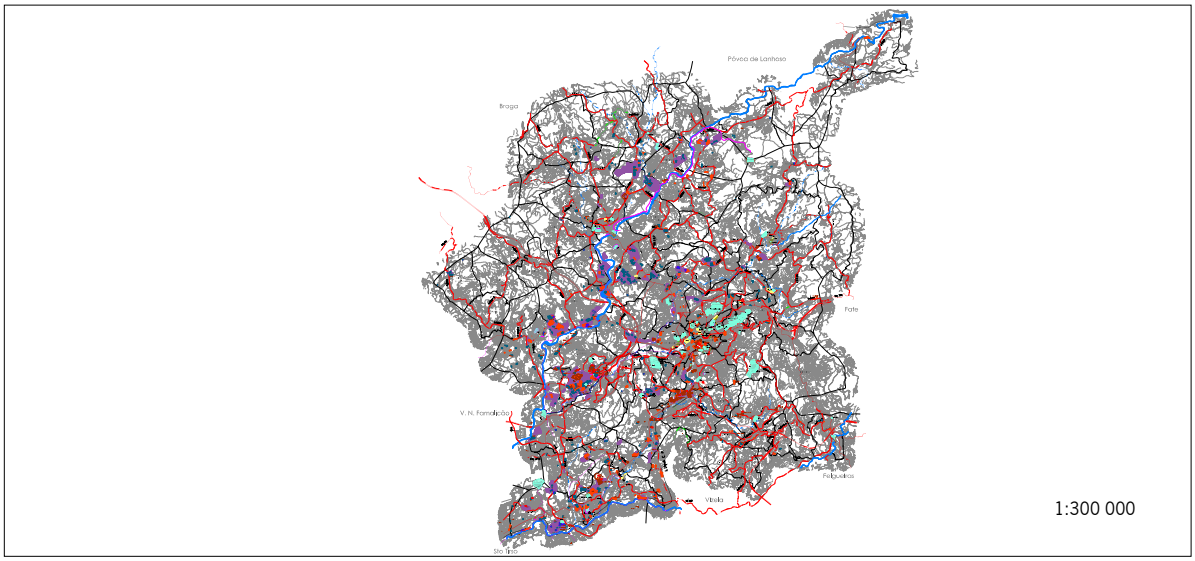
A actividade terciária tem vindo a aumentar nos últimos dez anos, a que não serão alheios, entre outros aspectos, a influência do Pólo de Guimarães da Universidade do Minho através de protocolos de cooperação com várias Entidades, nomeadamente com a Câmara Municipal e com algumas empresas de apoio a este sector de actividade, o Hospital Distrital Nossa Senhora da Oliveira, o Estádio de Futebol D. Afonso Henriques, o Guimarães Shopping, o Pavilhão Multiusos, a elevação do Centro Histórico da cidade de Guimarães à categoria de Património Cultural da Humanidade pela UNESCO em Dezembro de 2001, a abertura do Centro Cultural Vila Flor, em 2005. No entanto prevalece o Sector Secundário devido à proximidade de cidades com forte peso neste campo, Braga, Porto e Norte da Galiza, este último com Programas Comunitários, por exemplo "Eixo Atlântico - Agenda 21"[11] sobretudo, e por se encontrar disseminada nas próprias instalações industriais.

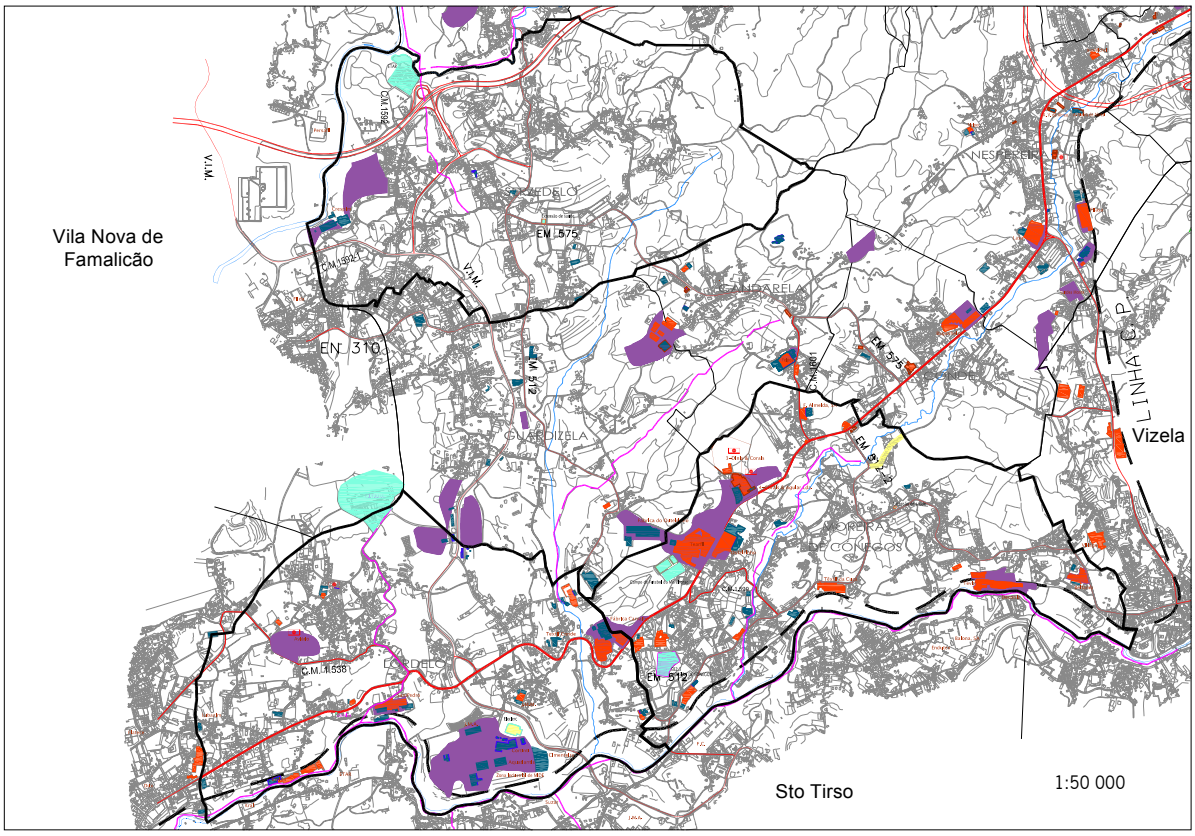
Actividades Produtivas e Equipamentos

O Concelho de Guimarães apresenta uma actividade industrial dispersa por quase toda a sua área territorial (Figura 31 e Figura 32), sendo o principal suporte económico do agregado familiar e o grande motor de desenvolvimento do Concelho ao longo dos anos. Paralelamente à importância da Indústria têm surgido Equipamentos de uso colectivo (Figura 33), geradores de grande mobilidade capazes de criar, per si, unidades de desenvolvimento, tornando-se verdadeiros pólos catalizadores de pessoas e bens.

[11] "Na sua essência, a Agenda 21 é então um pacto social a prol da sustentabilidade integrando, os sectores público, privado e social nas redes para o desenvolvimento de estratégias sustentáveis. A implicação dos cidadãos significa a criação de consensos estratégicos em torno das possibilidades de construir soluções para reduzir a insustentabilidade." In Agenda 21 do Eixo Atlântico, Concelho de Guimarães, 2004.

Figura 32 - Dinâmica das Actividades Produtivas - Últimos 10Anos





- Áreas Industriais
- Unidades Industriais Antes de 1994
- Unidades Industriais Depois de 1994
- Unidades Industriais Desactivadas
- Grandes e Médias Superfícies Comerciais
- Equipamentos Geradores de Mobilidade
- SIDVA (Sistema Integrado de Despoluição do Vale do Ave)

- Caminho Municipal
- Estrada Municipal
- Estrada Nacional - IP / IC
- Estrada Nacional - Outras Estradas
- Vias Sem Classificação
- Caminho de Ferro
- Linhas de Água
- Limite de Freguesia

N

Fonte: Câmara Municipal de Guimarães

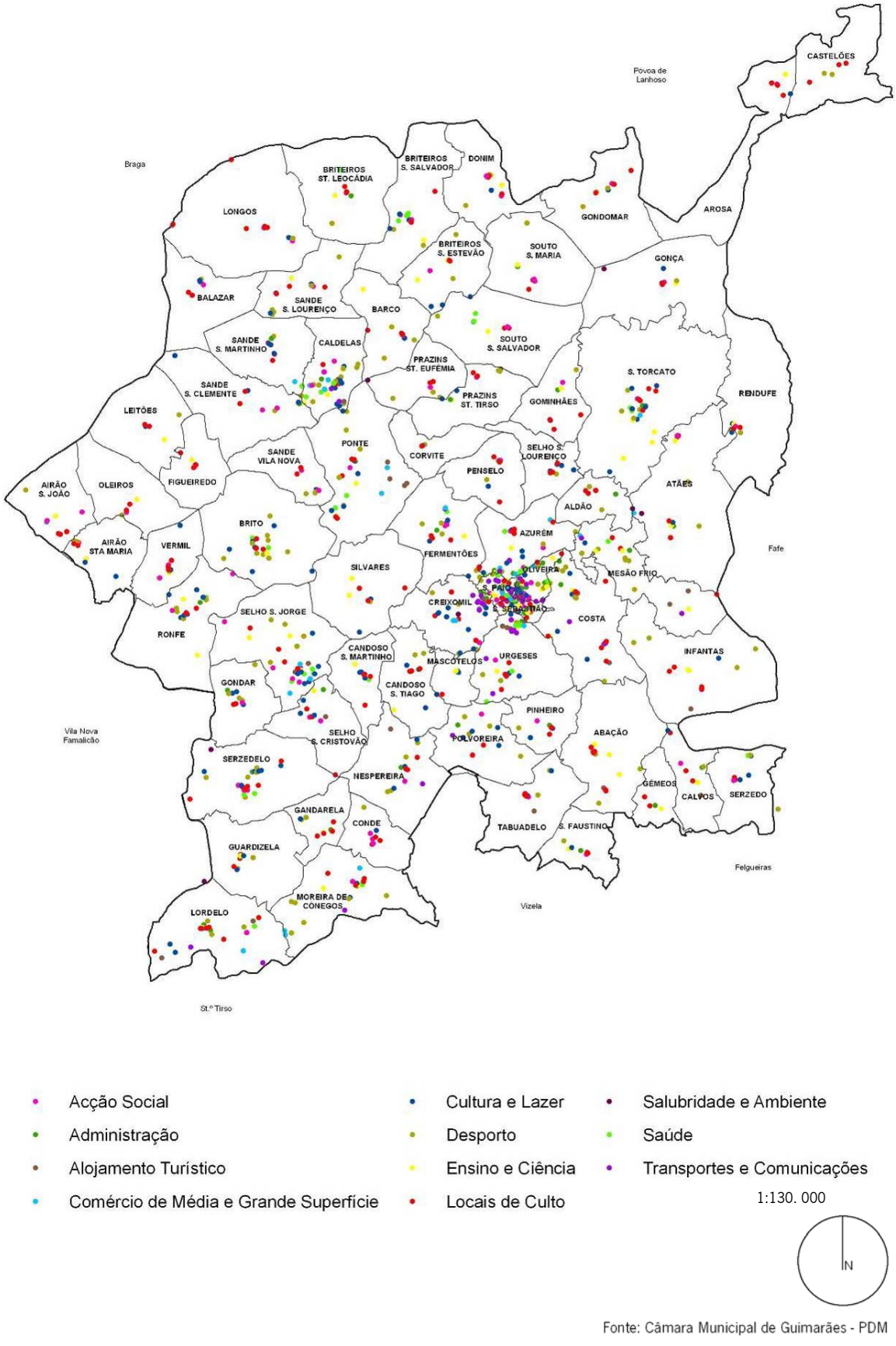
Distribuição Espacial dos Equipamentos Existentes no Concelho de Guimarães

A Figura 33 ilustra a localização espacial dos equipamentos existentes no Concelho nas diferentes categorias, nomeadamente: Acção Social, Administração, Alojamento Turístico, Comércio de Média e Grande Superfície, Cultura e Lazer, Desporto, Ensino e Ciência, Locais de Culto, Salubridade e Ambiente, Transportes e Comunicações. Este mapa vem reforçar, através da distribuição dos equipamentos ao nível do território, a maior ou menor importância de cada freguesias do concelho. Alguns factores que estão na base do seu aparecimento em determinados locais são de ordem demográfica, isto é, são direccionados para o número de pessoas que deles faz uso, reflectindo a sua área de influência.

Assim, observa-se uma maior concentração e diversidade no Centro e Área Urbana, seguindo-se as Vilas e Eixos Viários mais intensos e por último, as restantes Freguesias. Esta distribuição conduz-nos à existência de uma, possível hierarquia de aglomerados na qual, Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo auferem de um leque de equipamentos que, por comparação às demais Vilas se encontram no mesmo nível.

Assinalamos, seguidamente os equipamentos mais marcantes nos territórios de Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo.

Figura 33 – Equipamentos Existentes no Concelho de Guimarães



Fonte: Câmara Municipal de Guimarães - PDM

Destacamos, agora, as freguesias de Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo que, à semelhança do que se observa nas outras vilas do território concelhio (Figura 33), também elas apresentam um conjunto de equipamentos de uso colectivo com uma área de influência que abrange as freguesias vizinhas sendo algumas delas de outros concelhos. A sua localização dispersa poderá contribuir para tentarmos perceber, a existência, ou não, de possíveis *núcleos centrais*, bem como a sua dinâmica e mobilidade dentro da freguesia.

Vejamos o caso de Lordelo:

A localização do parque industrial de Mide está rodeada de uma rede de estradas que permitem a ligação a outros pontos do concelho e a concelhos vizinhos. Na mesma área encontramos um hipermercado, classificado de comércio de média ou grande superfície. Não só existe, neste local, o movimento/circulação de transporte associado à indústria e armazéns, como existe, também, um grande fluxo de pessoas do concelho e de concelhos limítrofes que se deslocam para o hipermercado onde encontram a oferta para as suas necessidades.

Verificamos que a Junta de Freguesia e a Igreja Matriz entre outros equipamentos existentes na área envolvente, atraem diariamente muitas pessoas, quer pelas funções que aí encontram, quer por aspectos meramente casuísticos, tais como, aspectos arquitectónicos: na antiga Igreja Matriz ou capela de S. Tiago observamos a arquitectura românica facto que atrai ao local, onde se insere, alguns visitantes.

Em Moreira de Cónegos:

A existência de um "grande" equipamento desportivo, estádio do Moreirense e área envolvente, leva a que um grande número de pessoas se desloque diariamente para este local. Há uns anos atrás, quando o Clube se encontrava na Primeira Divisão da Liga Nacional, este equipamento desportivo dispunha de uma área de influência que atingia a escala nacional. O fenómeno era mais notório aos fins-de-semana aquando da realização de jogos de futebol no referido estádio. Actualmente, a sua área de influência é menor limitando-se a servir a freguesia e outras freguesias limítrofes do concelho e de outros próximos. A prática de desporto e a utilização de outros equipamentos aí existentes, designadamente a existência de algumas unidades fabris, com projecção além fronteiras, geram um certo dinamismo, próprio de um *pólo* de atractividade ou de um *centro.*

A Junta de Freguesia, a Igreja Matriz, o Cemitério, o comércio, bem como outros equipamentos de uso colectivo concentrados nesta área movimentam muitos *moreirenses* e habitantes de outras localidades, inter e intra concelhios, diariamente. As características funcionais que dispõem os

equipamentos desta área constituem um factor atractivo gerador de grande mobilidade, quer se trate da farmácia, da extensão do centro de saúde, do serviço de correios ou de outro.

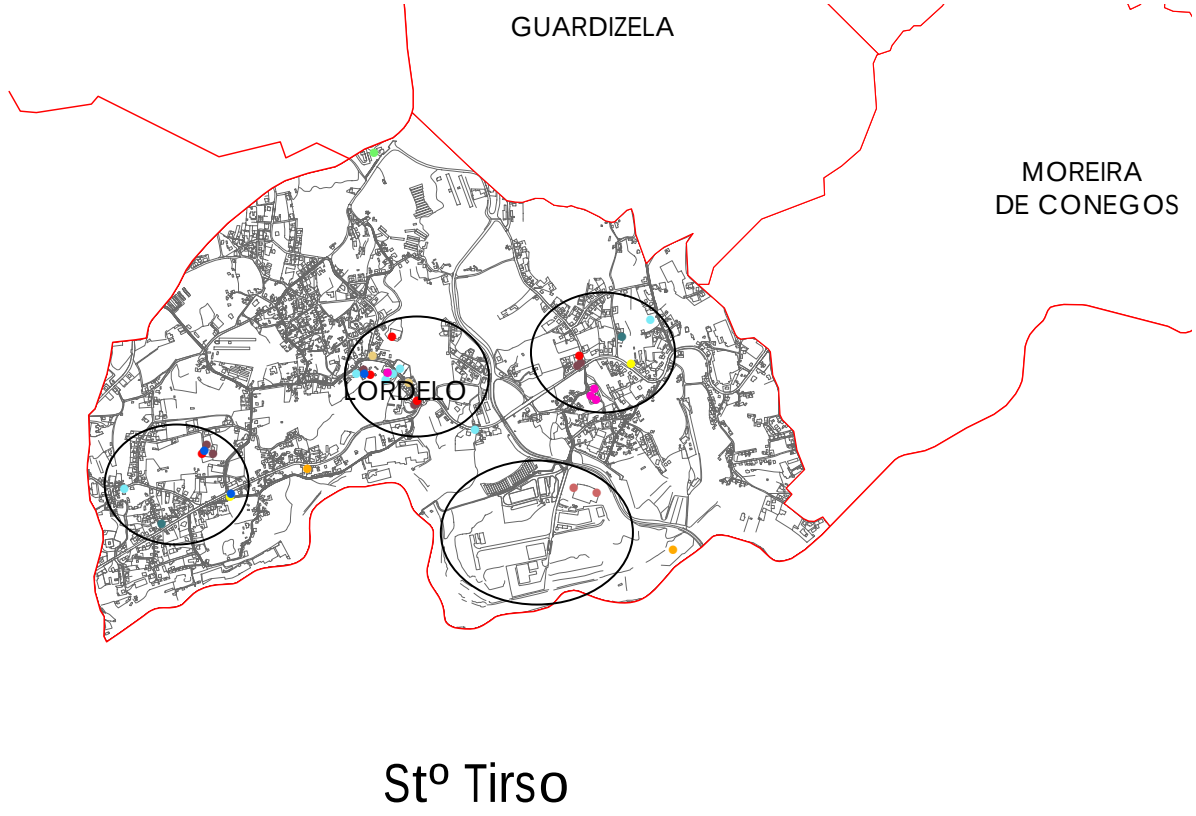
Ainda em Moreira de Cónegos, a Escola EB 2,3 sede de Agrupamento de escolas, atrai, diariamente, alunos, professores, funcionários e outros a este local. A existência deste equipamento escolar, trouxe consigo o aparecimento de pequeno e diversificado comércio e a construção de novos blocos de habitação multifamiliar. Esta área apresenta-se no seio da freguesia dotada de um crescente dinamismo.

Em Serzedelo, a Junta de Freguesia e os equipamentos que funcionam no mesmo edifício recebem com regularidade muitos habitantes da freguesia que aí se dirigem para resolver assuntos relacionados com o seu quotidiano. O mesmo se passa noutro local da freguesia onde existem locais de culto, Igreja Matriz e Mosteiro de S.ta Cristina – construção românica - , e outros equipamentos dos quais a população faz uso diariamente.

Destacamos o Mosteiro de Sta Cristina, que, dada a sua arquitectura de estilo românico, atrai alguns visitantes, não só o mero turista, mas também o historiador, o arqueólogo e outros estudiosos de várias áreas do saber.

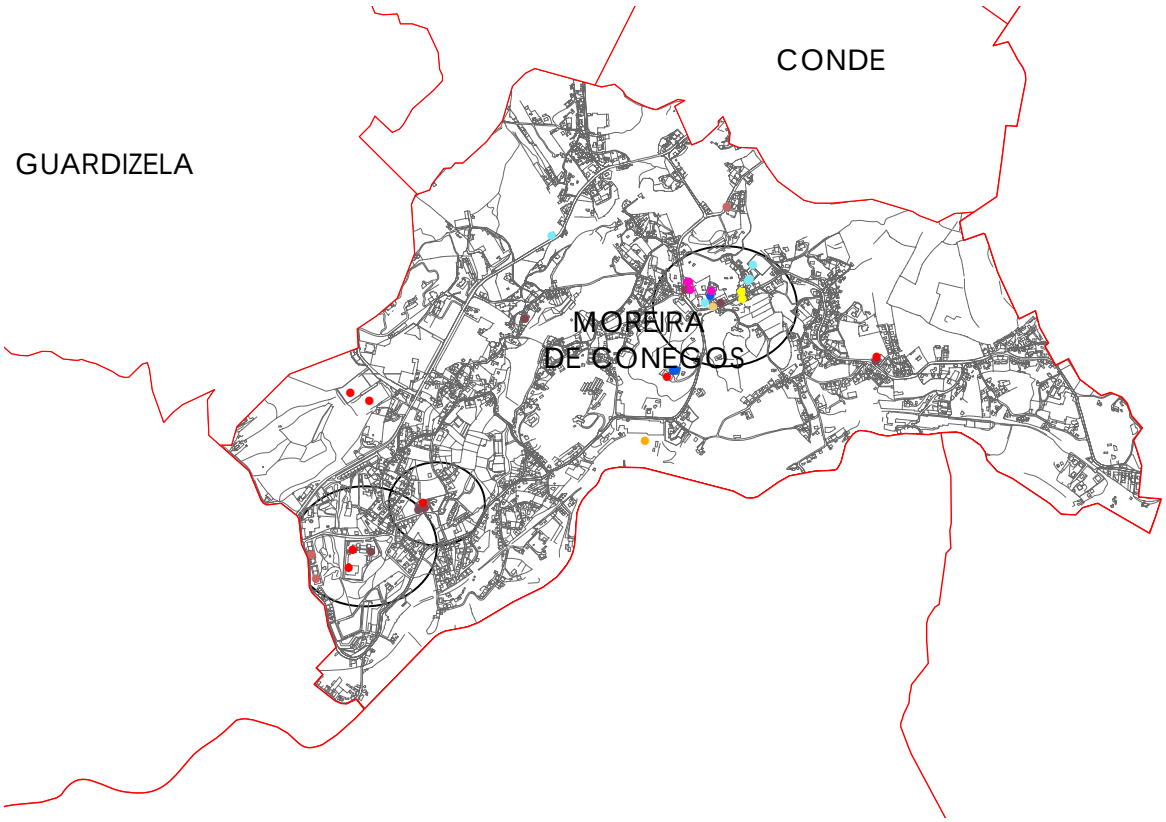
É de salientar que para além dos equipamentos citados, existem outros distribuídos pela área total das freguesias suprareferidas.

Figura 34 - Equipamentos Existentes na Freguesia de Lordelo



Fonte: Câmara Municipal de Guimarães

Figura 35 - Equipamentos Existentes na Freguesia de Moreira de Cónegos



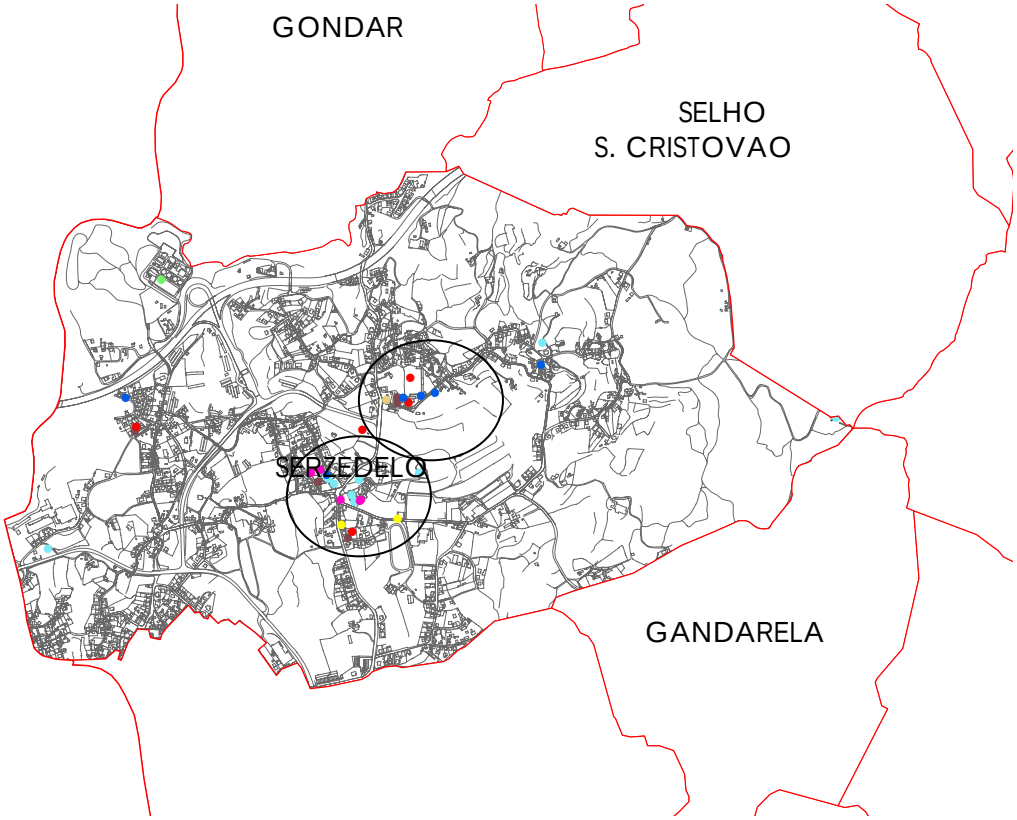
Equipamentos

- Acção Social
- Alojamento Turístico
- Cultura e Lazer
- Ensino e Ciência
- Salubridade e Ambiente
- Transportes e Comunicações
- Administração
- Comércio de Média e Grande Superfície
- Desporto
- Locais de Culto
- Saúde

Localização de equipamentos

Fonte: Câmara Municipal de Guimarães

Figura 36 - Equipamentos Existentes na Freguesia de Serzedelo



Equipamentos

- Acção Social
- Alojamento Turístico
- Cultura e Lazer
- Ensino e Ciência
- Salubridade e Ambiente
- Transportes e Comunicações
- Administração
- Comércio de Média e Grande Superfície
- Desporto
- Locais de Culto
- Saúde

Localização de equipamentos

Fonte: Câmara Municipal de Guimarães

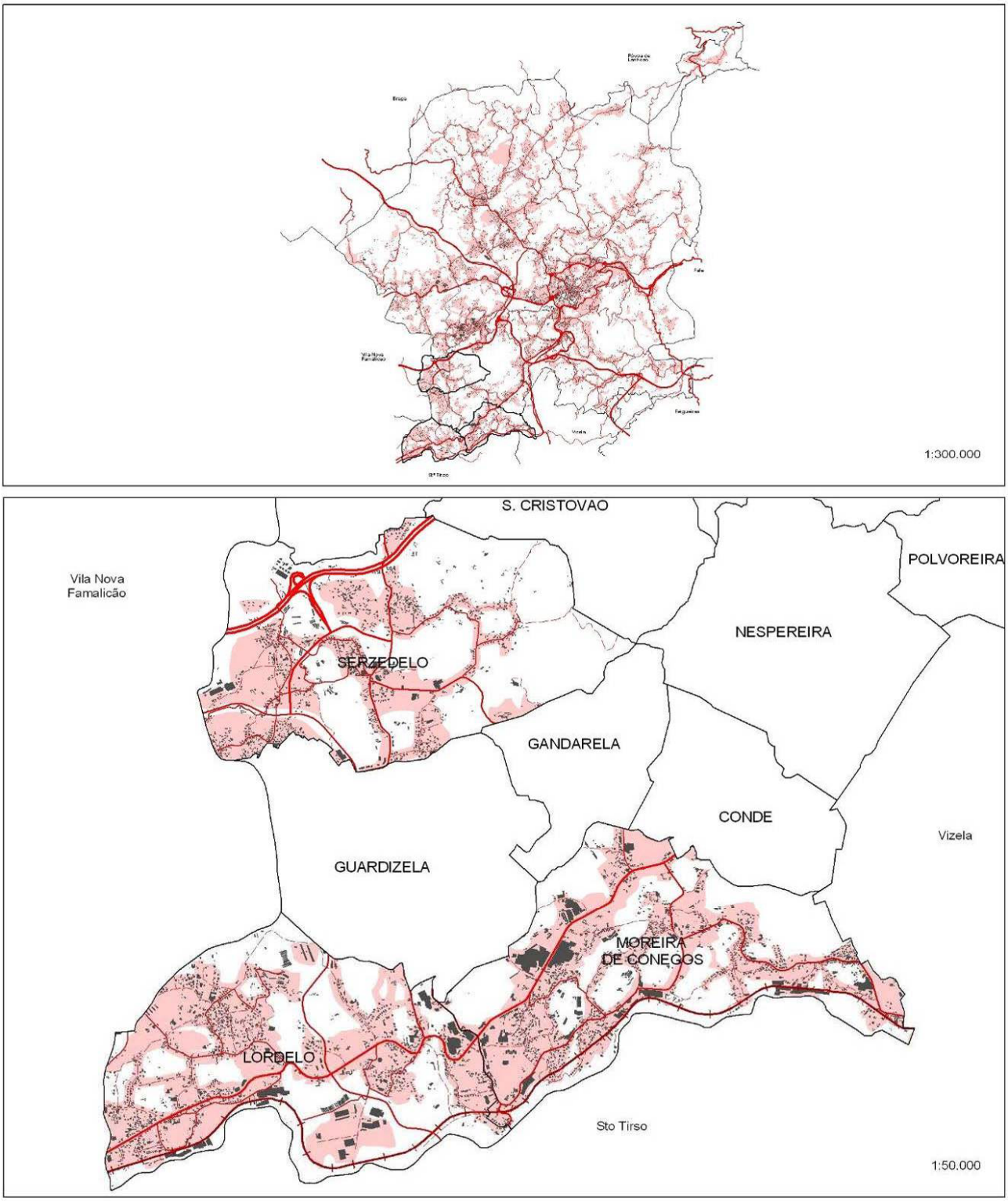
4.1.2 – Povoamento – Processos de Urbanização – Articulação entre os Espaços Rurais e Urbanos

Estrutura do Povoamento e Processos de Urbanização

A Estrutura do Povoamento é determinada por vários factores físicos, nomeadamente o relevo e a rede hidrográfica. Para além destes aspectos que condicionam o povoamento, há a considerar, também as vias de comunicação e a morfologia agrária pois são dois aspectos preponderantes na distribuição da população. As vias de comunicação, assumiram, igualmente, ao longo dos tempos uma grande importância na distribuição do edificado, quer para a localização das indústrias quer, consequentemente para a fixação das pessoas. A paisagem agrária, de origens ancestrais, caracteriza-se pelo polvilhar de habitações com pequenas parcelas as quais são delimitadas por sebes ou muros em pedra, em regime de minifúndio. Esta paisagem tem sofrido alterações, devido principalmente ao desenvolvimento do sector secundário que, com alguma frequência, não se encontra edificado em áreas específicas e, por sua vez, se reflecte na construção, indevida, de habitações.

No Médio Ave, onde se insere o Concelho de Guimarães e o qual partilha da mesma estrutura de povoamento, a paisagem formou-se progressivamente pela adição de intervenções pontuais sem que tenha sido estabelecida uma relação, prévia entre elas. Atrever-nos-íamos a chamar-lhe "auto-urbanismo" ou "urbanismo espontâneo" como o apelida Cunha, D. V. em "Arquitectura e Urbanismo em Território Disperso", (1988: 37) o que nos leva, na maioria das vezes a denominá-lo de anárquico, caótico e, até irracional. Mas, como atrás se referiu existem, muitas das vezes, factores físicos, económicos, culturais e sociais que explicam ou ajudam a compreender a dispersão. Segundo Ilya Prigogine e I. Stengers, 1984, citado por, Cunha, D. V. em "Arquitectura e Urbanismo em Território Disperso ", (1988: 38) "todos os sistemas contêm subsistemas que estão em permanente mutação; por vezes uma mutação pode tornar-se muito poderosa, ao ponto de transformar a ordem pré-existente", acrescentam ainda "que a ordem pode surgir espontaneamente a partir da desordem e do caos através de um processo de auto-organização". Este raciocínio remete-nos para o facto do povoamento disperso não ser um fenómeno aleatório, mas sim um fenómeno complexo. A caracterização socio-económica sobre o Concelho de Guimarães, apresentada anteriormente, assume, também importância na tentativa de compreensão do disperso.

Figura 37 - Estrutura do Povoamento (Área Urbanizada e Área Não Urbanizável)



Fonte: Câmara Municipal de Guimarães - PDM

Da análise da Figura 37, retém-se a imagem da existência de uma densificação do edificado, quer habitacional quer industrial, na Área Urbana, Vilas e principais Eixos Axiais tais como em alguns pontos das Estradas Nacionais: 101 (Ponte, Caldelas e Mesão Frio), 105 (Lordelo e Moreira de Cónegos), 206 (Brito e Ronfe), 310 (Briteiros Sto Estêvão, Barco, Selho S.Jorge - Pevidém e Gondar); Circular Urbana de Guimarães; Via Municipal Brito – Pevidém e Via Intermunicipal (Lordelo e Guardizela).

A Vila de Lordelo denota um aumento da habitação uni e bifamiliar, as de Moreira de Cónegos e de Serzedelo apresentam um crescimento habitacional relevante ao nível do modelo multifamiliar. Ao nível da indústria e dos equipamentos, é de salientar o aparecimento de novas unidades fabris, bem como, o de alguns equipamentos de uso colectivo.

Por todo o Concelho, assiste-se a uma grande proliferação da urbanização difusa de baixa densidade (habitação uni ou bifamiliar) e de edifícios industriais.

Há uma estreita relação entre as funções: residencial e actividades (casa/trabalho), principalmente as industriais. Nos últimos 10 anos, a interdependência destas duas funções, associadas aos equipamentos de uso colectivo é mais evidente nos principais pólos: Área Urbana da cidade com a excepção do Centro Histórico; Ponte; Selho S. Jorge – Pevidém; Caldelas; Brito; Ronfe, Lordelo e Moreira de Cónegos e Serzedelo.

– As Tendências de Polarização e as Tendências de Dispersão

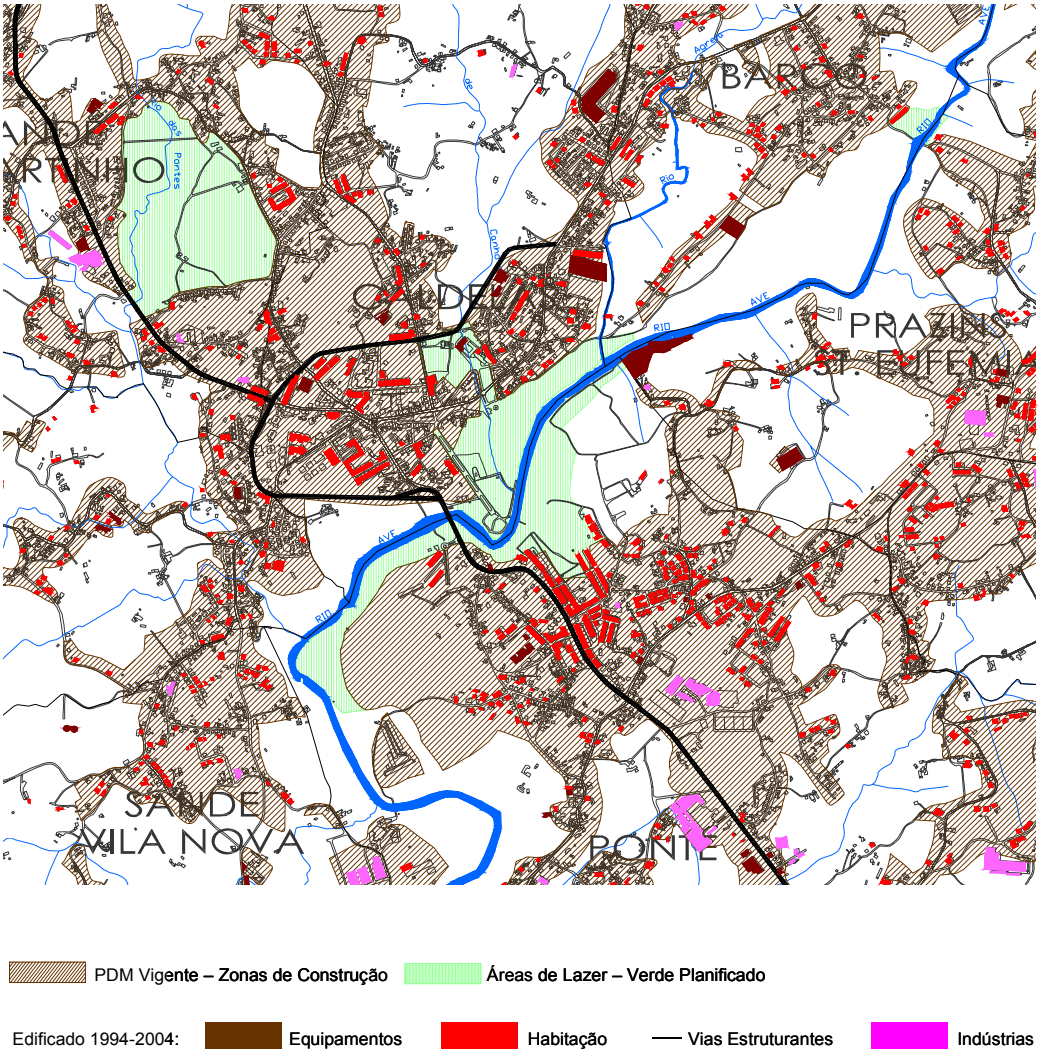
Indo de encontro à estrutura do povoamento do Concelho de Guimarães, utilizamos dois exemplos ilustrativos do mesmo: o primeiro é caracterizado por uma dinâmica urbana de aglomerado de urbanização difusa com tendências de polarização, pouco frequente no território concelhio e o segundo exemplo, é o de um aglomerado com tendência de ocupação dispersa, com centralidades múltiplas, mais exemplificativa da estrutura de ocupação em todo o Concelho.

– Evolução da Dinâmica Urbana num Aglomerado – Vila das Taipas (Figura 38)

A Vila das Taipas usufrui de uma consolidação do estatuto de Vila, com uma certa autonomia funcional, encontrando-se as áreas de parque também consolidadas. Apresenta mecanismos de fixação da população, visível através da existência de habitação multifamiliar. Dispõe de um tecido urbano alternativo, com afirmação dentro dos parâmetros apontados pelo Plano Director Municipal[12], apesar das dificuldades verificadas na relação viária com a sede de Concelho.

[12] Consulta do Plano Director Municipal de Guimarães e impressões recolhidas junto dos Técnicos que dele fazem uso.

Figura 38 - Evolução da Dinâmica Urbana num Aglomerado - Vila das Taipas

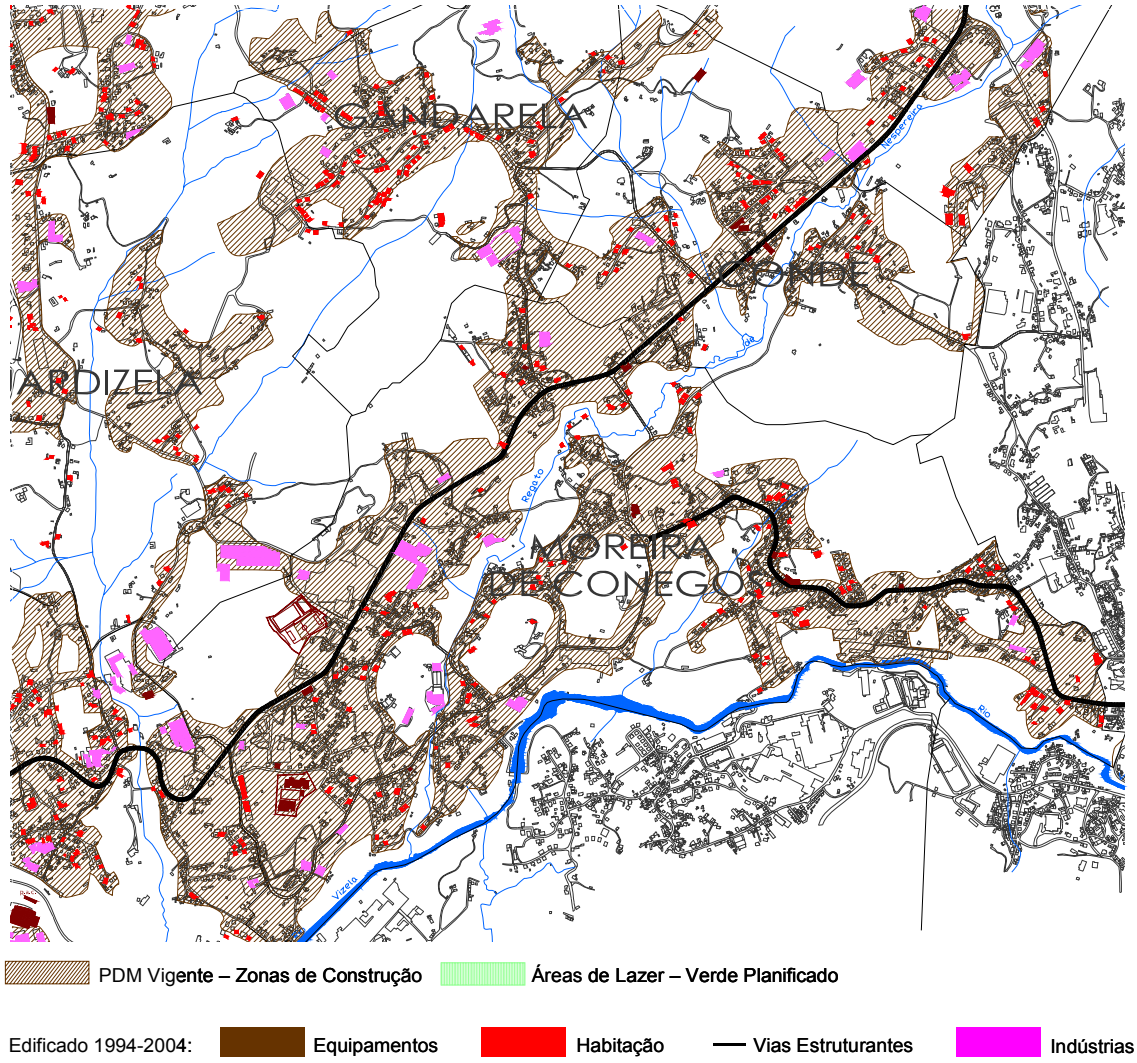


Fonte**:** Câmara Municipal de Guimarães – Estudos no âmbito da actual Revisão do PDM

Evolução da Dinâmica Urbana numa Área de "Ocupação Dispersa/Densa" – Moreira de Cónegos (Figura 39)

Verifica-se, de acordo com a Figura 39, uma intensificação de forma não estruturada e descontínua, do crescimento industrial ao longo do principal eixo viário – Estrada Nacional 105 (Guimarães – Sto Tirso), bem como, a proliferação "desordenada" da pequena indústria, isto é, dispersa, coabitando no tecido habitacional e áreas agrícolas espalhadas, também elas no território. Há ainda a salientar a possível (co) existência de três *núcleos polarizadores*: um a sudoeste da freguesia, outro a nordeste e por último, um a oeste. O crescimento habitacional é intenso e disseminado, encontrando-se entre os pólos industriais e os três *núcleos polarizadores*, mencionados. Assiste-se ainda, ao congestionamento e à sobrecarga da rede viária local.

Figura 39 - Evolução da Dinâmica Urbana numa Área de "Ocupação Dispersa/Densa - Moreira de Cónegos



Fonte**:** Câmara Municipal de Guimarães – Estudos no âmbito da actual Revisão do PDM

Articulação entre os Espaços Rurais e Urbanos

"No Ave, não existe uma distinção clara, entre o rural e o urbano (...)" Sá, M. F. "O Médio Ave", (1986: 18). A dicotomia rural/urbana não integra a definição de povoamento do Vale do Ave. Aqui, o urbano interliga-se com o rural e unifica-se. A paisagem desta região ilustra a "convivência", de aspecto harmonioso, entre o rural e o urbano. As características que, habitualmente, os definem e os separam encontram, neste território, uma articulação pacífica ao nível da sua morfologia.

Assim, permitiu hierarquizar os vários aglomerados de um concelho de urbanização difusa.

- Hierarquia dos Aglomerados

A hierarquização ao nível dos aglomerados no Concelho de Guimarães surgiu no contexto da revisão do Plano Director Municipal, levada a cabo pela Câmara Municipal de Guimarães.

Segundo os técnicos envolvidos, sentiu-se, claramente, a necessidade de "arrumar" de uma forma radial as freguesias do Concelho. Os critérios adoptados foram de vária ordem, no entanto os que mais pesaram foram os seguintes: o perímetro urbano da cidade[13], as vilas legalmente institucionalizadas, a população residente, a diversidade de equipamentos existentes geradores de grande fluxo e a mobilidade. Assim sendo, obtiveram o resultado que a seguir se apresenta.

A Área Urbana (Figura 40), definida pelas freguesias da Cidade e freguesias limítrofes, onde existe maior peso em termos demográficos, na qual se localizam todo o tipo de categorias de equipamentos (administração, saúde, ensino, desporto, etc.) Esta zona abrange uma grande área de influência que se estende para além da Cidade.

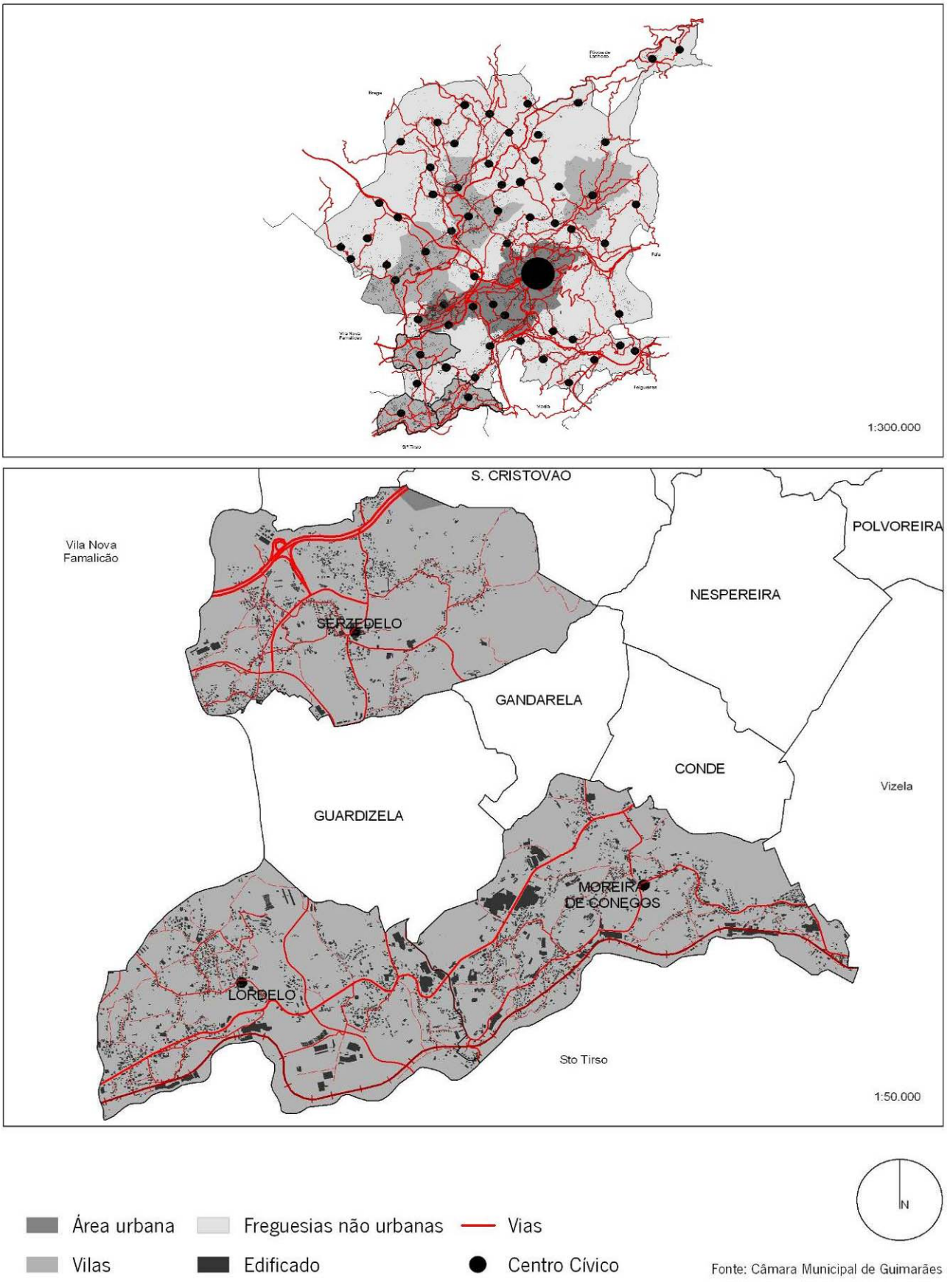
Os pólos principais, as Vilas (Figura 40) (Brito, Lordelo, Moreira de Cónegos, Pevidém, Ponte, Ronfe, Serzedelo, S.Torcato, Taipas), exercem grande atracção, dado, o seu carácter urbano e a forte identidade que assumem. Estão dotados de equipamentos e infra-estruturas significativas, tais como, serviços de saúde, ensino, administração, cultura...etc.

As freguesias mais próximas dos principais eixos viários (Figura 40) (Guimarães – Braga; Guimarães – Famalicão; Guimarães – Fafe; Guimarães – Sto. Tirso), usufruem de boa acessibilidade, quer para a localização das actividades produtivas, nomeadamente a indústria, quer para a mobilidade populacional (movimentos pendulares: casa – trabalho ou escola e vice – versa). Os equipamentos existentes têm uma área de influência média ou pequena.

As restantes freguesias, localizadas nas franjas do Concelho (Figura 40) (mais a Norte, Nordeste e Sudeste), coincidem com as freguesias menos populosas, mais rurais e com um menor número de equipamentos. A sua área de influência é pequena, por exemplo, as Escolas Básicas do 1º Ciclo, em Castelões, Arosa, Gondomar, Donim, Briteiros Sta Leocádia, Donim, Longos, e outras.

[13] A delimitação, ainda em vigor, foi publicada em Diário do Governo em 1972, através do Decreto-Lei 328 de 22 de Agosto.

Figura 40 - Hierarquia dos Aglomerados



As variáveis apresentadas no Quadro 19 reforçam a ideia de hierarquia dos aglomerados definida anteriormente, salientando a dinâmica urbana do Concelho:

A maior Taxa de Crescimento Populacional (1991/2001) verifica-se nas Vilas – 14,3%;

O maior Peso Populacional (2001) verifica-se na Área Urbana – 31,3%;

População da Área Urbana mais a População das Vilas (2001) – 55,5%;

População da Área Urbana mais a População das Vilas (1991) – 35,8%.

Quadro 19 - Dinâmica Urbana – (1991/2001)

Concelho				**Área Urbana da Cidade**						**Vilas (9)**					
População Residente - 2001	Área (km2) - 2001	Densidade Populacional (hab/km2) - 2001	Variação 1991/2001 (%)	População Residente - 2001	Área (km2)	Densidade Populacional (hab/km2) - 2001	Variação 1991/2001 (%)	Área Urbana/Concelho (%)		População Residente	Área (km2)	Densidade Populacional (hab/km2)	Variação 1991/2001 (%)	Vilas/Concelho (%)	
159576	242	659,3	10,8	*50000	23,4	2138,8	12,7	1991- 27,3	2001- 31,3	44221	52	850	14,3	**1991 - 8.5	2001 -24,2

Fonte: Câmara Municipal de Guimarães

* Valor aproximado

** Em 1991 o Concelho de Guimarães contava apenas com duas Vilas, a Vila das Taipas e a Vila de Vizela.

A hierarquia dos aglomerados permitiu agrupar e distinguir, de acordo com determinados factores, as freguesias do concelho de Guimarães. Figura 40

Os factores determinantes para o estudo da hierarquização foram os seguintes: a área e o perímetro urbanos, as vilas, a população residente em cada freguesia e os equipamentos com respectiva área de influência.

Os resultados observados demonstraram que as freguesias da área e do perímetro urbano, bem como das vilas, eram as mais povoadas. A sua população residente, INE - Censos, (2001) tinha um grande peso na população total do concelho, 31,3% e 24,2%, respectivamente.

A variação populacional, 1991/2001, também apresentava valores superiores, 12,7% e 14,3%, respectivamente, aos da média concelhia, 10,8%.

As freguesias, também vilas, em destaque neste trabalho, Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo, contribuíram com 14 542 habitantes, INE - Censos, (2001), cerca de 9,1% da população total do concelho.

Podemos, pois, concluir que os "centros urbanos", freguesias do centro e área urbana da cidade e as vilas, são os locais mais atractivos. A sua população residente, somada, representa 55,5% da população total do concelho.

Mais de metade da população do concelho de Guimarães habita em centros urbanos.

O resultado da hierarquização do território permite-nos estabelecer um paralelismo, a escalas diferentes, com o tema "A Dinâmica de Núcleos Centrais em Território de Urbanização Difusa": o centro e área urbana da cidade, apresentam uma grande área de influência, ao nível regional, ultrapassando, até, as fronteiras nacionais, por exemplo, o núcleo histórico da cidade, classificado pela UNESCO, em Dezembro de 2001 como Património Mundial da Humanidade, a juntar a alguns equipamentos que organizam eventos de carácter internacional.

Podemos, por isso, afirmar que se trata de uma grande centralidade, no mínimo, ao nível concelhio e regional.

Verifica-se, ainda, que as nove vilas dispersas pelo concelho, também elas, pelo seu carácter urbano, pelo número de equipamentos e pela sua especificidade, denotam uma grande área de influência e centralidade relativamente às freguesias que as rodeiam, do concelho e inter concelhos. Para além disso, dos motivos apontados, existem outros distintos que atraem investimentos contribuindo para fixação de população.

As restantes freguesias não foram submetidas a um critério hierarquizante, contudo, poder-se-ia fazê-lo. Sabemos que, dentro destas, a população residente varia, em alguns casos, consideravelmente, sabemos também que, algumas delas, possuem equipamentos mais especializados, citamos como exemplo a freguesia de Briteiros S. Salvador, local onde de encontra a "Citânia", antigo povoado castrejo.

A constatação de aglomerados centrais, relativamente a outros aglomerados, alguns deles de aparecimento recente mas com um protagonismo destacado, ultrapassando outros que já usufruíram desse estatuto conduz-nos à ideia de mobilidade e dinâmica das centralidades.

4.2. – O estudo de caso – Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo

Iniciaremos este ponto, apresentando um breve resumo da história de cada uma das freguesias acima destacadas, sintetizando a evolução da estrutura do povoamento ao longo dos tempos.

A vila de Lordelo, S. Tiago de Lordelo, antigo nome, situa-se na vertente Sul da elevação do "Cabeço das Meninas", e, a Sudoeste do Concelho de Guimarães, desce até ao rio Vizela de forma mais ou menos acidentada.

Mais abundante em áreas florestais do que em solos agrícolas, evidenciavam núcleos de construção de formação antiga, mais ou menos concentrados.

Até à primeira metade do séc. XIX a paisagem era composta de quintas e casais, vivendo durante muito tempo do sustento da terra, da abundância do rio, do comércio das madeiras e exportação do linho.

Manteve-se num ritmo de crescimento calmo até meados do século XIX, altura em que se abriu um novo capítulo; o início da industrialização.

Os aglomerados próximos, ligavam-se entre si por uma rede viária relativamente densa, destacando-se, à época da sua edificação – período Romano – pela sua importância os eixos de direcção Norte-Sul de atravessamento do rio. Era exemplo o percurso militar de ligação entre Penafiel e Braga, que passava pela ponte Romana de Negrelos, e pela Igreja Românica de S. João de Calvos, cuja importância permaneceu até muito tarde. Esta ponte padeceu algumas agruras com as Invasões Francesas.

Foi integrada no Concelho de Guimarães em 1834, sento até esta data, território do Concelho de Barcelos.

A construção da ligação de Guimarães ao Porto, através da estrada nacional 105 e a edificação da linha férrea, concluída em 1884, incluíram a região no sistema Nacional de caminhos de ferro, subverteram a antiga ordem, vendo-se assim o seu tecido definitivamente alterado face a novas linhas de força de estruturação territorial.

Mais tarde, já no século XX, e atraída pela força energética do rio Vizela, surgiu a Fábrica do Papel, no presente, em ruínas, que marcou o corte com a ruralidade que sempre caracterizou a Vila, antecedendo a viragem definitiva da economia da região para a industrialização.

Actualmente esta área, insere-se numa vasta região fortemente industrializada, estando sujeita a uma urbanização difusa acelerada, com povoamento disperso a exemplo do que se verificou na maior parte das freguesias do Concelho de Guimarães.

A vila de Moreira de Cónegos, anteriormente designada por S. Paio de Moreira de Cónegos, faz parte da bacia do rio Vizela que a limita pelo Sul. Acompanha o rio numa grande extensão e é atravessada de Nordeste para Sudoeste pela Ribeira de Nespereira, antes de se precipitar no Ave. A dividir estas linhas de água, interpõe-se numa sucessão de elevações que baixam de altura à medida que progridem para Sudoeste.

O Vizela corre entalado entre margens fundas, quase que escondendo a sua presença. O mesmo não se observa com a Ribeira, que passa em zona aberta, relativamente espraiada, onde foi possível o aproveitamento agrícola.

O território da Vila foi desde sempre povoado como o provam os achados arqueológicos romanos encontrados no Outeiro de Moreira.

À semelhança de toda a região do vale do Ave, onde se insere, atravessou um longo período de lenta transformação, cuja expressão territorial se evidenciou nas quintas e casais que polarizavam até há bem pouco tempo a paisagem.

Numa economia baseada na exploração agrícola, os rios foram factores determinantes, tanto pelo aproveitamento da sua força motriz para moagem de cereais, como pela pescaria que proporcionavam.

A abundância de correntes de água, levou a que a actividade de alguns dos seus habitantes se ligasse necessariamente àquele recurso. Moreira de Cónegos foi, em tempos, conhecida como terra de moleiros, em que muitos se dedicavam já a um tipo de exploração que ultrapassava o simples nível artesanal e doméstico.

Não admira portanto que a par da agricultura e outras ocupações, tendo como recurso a força motriz da água, se tenham desenvolvido precocemente, existindo já em meados do século XIX, duas fábricas de papel.

Num fenómeno de proto-industrialização, a partir de adaptações de antigos moinhos e azenhas, surgiram actividades de cariz industrial das quais se destacou a têxtil, que constituiu o embrião da futura expansão daquela indústria na região. Para o facto, muito contribuiu a linha de caminho de ferro, cujos últimos trabalhos terminaram em 1884. Passando paralela e a pouca distância do Vizela, aliou a fonte de energia ao transporte de mercadorias.

Esta exigência levou a que numa primeira fase, as indústrias se situassem naquelas imediações, como é o caso da emblemática fábrica da Cuca, cuja história embora ainda por fazer, ilustrou de forma paradigmática um processo típico da região[14].

[14] Os proprietários da fábrica, dispunham nas imediações da mesma, de uma quinta rural com terrenos agrícolas, fabricados pelos caseiros, também eles com habitação modesta dentro da própria quinta.

A vila era fértil em muitos aspectos ligados à água, e ao seu aproveitamento, possuindo numerosos atravessamentos que marcaram épocas, não podendo deixar de se salientar, pelo seu excepcional estado de conservação, a ponte Romana de Negrelos, que conservou o seu primitivo legado, conforme recentemente se apurou.

Na primeira metade do século XX, a estrada municipal 512 (Serzedelo/Serzedo) adquiriu uma enorme importância pela atracção que exerceu na implantação da indústria. Com um desenvolvimento paralelo e muito perto da linha de caminho de ferro, as unidades industriais, já libertas da dependência física dos rios, procuravam na nova via, de cómodo traçado, aliar aqueles aspectos à vantagem decorrente duma moderna acessibilidade.

Papel semelhante, iria desempenhar, mais tarde, a estrada nacional 105, após a decadência do papel desempenhado pelo caminho-de-ferro no apoio à indústria.

Estas vias revolucionaram o padrão tradicional do edificado, introduzindo alterações nas linhas de força de estruturação territorial, tornando os terrenos marginais bastante atractivos para a implantação industrial.

Surgiam as unidades fabris que provocavam uma viragem no tecido social e económico da região.

A densificação construtiva, bastante difusa traduz-se em novas arquitecturas que continuam a preencher a paisagem, introduzindo outras realidades que quase apagam o antigo mundo rural.

Serzedelo ou Cerzedelo, também vila, é geograficamente dominada pela elevação da Srª do Monte, situada a Nascente da freguesia, desce para Poente até aos Rios Ave e Selho, numa vertente recortada por linhas de água que desenharam bacias, aproveitadas para a exploração agrícola. É aqui que se encontram as antigas quintas, algumas ainda em laboração, constituem um manancial de velhas tradições e repositórios de arquitecturas vernaculares.

Entre socalcos cultivados, as quintas ainda em funcionamento, estendem-se pelas zonas de mato de cota mais alta, possuindo uma percentagem considerável de carvalhos e pinheiros.

O território da vila foi desde sempre povoado, tendo sido um dos mais importantes na zona, no período da reconquista, visível pela edificação do Mosteiro de Cerzedelo.

Tal como outras regiões do Vale do Ave, Serzedelo, também atravessou uma lenta transformação, da exploração agrícola à implantação da indústria. Os rios assumiram, igualmente um papel fundamental para o desenvolvimento de algumas actividades, nomeadamente, a piscatória e a agrícola, pelo cultivo das terras e pela moagem de cereais.

O aumento demográfico dos séculos XIX e XX, determinou o aparecimento de novos lugares e o adensamento dos antigos, numa acção potenciada pela evolução da economia da região para a industrialização.

A alteração da actividade económica que se operou, centrada no eixo de desenvolvimento fabril Pevidém/Riba D'Ave, deixou as suas marcas ao longo dessa faixa, correspondendo à zona de maior densificação construtiva, coexistindo, contudo bolsas de território ainda muito ligadas ao sector agrícola. Este aspecto é particularmente notório nas vias que cruzam a vila, ao longo das quais se foi distribuindo o *casario,* situado, essencialmente, ao longo das linhas aráveis, verificando-se uma diversidade de cenários que a topografia acidentada favorece.[15]

Num território de urbanização difusa e de povoamento muito disperso, como é o caso do Vale do Ave e do concelho de Guimarães, abordar exemplos com essa tipologia, afigurou-se necessário para melhor analisarmos e compreendermos esse fenómeno à escala de uma freguesia. Em nosso entender, as três freguesias exemplificativas, apresentam características urbanísticas diferenciadas ao nível da dispersão e da expressão de alguns pontos mais polarizados, do que outras do concelho.

Associado à principal via de comunicação (Estrada Nacional 105), aparece-nos o Rio Vizela (sul) que permitiu um tipo de indústria, cuja força motriz era a água, logo, obtiveram-se: um melhor funcionamento e menores custos. Estes dois factores foram os principais impulsionadores da industrialização, sobretudo da indústria têxtil nesta área e, provavelmente o da estrutura do seu povoamento.

As pequenas parcelas de terreno, próximas das fábricas começaram a ser atractivas. Na primeira metade do séc. XX, o planeamento e ordenamento do território nacional ainda não eram prioridades, o que se reflectia também, a nível municipal. O crescimento económico da região bem como o seu desenvolvimento noutras áreas começava a dar sinais. A quase inexistência de uma política de planeamento local, facilitou o povoamento, considerado por muitos (por exemplo a opinião de alguns técnicos de planeamento ao serviço da Autarquia nos tempos que correm), caótico e desmesurado, obedecendo, somente à vontade do particular e ao cuidado, ou não, do construtor.

Interessava competir com outras regiões do país e com o mercado estrangeiro, segundo os mais críticos e acima apontados, *a qualquer custo*. O sector têxtil permitia, desde a sua implantação e, durante muitos anos, essa competição. A grande parte da população dedicava-se à exploração da pequena parcela agrícola, na maioria dos casos, herdada e dividida; característica associada a famílias numerosas que tinham de retalhar pelos vários membros um "naco" de terra e também, a um certo individualismo que remonta a séculos atrás.

[15] Informação fornecida pela equipa de Técnicos da Câmara Municipal de Guimarães, responsáveis pela investigação e pelo levantamento da Património concelhio.

Este tipo de exploração da terra, associada à cultura promíscua, não oferecia, por si só, auto-suficiência para a gestão familiar. Tirava-se partido da oferta de trabalho e da não exigência, na maioria dos sectores, de mão-de-obra qualificada.

O aparelho produtivo estava montado.

As unidades fabris de acordo com as necessidades produtivas e, justificadamente, visando o lucro, construíam casas e pequenos equipamentos de bens de primeira necessidade para o operariado junto das mesmas; falamos do chamado e importado modelo inglês - a habitação dos operários junto das fábricas - dos finais do séc. XVIII e séc. XIX, instalado, anos mais tarde, em alguns pontos destas e de outras freguesias do Concelho.

Um pouco por todo o concelho começaram a surgir pontos geradores de uma certa movimentação e atracção.

No caso de Moreira de Cónegos e de Lordelo, a construção de fábricas e núcleos habitacionais localizava-se, inicialmente, junto do Rio Vizela e da linha ferroviária. Na primeira metade do séc. XX o aparecimento da Estrada Nacional 105 (Guimarães/Sto Tirso), proporcionou uma maior proliferação de indústria e um transporte mais fácil de mercadorias e escoamento das mesmas, bem como, a uma maior visibilidade e projecção num mercado que já era algo competitivo.

Nascem assim, as construções próximo das unidades produtivas. Talvez haja aqui, claros sinais de alteração ao formato *tradicional* de ocupação destes territórios, quer pelo facto da existência de equipamentos marcantes, por exemplo, uma escola secundária, um gimnodesportivo, uma instituição bancária, ou outros, quer pela vontade expressa da população de se identificar mais ou menos com determinado bairro ou quarteirão do povoado que desempenham uma referência marcante.

Um pouco por todo o concelho se assistiu ao crescimento deste fenómeno. Nas freguesias de Moreira de Cónegos, Lordelo e Serzedelo, talvez dada a sua localização geográfica, sul e sudoeste do concelho – localização periférica em relação à sede de concelho - às vias e às principais linhas de água, é mais notório e mais acentuado o povoamento disperso e o aparecimento de pequenos núcleos mais polarizadores. Estes *pontos,* têm em si certas características catalizadoras de pessoas, equipamentos e bens. E como foram surgindo? Talvez a procura de um emprego, de uma escola, de uma entidade bancária, de um pavilhão gimnodesportivo ou de tantos outros elementos fundamentais e próximos do quotidiano das populações.

5 – A Dinâmica dos *Núcleos Centrais* das Três Freguesias

O centro foi, ao longo da história, a imagem de uma cidade assumindo, mesmo, a imagem da própria cidade. Falamos de cidades tradicionais, *monocêntricas*, isto é, detentoras de um só centro.

As mutações a que o território estava sujeito, efectuadas numa área reduzida, não alteravam carácter identitário e simbólico do centro, pelo contrário, reforçavam a sua condição central. Este, aglutinava, em si, uma mistura de funções conjugadas com referenciais simbólicos.

"Hoje, se exceptuarmos os denominados "Centros Históricos", consensualmente reconhecidos, delimitados, classificados e regulados por procedimentos de excepção, de ideia de lugar, de localização, de forma, de perfil funcional associadas ao centro, está em profunda mutação e é objecto de diversas interpretações contraditórias." Domingues A. "Metamorfoses do Centro: dinâmicas de transformação da condição central." (2003: 19)

A ideia de centro está em contínua mutação e é alvo de várias análises:

O centro com características históricas, detentor de monumentos ou edifícios associados á história local ou nacional assume-se, ainda, como um potencial referenciador patrimonial da identidade e, por vezes, da memória colectiva. Não obstante a sua natureza identitária, o centro histórico está hoje exposto a interpretações e discursos imbuídos de negatividade.

Associa-se a crise do centro á desertificação, ao envelhecimento populacional, à degradação de edifícios, ao congestionamento, à crise do comércio tradicional, etc.

O contexto descrito, conduz muitos responsáveis políticos à adopção de medidas urbanísticas de recuperação e reabilitação do centro, intervindo ao nível da habitação, do pequeno comércio e de edifícios patrimoniais e emblemáticos. Revitalizam-se áreas "adormecidas" e "esquecidas" de forma a devolver à comunidade a sua identidade comunitária.

Os *novos centros, centralidades emergentes ou novas centralidades,* também eles, são alvo de interpretações contraditórias: as que os julgam, positivamente, como factores de localização das novas formas de produzir, distribuir e consumir, que vão surgindo num novo espaço urbano e os que os culpam de ser uma grande ameaça ao centro tradicional, provocando o seu empobrecimento e declínio.

A nova forma de ocupação e distribuição territorial originou uma estrutura urbana *policêntrica*, onde coexistem vários *centros*, entre os quais o centro tradicional. Esta nova e complexa realidade organizacional da malha urbana encontra-se em constante transformação apontando, permanentemente, para a mobilidade dos *centros*.

Com o surgimento de *centralidades múltiplas* tornou-se imperioso tentar redefinir a "condição central", assumida, integralmente, em cidades *monocêntricas*. Assim, designamos por condição central um conjunto de funções especializadas.

"Por condição central (independentemente de referenciações simbólicas e iconográficas (...)) entendemos o resultado da aglomeração de funções de carácter direccional." Domingues A. "Metamorfoses do Centro: dinâmicas de transformação da condição central." (2003: 21)

"A condição central reforça-se, por isso, na proporcionalidade directa da aglomeração, da quantidade, da diversidade e da qualidade funcionais. A complexidade torna-se, deste modo, uma das características primeiras da condição central e o factor multiplicador da sua atractividade." Domingues A. "Metamorfoses do Centro: dinâmicas de transformação da condição central." (2003: 21)

Se por um lado, no centro tradicional de grande aglomeração, se concentravam, quantidade, diversidade e qualidade de serviços/funções, os *novos centros*, na sua afirmação de "condição central", tiveram de fazer prova desses mesmos "atributos". A "complexidade" que os *novos centros* apresentam torna-os mais ou menos atractivos.

O centro histórico, monumental, iconográfico como espaço identitário e comunitário assume, muitas vezes, a imagem turística da cidade, uma espécie de "cartão de visita" que acompanha a memória do turista de "ocasião". O tempo de permanência no local pode condicionar a opinião que se "transporta" relativamente ao território e à imagem da cidade.

O próprio habitante prefere partilhar da mesma imagem, gravada na sua memória, relativamente à "sua" cidade, ao invés de a contextualizar no "todo". Por isso, a subjectividade inerente a esta questão prevalece ao mesmo tempo que as *novas centralidades* crescem e se afirmam.

A dinâmica e sobretudo a mobilidade de *núcleos centrais* são fenómenos cada vez mais verificáveis em território de urbanização difusa. Tendo em conta que o espaço não é estático e sofre mutações ao longo do tempo, encontramos construções disseminadas por todo o território administrativamente constituído, o aparecimento de novas vias de comunicação e de equipamentos de oferta colectiva.

O aparecimento de alguns *pólos catalizadores*, nas freguesias em estudo, é fruto, à priori, da preocupação que as populações apresentam ao nível da satisfação, nas proximidades da residência ou do local de trabalho, das suas necessidades, quer ao nível de serviços administrativos quer ao nível mais básico, por exemplo, o da pequena mercearia.

Constatou-se, in-loco, que nem sempre se trata da mera procura, por assim dizer, mas antes pela "oferta" espontânea que vai surgindo em determinados locais funcionalmente diversificados. A última razão apontada pareceu-nos a que mais se adequa aos casos em destaque.

Ao longo deste estudo foi feita uma caracterização, física, demográfica e socio-económica das freguesias que nos propusemos analisar.

Na caracterização económica que fizemos do Concelho e, sobretudo, destas localidades, ao nível dos equipamentos existentes, verificamos que existe uma descontinuidade espacial na localização dos mesmos. Tentamos perceber a lógica do seu aparecimento e da sua implantação no território o que, segundo a nossa percepção do espaço geográfico onde se encontram, parece-nos que a maior parte deles surge da necessidade das populações e da disponibilidade de terrenos, não apresentando um critério único de implantação. De certa forma, a sua distribuição espacial é um pouco aleatória, pelo que, aparentemente, não existe uma lógica da sua inserção no território. Assim, as centralidades emergem nesses locais de acordo com a maior ou menor capacidade catalizadora.

Foram apontadas algumas áreas onde existem monumentos ou edifícios com alguma representatividade histórica e emblemática - Mosteiro de Santa Cristina, em Serzedelo, antiga Igreja Matriz, em Lordelo, entre outros - , associados ou não a equipamentos de uso colectivo mais recentes.

Partimos, numa fase inicial, do pressuposto referido, isto é, da existência de monumentos e/ou edifícios e de equipamentos que pelas suas características, funcionais, religiosas, simbólicas e outras geram mobilidade populacional e até alguma dinâmica construtiva à sua volta. Nesta óptica, e, após algumas deslocações ao "terreno", constatamos a existência de alguns *núcleos* mais atractivos no contexto de cada freguesia.

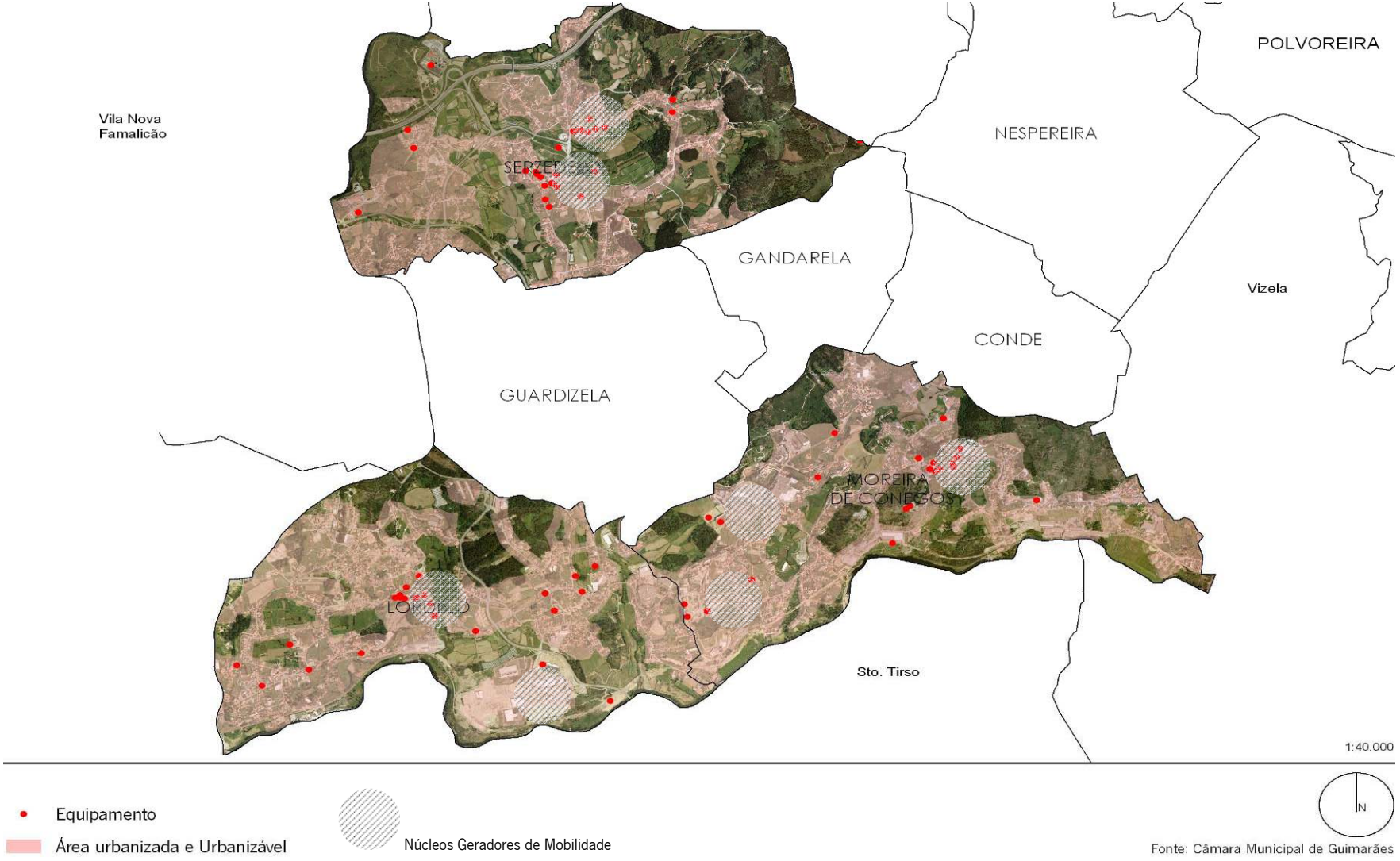
5.1.- Identificação dos Núcleos Centrais nas Três Freguesias

A identificação dos *núcleos centrais* dentro dos territórios onde se inserem partiu, inicialmente, de um longo período de observação desses locais, seguindo-se a sua localização em cartografia (ortofotomapas) aérea, cedida pela Câmara Municipal de Guimarães. Confrontamos a nossa identificação com a opinião, sobre estes locais, dos técnicos de planeamento da autarquia referida. Constatamos que a existência das *centralidades* por nós apontadas, já o haviam sido por partes destes profissionais constituindo uma preocupação técnica ao nível do planeamento. Das conversas mantidas sobre os critérios técnicos acerca desta temática, verificamos que os mesmos não diferiam dos por nós estabelecidos.

Deste modo apresentamos, cartograficamente, os *núcleos centrais* apurados nas freguesias de Lordelo Moreira de Cónegos e Serzedelo, (Figura 41).

Analisou-se cada *núcleo* individualmente, no contexto da freguesia a que pertence, na tentativa de fazer uma leitura de acordo com as características que apresenta: se a sua existência é recente ou se remonta a séculos passados., qual a natureza do seu aparecimento, as causas que estiveram na sua origem, a dinâmica que apresentam e a mobilidade que provocam.

Figura 41 - Manchas do Povoamento nas Freguesias de Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo - Núcleos Geradores de Mobilidade



Vejamos a freguesia de Lordelo: (Figura 42)

Verificou-se a existência de um aglomerado de construção, acompanhado de um fluxo populacional, diário e intenso na Rua da Igreja e nas suas transversais, à direita. A área apresenta, não só uma construção habitacional densa como também equipamentos de vária ordem, nomeadamente: Igreja Matriz, Quartel da Guarda Nacional Republicana, Cemitério, Junta de Freguesia, Associação de Reformados, Igreja Românica de S. Tiago, entre algum pequeno comércio.



Área da Igreja Matriz e Junta de Freguesia.

O conjunto de edifícios situados *neste núcleo,* denotam pela sua arquitectura exterior e, alguns, pelo seu estado de conservação uma presença prolongada no tempo. Muitos deles já sofreram obras de restauro e de adaptação.

O parque habitacional, por exemplo, a Este da freguesia, possui construções de raiz de aspecto arquitectural recente.

Na mesma freguesia e, na Rua de Mide, existe um Parque Industrial, recente com o mesmo nome e, ainda um hipermercado.

É uma área infraestruturalmente adaptada a um possível alargamento, dotada de uma ligação à Via Inter-Municipal e outros acessos viários que permitem uma circulação bastante fluida ao nível do tráfego.

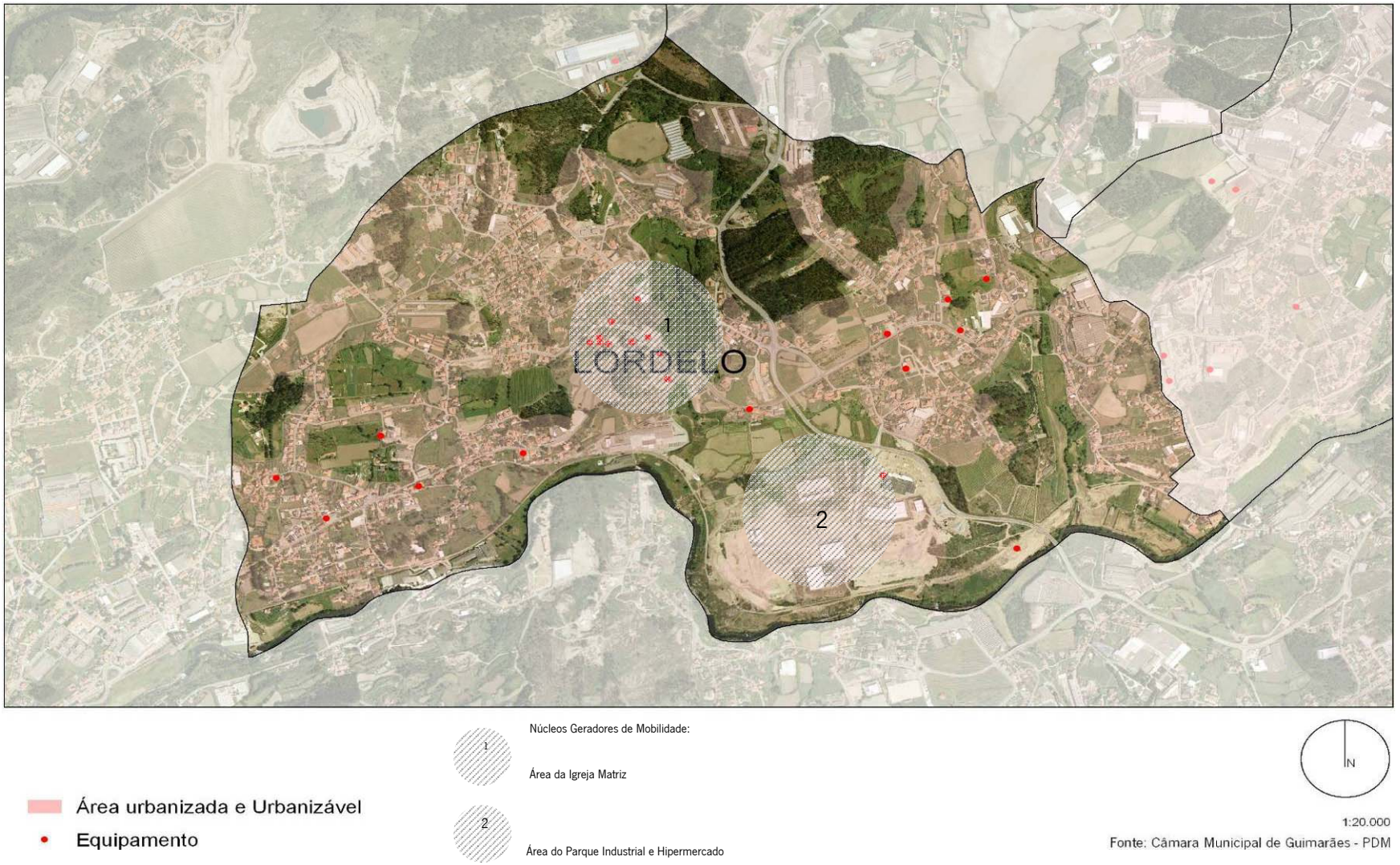
Para além do movimento ligado à indústria e armazenagem, transporte de materiais e mercadorias, observa-se um grande fluxo de pessoas do Concelho e de outros próximos que se deslocam diariamente para o hipermercado.

Este equipamento concentra, no seu interior, uma grande variedade de oferta, permitindo a quem o visita satisfazer, no mesmo local, necessidades diversas.



Parque Industrial de Mide

Figura 42 - O Povoamento na Freguesia de Lordelo – Núcleos Geradores de Mobilidade[16]



[16] A numeração foi atribuída aleatoriamente não obedecendo a qualquer hierarquia.

A freguesia de Moreira de Cónegos:(Figura 43)

A freguesia de Moreira de Cónegos, para além de apresentar o número mais elevado de habitantes (5 828 habitantes – Censos 2001) é, também a que apresenta, para nós, uma maior dispersão ao nível da estrutura de povoamento.

Constatamos, devido provavelmente à sua extensão, a existência de *três núcleos* que denotam uma dinâmica própria; atrevemo-nos a dizer que é quase autónoma de núcleo para núcleo.

As características e funções diferenciadas que possuem poderão estar na origem do seu aparecimento, a saber:

A Nordeste, no Largo da Igreja, na Rua Dª Laurinda Ferreira de Magalhães e nas ruas transversais à direita e à esquerda desta, observa-se um *núcleo polarizador* constituído por habitações e alguns equipamentos que oferecem funcionalidades várias aos habitantes e à população das freguesias vizinhas.



Área da Igreja Matriz e Junta de Freguesia

A existência de uma farmácia ou a de uma extensão do centro de saúde, entre outros serviços existentes nesta área, contribuem para a movimentação diária do local. Torna-o catalizador e central ao nível de ofertas aí existentes.

O parque habitacional deste local, apresenta casas de aspecto antigo encontrando-se algumas delas, modernamente remodeladas.

Os equipamentos são de natureza variada: Igreja Matriz actual, Igreja Matriz antiga pegada ao cemitério, Junta de Freguesia, extensão do centro de saúde, farmácia, casa paroquial, serviço de correios,

pequeno comércio, e outros. Julgamos que estes serviços dotados de funções várias, dinamizam o espaço onde se encontram pois mobilizam, quotidianamente, muitas pessoas.

A Oeste, na Avenida da Liberdade, que finda nesta zona e se junta a estrada nacional 105, aparece-nos um complexo desportivo de alguma envergadura. Trata-se de um estádio de futebol de um clube que já pertenceu à primeira Liga Nacional - "Moreirense Futebol Clube" - e que por essa razão mobilizava, com frequência muitos visitantes. Os movimentos eram mais notórios aos fins-de-semana aquando da realização de jogos de futebol no referido estádio. Actualmente, serve a freguesia e outras freguesias limítrofes do concelho e de outros próximos. Hoje em dia, a mobilização vinda do exterior é menor mas a consolidação da área ao nível da freguesia, parece-nos ser um facto adquirido.



Área do Estádio do Moreirense

Anterior ao complexo desportivo é a Fábrica do Outeirinho, e outras unidades fabris, situadas neste local.

As deslocações diárias dos trabalhadores e o transporte de mercadorias já caracterizavam a área ao nível da sua dinâmica, o complexo desportivo veio aumentá-la e reforçá-la.

Associado ao aparecimento do complexo desportivo, surgiram alguns equipamentos e serviços, nomeadamente, uma agência bancária, serviços de restauração e bebidas, pequeno comércio, e outros. O local referido, denota alguma autonomia e dinamismo

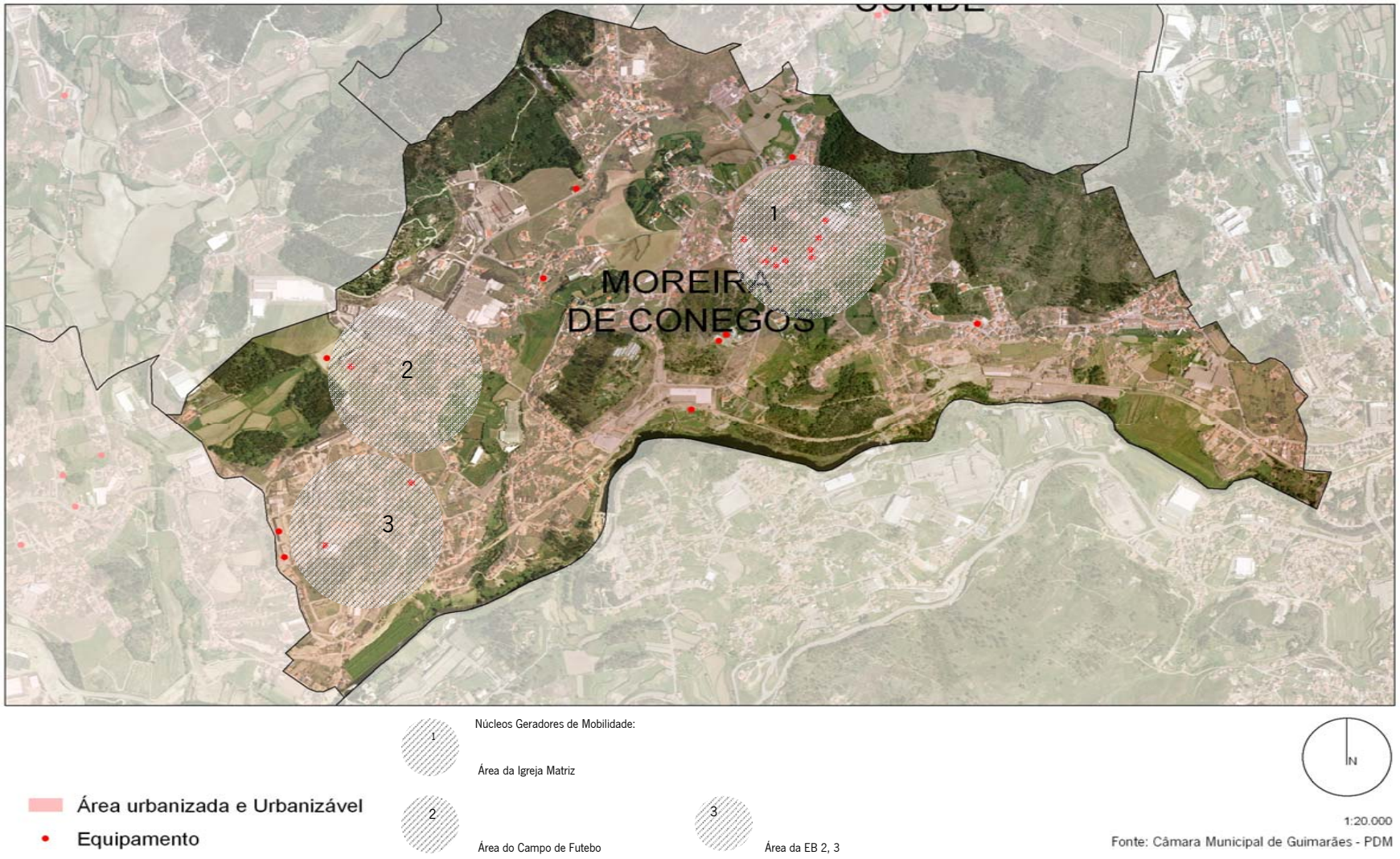
A Sudoeste, nas proximidades da Escola Básica do Segundo e Terceiro Ciclo (EB 2, 3), a construção habitacional, multi e uni ou bifamiliar cresceu nos últimos dez anos. Deparamo-nos com um *núcleo* de

aspecto recente, com habitação e oferta de equipamentos, nomeadamente, pequeno comércio de apoio à escola e outros de complementaridade à população que aí reside.



Área Envolvente da Escola EB 2, 3

Figura 43 - O Povoamento na Freguesia de Moreira de Cónegos - Núcleos Geradores de Mobilidade[17]



[17] A numeração foi atribuída aleatoriamente não obedecendo a qualquer hierarquia.

A freguesia de Serzedelo: (Figura 44)

Na freguesia de Serzedelo, embora se verifique uma dispersão ao nível do povoamento, apresenta características ligeiramente diferentes das anteriores. As diferenças residem na proximidade dos dois *núcleos* geradores de mobilidade e na sua quase continuidade.

A urbanização difusa visível na área total da freguesia parece não ter afectado a, quase, contínua *centralidade*.

Deparamo-nos com um *núcleo* de formação muito antiga, com a presença do românico Mosteiro de Sta Cristina, situado junto à estrada nacional 310, e com outros equipamentos diversificados: actual Igreja Matriz, cemitério, farmácia, casa do povo, pequeno comércio, entre muitos outros. O facto da presença de um Monumento Nacional classificado como tal, pode ter estado na origem da *nuclearização* remota do local. Só pela sua natureza específica, denota bastante mobilidade populacional e aparenta uma consolidação ao nível das funções que oferece. Os bairros ou quarteirões habitacionais encontram-se, ligeiramente afastados, a maior parte deles estão dispersos por toda a freguesia, próximos das vias e das principais linhas de água.



Área da Igreja Matriz e da Igreja de Sta Cristina.

A existência de outro *núcleo catalizador*, situa-se na continuação da estrada nacional 310, a Norte do anteriormente citado e também, apresenta uma concentração de equipamentos de funções várias. Os serviços de cariz administrativo parecem predominar, no entanto outros há que parecem não ter menos funcionalidade. A Junta de Freguesia concentra no seu edifício vários serviços de apoio à população, a saber: serviço de correio, associação juvenil e ainda uma caixa multibanco. A principal escola do primeiro ciclo do ensino básico situa-se no edifício imediatamente a seguir à Junta de Freguesia, na rua do grupo desportivo. Na mesma rua aparece-nos a associação desportiva de Serzedelo e o correspondente complexo desportivo. É de salientar a construção recente, de prédios de habitação mutifamiliar junto à estrada nacional, na área envolvente à Junta de Freguesia.

Este *núcleo* (constatação in-loco) tem vida própria a ver, também pela fase inicial de novas construções em bloco e pelo aparecimento de comércio diversificado.



Área da Junta de Freguesia e Escola

Figura 44 - O Povoamento na Freguesia de Serzedelo - Núcleos Geradores de Mobilidade[18]



[18] A numeração foi atribuída aleatoriamente não obedecendo a qualquer hierarquia.

5.1.1. - Análise e tratamento estatístico dos inquéritos efectuados às populações das freguesias de Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo

O presente estudo visou o apuramento, da opinião das populações residentes, das três freguesias em epígrafe, segundo os seus critérios, sobre um conjunto de questões relacionadas com a (s) *centralidade* (s) das vilas em questão. Foram inquiridos 100 indivíduos, anónima e aleatoriamente, para cada uma delas.

Caracterização da Amostra nas três Freguesias - Tamanho e Erro da Amostra

Esta amostra, de acordo com a sua dimensão, permitiu-nos uma margem de erro, de 8,12%, 8,14% e 8,15%, para um intervalo de confiança de 90 %.

Assim, tendo como base de partida o que se estabeleceu no *Ponto* 3 deste estudo, "Metodologia Aplicada", Quadro 20, iniciamos a apresentação dos dados recolhidos nas três freguesias, utilizando quadros e gráficos para ilustrarmos os fenómenos.

Quadro 20 - Amostra - Tamanho e Erro

	Lordelo	Moreira de Cónegos	Serzedelo
Intervalo de Confiança	90%	90%	90%
Dimensão da População*	4641	5828	4073
Tamanho da Amostra	100	100	100
Erro Máximo da Amostra	8,14%	8,15%	8,12%

*INE – Censos 2001

De seguida caracterizou-se a amostra referente a cada uma das localidades em estudo segundo quatro variáveis: Idade, Sexo, Nível de Instrução, e Naturalidade. Os resultados apresentados nos quadros, encontram-se em valor absoluto e percentagem correspondente.

Quanto á Idade:

Freguesia de Lordelo:

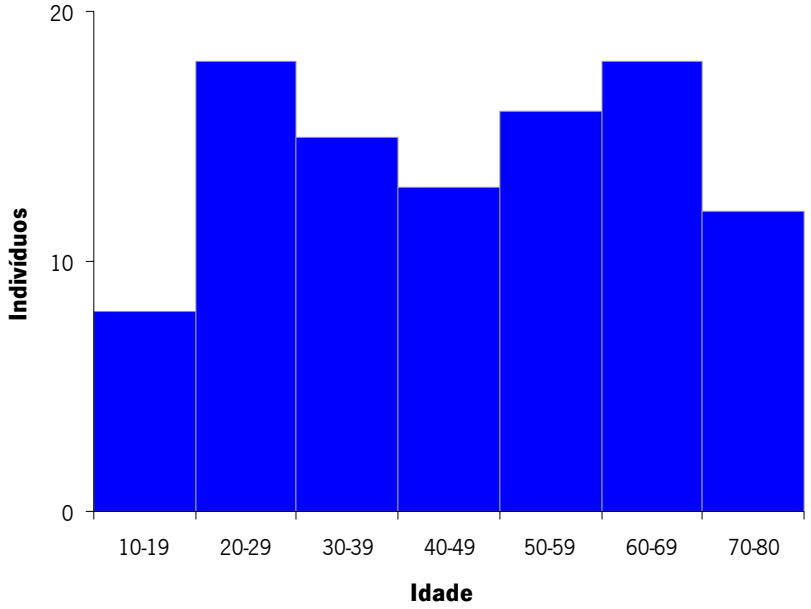
Quadro 21 - Distribuição da Amostra Segundo a Idade

Classe	Valor Absoluto	Percentagem
[10,20[	8	8 %
[20,30[	18	18 %
[30,40[	15	15 %
[40,50[	13	13 %
[50,60[	16	16 %
[60,70[	18	18 %
[70,80]	12	12 %
TOTAL	100	100 %

Quadro 22 - Freguesia de Lordelo - Idade - Estatísticas Descritivas:

			Valor
Idade	Média		45,90
	Intervalo de Confiança a 95% para a Média	Limite Superior	42,20
		Limite Inferior	49,60
	Desvio Padrão		18,671
	Mínimo		14
	Máximo		80
	Amplitude		66

Gráfico 9 - Distribuição Gráfica da Amostra Segundo a Idade



Freguesia de Moreira de Cónegos:

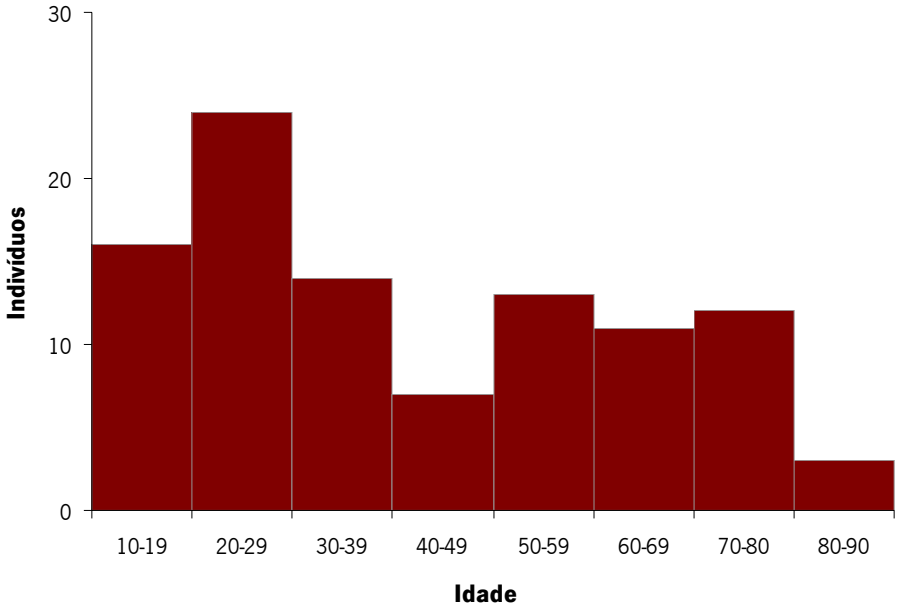
Quadro 23 - Distribuição da Amostra Segundo a Idade

Classe	Valor Absoluto	Percentagem
[10,20[	16	16%
[20,30[	24	24%
[30,40[	14	14%
[40,50[	7	7%
[50,60[	13	13%
[60,70[	11	11%
[70,80[	12	12%
[80-90[	3	3 %
TOTAL	100	100 %

Quadro 24 - Freguesia de Moreira de Cónegos - Idade - Estatísticas Descritivas

			Valor
Idade	Média		42,10
	Intervalo de Confiança a 95% para a Média	Limite Superior	46,29
		Limite Inferior	37,91
	Desvio Padrão		21,110
	Mínimo		15
	Máximo		86
	Amplitude		71

Gráfico 10 - Distribuição Gráfica da Amostra Segundo a Idade



Freguesia de Serzedelo:

Quadro 25 - Distribuição da Amostra Segundo a Idade

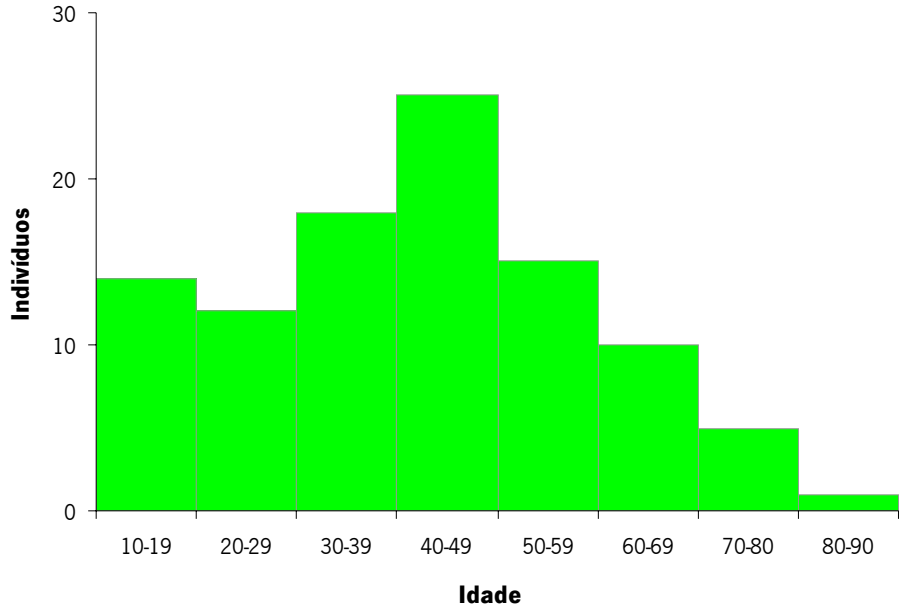
Valores Observados

Classe	Valor Absoluto	Percentagem
[10,20[	14	14 %
[20,30[	12	12 %
[30,40[	18	18 %
[40,50[	25	25 %
[50,60[	15	15 %
[60,70[	10	10 %
[70,80[	5	5 %
[80-90]	1	1 %
TOTAL	100	100 %

Quadro 26 - Freguesia de Serzedelo - Idade - Estatística Descritiva

			Valor
Idade	Média		41,17
	Intervalo de Confiança a 95% para a Média	Limite Superior	44,43
		Limite Inferior	37,91
	Desvio Padrão		16,450
	Mínimo		13
	Máximo		91
	Amplitude		78

Gráfico 11 - Distribuição Gráfica da Amostra Segundo a Idade



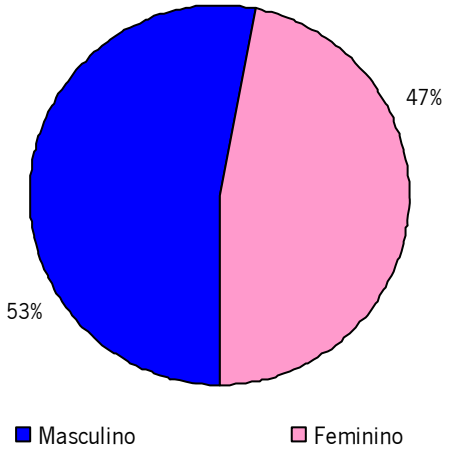
Quanto ao Sexo:

Freguesia de Lordelo:

Quadro 27 - Distribuição da Amostra Segundo o Sexo

Sexo	Valor Absoluto	Percentagem
Masculino	53	53 %
Feminino	47	47 %
TOTAL	100	100 %

Gráfico 12 - Distribuição Gráfica Segundo o Sexo

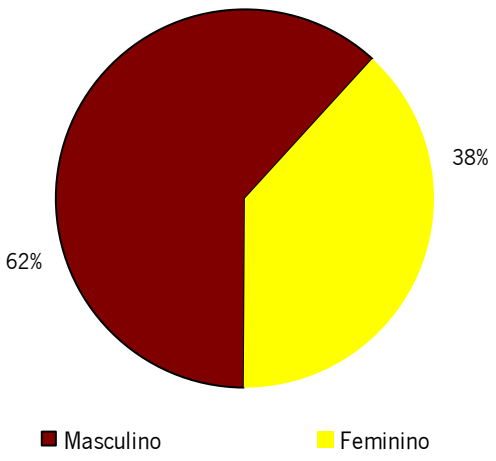


Freguesia de Moreira de Cónegos:

Quadro 28 - Distribuição da Amostra Segundo o Sexo

Sexo	Valor Absoluto	Percentagem
Masculino	62	62%
Feminino	38	38%
TOTAL	100	100 %

Gráfico 13 - Distribuição Gráfica da Amostra Segundo o Sexo

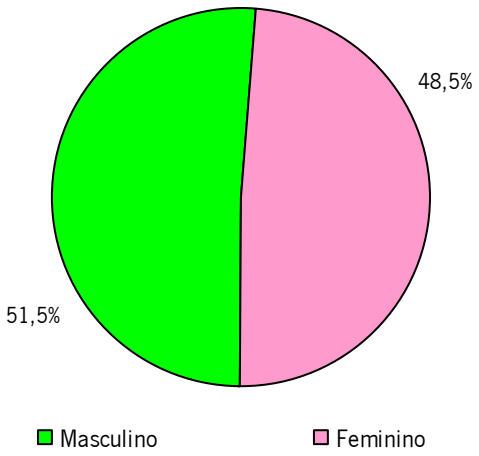


Freguesia de Serzedelo:

Quadro 29 - Distribuição da Amostra Segundo o Sexo

Sexo	Valor Absoluto	Percentagem
Masculino	51	51,5 %
Feminino	48	48,5 %
TOTAL	99	100 %

Gráfico 14- Distribuição Gráfica da Amostra Segundo o Sexo



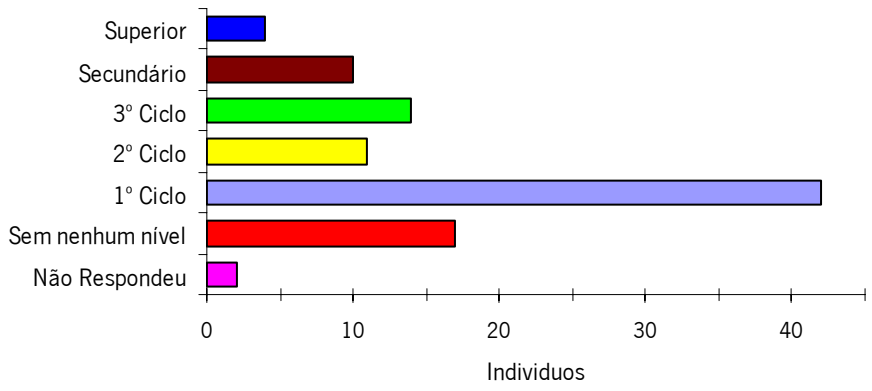
Quanto ao Nível de Instrução:

Freguesia de Lordelo:

Quadro 30 - Distribuição da Amostra Segundo o Nível de Instrução

Nível de Instrução	Valor Absoluto	Percentagem
Superior	4	4%
Secundário	10	10%
3º Ciclo	14	14%
2º Ciclo	11	11%
1º Ciclo	42	42%
Sem Nenhum Nível	17	17%
Não Respondeu	2	2%
TOTAL	100	100%

Gráfico 15 - Distribuição Gráfica da Amostra Segundo o Nível de Instrução

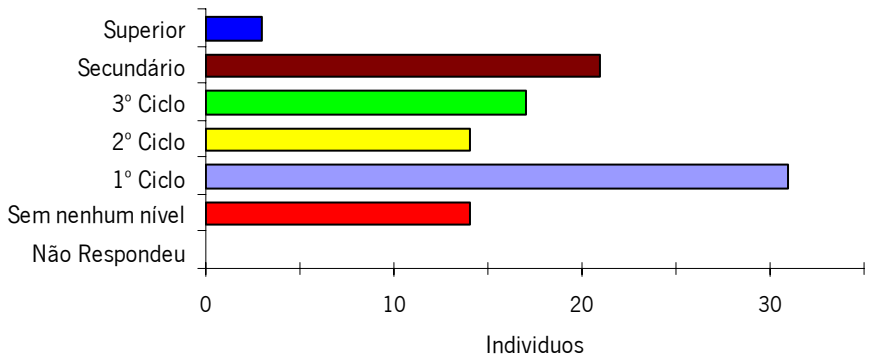


Freguesia de Moreira de Cónegos:

Quadro 31 - Distribuição da Amostra Segundo o Nível de Instrução

Nível de Instrução	Valor Absoluto	Percentagem
Superior	3	3 %
Secundário	21	21 %
3º Ciclo	17	17 %
2º Ciclo	14	14 %
1º Ciclo	31	31 %
Sem Nenhum Nível	14	14 %
Não Respondeu	0	0 %
TOTAL	100	100%

Gráfico 16 - Distribuição Gráfica da Amostra Segundo o Nível de Instrução

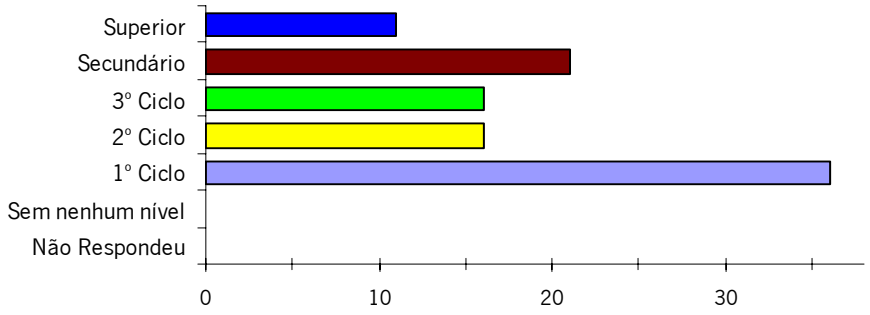


Freguesia de Serzedelo:

Quadro 32 - Distribuição da Amostra Segundo o Nível de Instrução

Nível de Instrução	Valor Absoluto	Percentagem
Superior	11	11 %
Secundário	21	21 %
3º Ciclo	16	16 %
2º Ciclo	16	16 %
1º Ciclo	36	36 %
Sem Nenhum Nível	0	0 %
Não Respondeu	0	0 %
TOTAL	100	100%

Gráfico 17 - Distribuição Gráfica da Amostra Segundo o Nível de Instrução



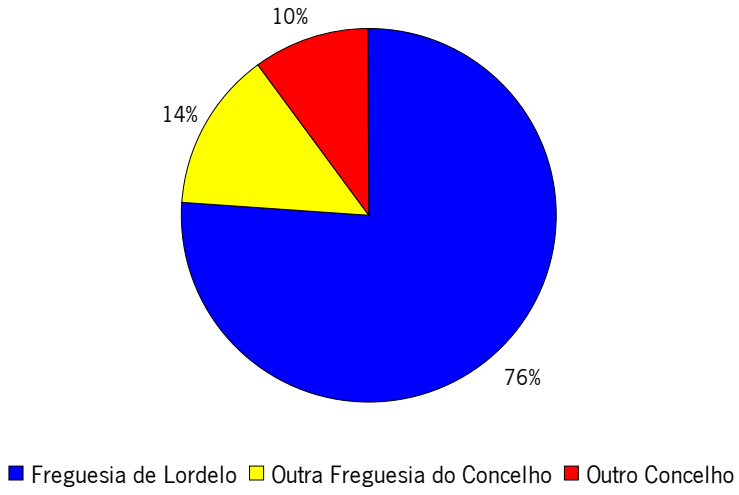
Quanto á Naturalidade:

Freguesia de Lordelo:

Quadro 33 - Distribuição da Amostra Segundo a Naturalidade

Naturalidade	Valor Absoluto	Percentagem
Freguesia de Lordelo	76	76 %
Outra Freguesia do Concelho	14	14 %
Ouro Concelho	10	10 %
TOTAL	100	100 %

Gráfico 18 - Distribuição Gráfica da Amostra Segundo a Naturalidade

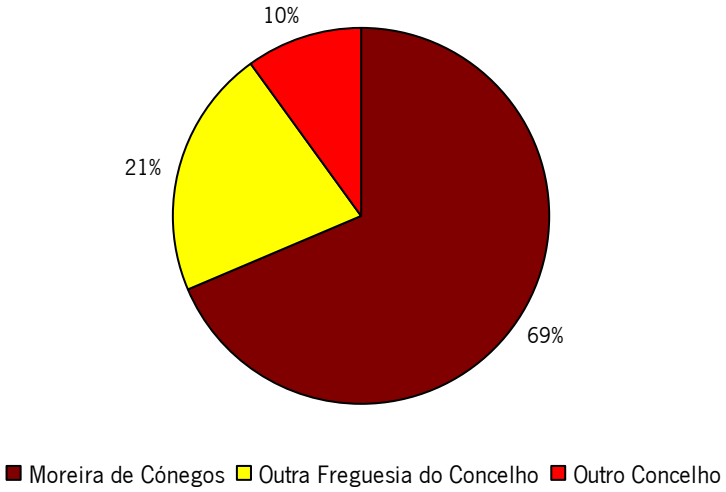


Freguesia de Moreira de Cónegos:

Quadro 34 - Distribuição da Amostra Segundo a Naturalidade

Naturalidade	Valor Absoluto	Percentagem
Freguesia de Lordelo	68	69%
Outra Freguesia do Concelho	21	21%
Ouro Concelho	10	10%
TOTAL	99	100 %

Gráfico 19 - Distribuição Gráfica da Amostra Segundo a Naturalidade

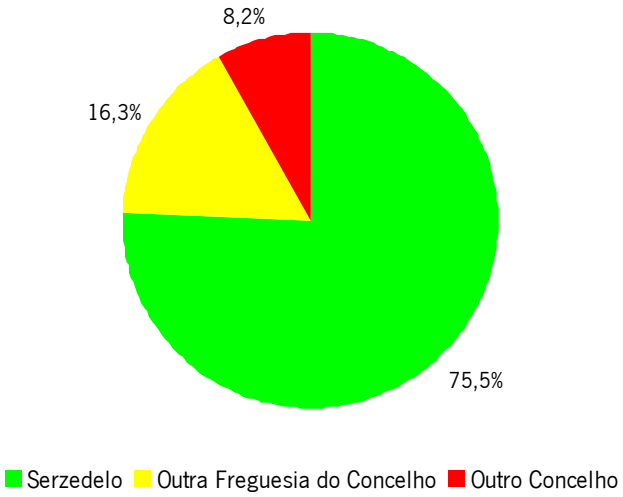


Freguesia de Serzedelo:

Quadro 35 - Distribuição da Amostra Segundo a Naturalidade

Naturalidade	Valor Absoluto	Percentagem
Freguesia de Lordelo	74	75,5%
Outra Freguesia do Concelho	16	16,3%
Outro Concelho	8	8,2%
TOTAL	98	100 %

Gráfico 20 - Distribuição Gráfica da Amostra Segundo a Naturalidade



Relativamente à primeira questão colocada, igual para as três freguesias, obtiveram-se os seguintes resultados:

Primeira questão: "Para si, onde fica o situado o *Centro da Vila*?"

Em Lordelo, observaram-se quatro respostas diferentes, a saber:

Quadro 36 - Respostas Sobre a Localização do Centro - Lordelo

Respostas	Valor Absoluto	Percentagem
Igreja	83	83%
Lugar do Monte	1	1%
Não Existe	4	4%
Vários pequenos centros	1	1%
Não Sabe / Não Responde	11%	11%
TOTAL	100	100%

De salientar que os motivos (questão 1.1.) por nós apontados no inquérito e, seleccionados por cada inquirido como fundamentação à resposta anterior, foram os mesmos para todas as freguesias.

Quadro 37 - Fundamentação da Resposta Anterior

Respostas	Valor Absoluto	Percentagem
Trabalho	1	1%
Habitação	3	3%
Estudos	0	0%
Tradição / História	70	70%
Simbolismo	51	51%
Lazer	8	8%
Transporte	1	1%
Outros	55	55%
Não Sabe / Não Responde	1	1%

Em Moreira de Cónegos verificaram-se seis respostas diferentes à primeira questão, facto que deixa em aberto várias possibilidades quanto à identificação de várias *centralidades*.

Primeira questão: "Para si, onde fica o situado o *Centro da Vila*?"

Quadro 38 - Respostas Sobre a Localização do Centro - Moreira de Cónegos

Respostas	Valor Absoluto	Percentagem
Não Sabe / Não Responde	10	10%
Igreja / Junta	64	64%
Baixinha	15	15%
Escola E.B. 2/3	1	1%
Campo de Futebol	7	7%
Outeirinho	2	2%
Não Existe	1	1%
TOTAL	100	100%

Quadro 39 - Fundamentação da Resposta Anterior

Respostas	Valor Absoluto	Percentagem
Trabalho	6	6%
Habitação	22	22%
Estudos	1	1%
Tradição / História	50	50%
Simbolismo	42	42%
Lazer	6	6%
Transporte	14	14%
Outros	48	48%
Não Sabe / Não Responde	10	10%

Em Serzedelo foram apontadas pelos inquiridos cinco centralidades.

Primeira questão: "Para si, onde fica o situado o *Centro da Vila*?"

Quadro 40 - Respostas Sobre a Localização do Centro – Serzedelo

Respostas	Valor Absoluto	Percentagem
Junto das Igrejas	64	64 %
Junta de Freguesia	24	24 %
Área entre a Igreja e a Junta de Freguesia	5	5 %
Não Existe	4	4 %
Não sabe / Não Responde	2	2 %
Campo de Futebol	1	1 %
TOTAL	100	1

Quadro 41 - Fundamentação à Resposta Anterior

Respostas	Valor Absoluto	Percentagem
Trabalho	13	13 %
Habitação	25	25 %
Estudos	12	12 %
Tradição / História	66	66 %
Simbolismo	57	57 %
Lazer	37	37 %
Transporte	17	17 %
Outros	24	24 %
Não Sabe / Não Responde	5	5 %

A segunda questão consistiu em aferir da mobilidade, ou não do (s) centro (s), ao longo dos tempos, colocando-se uma pergunta de resposta fechada, através do SIM ou do NÃO:

Segunda questão: "O *centro* da Vila já se situou em outro lugar que não o anteriormente citado?"

De salientar que a questão referida foi colocada, também ela, nas três freguesias.

Freguesia de Lordelo:

Quadro 42 - Respostas à Segunda Questão – Lordelo

Resposta	Valor Absoluto	Proporção	Intervalo de Confiança a 95%
Sim	8	8,89%	] 4,57% , 16,57% [
Não	82	91,11%	] 83,43%, 95,43% [
TOTAL	90	100%	

De notar que dez dos inquiridos não responderam a esta questão.

A tendência para o "Não" é clara, nunca sendo ultrapassada pelo "Sim", como se pode observar pela comparação dos intervalos de confiança a 95% que, segundo Pestana, D. "Introdução à Probabilidade e à Estatística" (2002) é o método mais fidedigno nas situações estabelecidos para as proporções.

Os inquiridos que afirmaram que o *centro* da Vila já se tinha situado noutro local foram ainda incentivados a indicar qual o anterior centro da vila. As respostas obtidas foram:

Quadro 43 - Respostas Alternativas à Anterior

Resposta	Valor Absoluto	Proporção*
Igreja Matriz	3	37,5%
Junto da Igreja	1	12,5%
Lugar do Monte	2	25 %
Junto à Igreja Antiga	1	12,5%
Capela S. João	1	12,5%

Na freguesia de Moreira de cónegos, não responderam sete dos cem inquiridos.

Segunda questão: "O *centro* da Vila já se situou em outro lugar que não o anteriormente citado?"

Quadro 44 - Respostas à Segunda Questão - Moreira de Cónegos

Resposta	Valor Absoluto	Proporção	Intervalo de Confiança a 95%
Sim	44	47,31%	] 37,47% , 57,36% [
Não	49	52,69%	] 42,64% , 62,53% [
TOTAL	93	100 %	

Quadro 45 - Respostas Alternativas à Anterior

Resposta	Valor Absoluto	Proporção*
Igreja (Cemitério) / Junta	23	52,3%
Baixinha / Cuca	17	38,6%
Outeirinho	1	2,3%
Lugar das Pereiras (1842)	1	2,3%
Não sabe	2	4,5%

Na freguesia de Serzedelo, responderam à segunda questão noventa e sete inquiridos.

Segunda questão: "O *centro* da Vila já se situou em outro lugar que não o anteriormente citado?"

Quadro 46 - Respostas à Segunda Questão – Serzedelo

Resposta	Valor Absoluto	Proporção	Intervalo de Confiança a 95%
Sim	11	11,34 %	] 6,45% , 19,17% [
Não	86	88,66 %	] 80,83% , 93,55% [
TOTAL	97	100 %	

Quanto às justificações para responder "Sim" registaram-se as seguintes opiniões:

Quadro 47 - Respostas Alternativas à Anterior

Resposta	Valor Absoluto	Proporção*
Junto das Igrejas	9	81,8%
Sem justificação	2	18,2%

Na terceira questão, apresentamos aos inquiridos algumas hipóteses de centralidades, resultantes dos critérios por nós estabelecidos para cada freguesia, individualmente.

Os locais por nós assinalados, obedeceram a alguns factores, entre os quais, a existência de "concentrados" em determinados pontos da freguesia e ao dinamismo populacional, nesses ou em outros pontos que fomos observando ao longo do período de investigação.

Na freguesia de Lordelo:

Área da actual Igreja Matriz e Junta de Freguesia;

Parque Industrial de Mide e Hipermercado.

Quadro 48 - Respostas às Nossas Hipóteses - Lordelo

Resposta	Valor Absoluto	Proporção	Intervalo de Confiança a 95%
Igreja Matriz Junta de Freguesia	93	97,9%	] 92,65% , 99,42% [
Hipermercado Parque Industrial	1	1,05%	] 0,19% , 5,72% [
Ambas	1	1,05%	] 0,19% , 5,72% [
TOTAL	95	100%	

De notar que cinco dos inquiridos não deram resposta a esta questão e que, dos restantes noventa e cinco, noventa e três responderam Igreja Matriz / Junta de Freguesia.

Em Moreira de Cónegos foram apresentadas três hipóteses de *centralidades:*

Igreja Matriz / Junta de Freguesia;

Estádio do Moreirense;

Escola E.B. 2/3.

Quadro 49 - Respostas às Nossas Hipóteses - Moreira de Cónegos

	Resposta	Valor Absoluto	Proporção	Intervalo de Confiança a 95%
Uma só opção	Igreja /Junta de Freguesia	65	84,42%	] 74,71% , 90,85%[
	Estádio do Moreirense	8	10,39%	] 5,36% ; 19,18% [
	Escola E.B. 2/3	1	1,3%	] 0,23% , 7% [
Duas opções	Igreja Matriz/ Junta de Freguesia e Escola E.B. 2/3	1	1,3%	] 0,23% , 7% [
Três opções	Igreja Matriz / Junta de Freguesia Estádio do Moreirense Escola E.B. 2/3	2	2,6%	] 0,72% , 8,89% [
TOTAL		77	100%	

Salienta-se o facto de quase um quarto dos inquiridos (23%) não ter respondido a esta questão.

Na freguesia de Serzedelo apresentamos duas hipóteses de *núcleos*:

Área da Junta de Freguesia e Escola EB1

Área da Igreja Matriz e da Igreja de Sta. Cristina

Quadro 50 - Respostas às Nossas Hipóteses – Serzedelo

Resposta	Valor Absoluto	Proporção	Intervalo de Confiança a 95%
Área da Junta de Freguesia / Escola	23	23,71%	]16,35% , 33,07%[
Área das Igrejas	57	58,76%	]48,82% , 68,04%[
Ambas	17	17,53%	]11,24% , 26,29%[
TOTAL	97	100%	

Responderam a esta questão noventa e sete pessoas.

Foi ainda colocada a todos os inquiridos a quarta e uma última questão:

Quarta questão: "Concorda que exista mais de um *centro ou núcleo central* na freguesia?"

Resultados verificados em Lordelo:

Quadro 51 - Resposta à Quarta Questão – Lordelo

Resposta	Valor Absoluto	Proporção	Intervalo de Confiança a 95%
Sim	49	49%	] 39,42% , 58,65% [
Não	51	51%	] 41,35% , 60,58% [
TOTAL	100	100%	

Em Moreira de Cónegos:

Quarta questão: "Concorda que exista mais de um *centro ou núcleo central* na freguesia?"

Resultados obtidos:

Quadro 52 - Respostas à Quarta Questão - Moreira de Cónegos

Resposta	Valor Absoluto	Proporção	Intervalo de Confiança a 95%
Sim	52	53,61%	] 43,74% , 63,21% [
Não	45	46,39%	] 36,79% , 56,26%
TOTAL	97	100%	

De salientar o facto de três (3%) dos inquiridos não responderam à quarta questão.

Em Serzedelo:

Quarta questão: "Concorda que exista mais de um *centro ou núcleo central* na freguesia?"

Verificaram-se os seguintes resultados:

Quadro 53 - Respostas à Quarta Questão – Serzedelo

Resposta	Valor Absoluto	Proporção	Intervalo de Confiança a 95%
Sim	51	52,04%	]42,26% , 61,67%[
Não	47	47,96%	]38,33% , 57,74%[
TOTAL	98	100%	

Salienta-se o facto de dois (2%) dos inquiridos não terem respondido a esta questão.

Fez-se uma análise de conjunto aos resultados apurados nos trezentos inquéritos efectuados nas freguesias em estudo. A sua distribuição foi equitativa na medida em que o número de inquiridos foi de cem pessoas por localidade.

O número mais significativo de inquiridos situa-se entre os 20 e os 50 anos de idade, com uma predominância do sexo masculino.

Os inquiridos são residentes na freguesia submetida a análise, sendo a maioria natural da mesma.

O nível de instrução mais frequentemente atingido corresponde ao 1º Ciclo do Ensino Básico (antiga 4ª Classe da Escola Primária).

As respostas verificadas quanto à primeira questão, "Para si, onde fica situado o *centro* da Vila?", incidiram, nas três freguesias, na Igreja Matriz e área envolvente: 83 pessoas em Lordelo, 64 pessoas em Moreira de Cónegos e 64, também, me Serzedelo.

Na fundamentação à resposta anterior predominam motivos de ordem histórica, simbólica e de tradição.

À pergunta, "O *centro* da vila já se situou em outro local que não o anteriormente citado?", a resposta que predomina é o "Não", com uma ligeira excepção para a freguesia de Moreira de Cónegos, onde a diferença entre as respostas "Sim", 44 pessoas e as respostas "Não", 49 pessoas não é muito significativa.

Esta aproximação é confirmada pelas respostas alternativas à questão, ou seja, sempre que se verificava a resposta "Não" à pergunta anterior, o inquirido era incentivado a apontar outro local.

Na freguesia de Moreira de Cónegos foi apontado como centralidade, anteriormente, existente o lugar da "Cuca". Assim, a área da Igreja Matriz obteve 23 respostas e o lugar da "Cuca", 17 respostas.

Depreende-se deste resultado que existe uma mobilidade dos centros ao longo do tempo.

De acordo com a nossa investigação, o Lugar da Cuca, situado junto à linha-férrea e próximo do Rio Vizela, foi detentor de uma grande unidade produtiva, a Fábrica da Cuca. Como já se referiu neste trabalho, o povoamento destas freguesias surgiu, inicialmente, junto das principais linhas de água onde, por sua vez, se encontravam as indústrias mais produtivas. Actualmente, essa fábrica encontra-se desactivada e em estado de degradação.

Numa outra fase do inquérito, confrontamos os inquiridos com os "centros" por nós identificados nas três freguesias, com o intuito de compararmos os nossos critérios, que estiveram na base da constatação da existência de centralidades nas três freguesias, com as diversas motivações da população sobre o uso desses locais. Os resultados observados vão de encontro às respostas obtidas na primeira questão, "Para si, onde fica situado o *centro* da vila?", isto é, a preferência da população das três freguesias vai para a área das Igrejas Matrizes em detrimento das restantes *centralidades* verificadas.

Sintetizamos, assim, o resultado:

Quadro 54 - Síntese dos Centros

Freguesia	Centros Identificados	Valor (%)
Lordelo	Igreja Matriz e Junta de Freguesia	97,90%
	Parque Industrial de Mide e Hipermercado	1,05%
Moreira de Cónegos	Igreja Matriz e Junta de Freguesia	84,42%
	Estádio de Futebol "Moreirense"	10,39%
	Escola EB 2, 3 e Respectiva Área	1,30%
Serzedelo	Igreja Matriz e Igreja Românica de Santa Cristina	58,76%
	Junta de Freguesia e Escola EB 1	23,71%

Na sequência da constatação da existência de várias centralidades, inquiriu-se, ainda, a população com a pergunta seguinte: "Concorda que exista mais de um *centro* ou *núcleo central* na freguesia?"

As respostas assinaladas, com a excepção da freguesia de Lordelo, são positivas, depreendendo-se que a existência de mais de um *núcleo central* é bem aceite pela população.

No entanto, contrariando as nossas expectativas, as diferenças entre o "Não" e o "Sim" não são muito acentuadas.

Tratando-se de territórios de urbanização difusa, com um povoamento disperso e funcionalidades múltiplas, a tendência para o aparecimento de *novas centralidades* é mais frequente do que se se tratasse de um povoamento concentrado.

Na freguesia de Lordelo, o conceito de centro está associado á funcionalidade e á proximidade residencial. Pois a área escolhida pela população, apresenta equipamentos diversificados, nomeadamente, a Igreja Matriz, o Cemitério, a Junta de Freguesia, a Associação de Reformados, o Gimnodesportivo, etc. No enfiamento desta área, situa-se um dos vários aglomerados habitacionais.

Apesar do seu forte dinamismo, a área onde se localiza o Parque industrial de Mide e o Hipermercado ainda não constitui um espaço central com o qual a população de Lordelo se identifique e o identifique.

Os resultados observados em Moreira de Cónegos e Serzedelo não são, em nosso entender, suficientemente marcantes quanto à vontade da população dispor de um ou mais *centros* na freguesia.

A reflexão sobre os resultados apresentados no Quadro 54, remete-nos para a preferência da população por *núcleo*s ou *centros* mais antigos, não obstante a utilização e as deslocações que se verificam para os outros pontos assinalados.

Depreende-se que o carácter histórico, simbólico e religioso, pode estar associado à identificação das pessoas com os locais escolhidos, ao verificar-se a preferência pela igreja e área envolvente como principal centro. O fenómeno é constatado nas três freguesias.

6 – Planeamento, Ordenamento do Território e Politicas de Ordenamento Urbanas Municipais (últimos 30 anos)

– Breve Historial do Planeamento em Portugal – Evolução das Figuras de Plano de Ordenamento Concelhio:

Falar de planeamento numa Região ou num Município, implica contextualizar a sua inserção num espaço geograficamente mais alargado ao longo dos últimos anos e o seu reflexo a nível local. Tentaremos, primeiramente falar da situação vivida, sobretudo nos últimos trinta anos, no urbanismo em Portugal, para, de seguida abordarmos a questão no Concelho de Guimarães.

"Traçar um breve quadro da evolução histórica do Direito do Urbanismo em Portugal, equivale, em larga medida, a invocar as doutrinas do Estado Novo e o sistema de planeamento nascido do modo centralista como administrou a cidade. É evidente que tal quadro não pode ignorar os cambiantes ideológicos do anterior Regime. " Gonçalves F., - "Evolução Histórica do Urbanismo em Portugal (1851-1988)" – Lisboa, (1997:1-3:45)

Em Portugal, o Direito do Urbanismo esteve durante muito tempo "concentrado" no Estado Central. A sua funcionalidade restringia-se ao papel do estado como único "decisor" do urbanismo aplicado ou a aplicar ao continente.

Desta forma, a aplicabilidade dos conceitos de *direito* e de *urbanismo,* ao nível local, faziam-se de uma forma incipiente e ineficaz na regulação do território. As dificuldades em planear eram visíveis por todo o país, deixando as suas marcas para a contemporaneidade.

Desde o 25 de Abril de 1974, as figuras que regulamentam o direito do urbanismo e do ambiente têm sido crescentes e melhoradas com o decorrer dos anos.

Quadro 55 - Evolução das Figuras de Plano de Ordenamento Concelhio

Plano Geral de Urbanização de área territorial	1971
Plano Director Municipal	1982
Plano Regional de Ordenamento do Território	19821988

6.1. - O Planeamento em Guimarães - Breve Apontamento Histórico:

Instaurado o Regime Democrático em 1974, e quase dez anos passados, em 1979 a primeira Câmara Municipal, democraticamente eleita, investida com novas competências, nomeadamente no campo do urbanismo e do planeamento, encomendou aos arquitectos Fernando Távora e Matos Ferreira a elaboração de um Plano Geral de Urbanização da Cidade de Guimarães, apresentado ao público em Janeiro de 1982.

Estes arquitectos, por sua vez, propuseram ao Município que, paralelamente à elaboração do plano e, em conjugação com este, se dividisse a Cidade em zonas que seriam sujeitas a Planos de Pormenor e, pouco tempo depois, foram atribuídos aos arquitectos Carlos Prata e Fernandes de Sá, respectivamente a elaboração dos Planos de Gerais das Vilas de Vizela e das Taipas.

Para fazer o acompanhamento destes planos e a gestão da totalidade do território vimaranense, a Câmara Municipal criou um novo Gabinete de Planeamento e Gestão Urbanística, mantendo-se ainda por algum tempo a verificação do cumprimento do RGEU (Regulamento Geral de Edificação Urbana) nos processos particulares, entregue ao Serviço Técnico de Obras, única estrutura técnica existente até 1979.

Os técnicos do novo gabinete, GPGU (Gabinete de Planeamento e Gestão Urbanística), iriam fazer a gestão urbanística concelhia, em parceria com os arquitectos contratados para os diversos planos e, fora das áreas destes, com os técnicos da CCRN/DROT (Comissão de Coordenação da Região Norte/Direcção Regional de Ordenamento do Território), cujo parecer era vinculativo; havia apenas como restrições legais ao crescimento urbano, as "manchas agrícolas", as áreas de protecção a Monumentos Nacionais e Imóveis de Interesse Público, áreas sujeitas a parecer, também vinculativo, do IPPC (Instituto Português do Património Cultural) – actual IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico) e as áreas de influência das estradas Nacionais, da competência da JAE (Junta Autónoma de Estradas) actual EP (Estradas de Portugal).

O Gabinete de Planeamento e Gestão Urbanística elaborou ainda alguns planos de pormenor e estudos urbanísticos informais, nas zonas de maior pressão urbana e até alguns projectos municipais.

É esta estrutura, com a sua equipa técnica, transformada, posteriormente por força da Lei, em Departamento, que permitiu á Câmara Municipal vir a assumir a realização a partir de 1983 e até 1986, das Normas Provisórias, com a assessoria do Arquitecto Nuno Portas e do PDM (Plano Director Municipal), aprovado em Diário da República de 13 de Outubro de 1994, entregando apenas a gabinetes externos estudos muito específicos.

O Plano Director Municipal está actualmente a ser revisto pelos técnicos da Divisão de Projectos e Planeamento Urbanístico, integrada no Departamento de Planeamento e Gestão Urbanística, novamente com a assessoria de uma equipa liderada pelo Arquitecto Nuno Portas.

A necessidade de rever o planeamento traçado para um território, obriga a repensa-lo, a defini-lo e a ajusta-lo aos novos desafios urbanísticos. Essa é a meta do planeador, que tem por objectivo máximo adequar os seus conhecimentos às realidades territoriais propostas para o seu estudo.

Este princípio regeu, pensamos, a equipa técnica encarregada de rever o Plano Director Municipal do Concelho de Guimarães, em vigor.

> "...se se observar a evolução de Guimarães desde o período castrejo, quando os homens se agrupavam em pequenas comunidades defendidas por muralhas, no alto dos montes, até à actualidade que todos conhecemos, verifica-se que houve enorme crescimento no que se refere à área ocupada pelos aglomerados e ao número dos seus habitantes e, bem assim, que se passou de uma sociedade de hábitos simples para uma sociedade extremamente complexa.
>
> Os homens que habitavam os castros não tinham problemas de poluição, de emprego, de trânsito, de escolas, de localização de indústrias ou de defesa do seu próprio património, bem como dos solos agrícolas e tantos outros que preocupam o nosso dia a dia.
>
> Mas não se pense que a sociedade castreja, ou a romana, ou a medieval, ou a do séc. XVI, ou a do séc. XIX, não planeavam os seus aglomerados e a sua existência.
>
> De facto, as comunidades castrejas "planearam"a construção do seu habitat no cimo dos montes com o duplo objectivo de defesa e comunicação entre si. E, no tempo da dominação Romana, esgotada a necessidade de defesa, as populações descem à planície, estabelecendo-se junto dos terrenos mais férteis ou junto às termas, como é o caso de Vizela e Taipas, com fortes ligações entre si e ao exterior através de um esquema viário de sólidas calçadas estrategicamente delineadas".[19]

Entendendo o Planeamento como a actividade exercida sobre o território de modo a prever o crescimento e desenvolvimento harmonioso entre todas as partes visíveis e invisíveis (factores humano, económico, social ambiental, cultural) de forma concertada e sustentável, o grupo estruturado, ou o objecto isolado de interesse arquitectónico, surge como um item de interesse especial.

Em 1982, com o arquitecto Fernando Távora, como atrás referimos, iniciou-se o acto planeador na cidade de forma concertada, agarrando as periferias imediatas e integrando o crescimento num acto sustentável.

No ano de 1984, com o arquitecto Nuno Portas, no âmbito do mesmo planeador, introduzem-se conceitos próximos da Reserva Agrícola e Reserva Ecológica.

O planeamento territorial do espaço geográfico de Guimarães correspondeu a um exercício simultaneamente complexo e delicado.

[19] Câmara Municipal de Guimarães, Relatório do Plano Director Municipal, 1994: 13-14.

Prever, é uma das missões do Planeamento. E planear é um acto de cultura, de leitura profunda das situações e, consequentemente, da aplicação de medidas minimizadoras ou regrantes que harmonizam recursos, potencializam a criação de riqueza e recuperam paisagem.

- A prática do urbanismo na Câmara Municipal de Guimarães:

A Câmara Municipal de Guimarães procede à elaboração de estudos prévios de planos de pormenor, , servindo-se dos mesmos estudos como uma referência para o planeamento e gestão urbanística. Estes documentos são, pois, orientadores e flexíveis, dependendo só da Câmara a alteração do consagrado no mesmo estudo prévio. Em paralelo, e cada vez mais, a Câmara Municipal elabora estudos urbanísticos pontuais que se assumem de grande importância na política de urbanismo na cidade. A Câmara Municipal privilegia também a gestão urbanística e salvaguarda do património.

Neste sentido, foi organizado no âmbito da equipa do Plano Director Municipal, um subgrupo de trabalho dedicado à catalogação de "património anónimo", que conjuntamente com a demais equipa de trabalho, reorganiza o território em função de valores caracterizadores concelhios e/ou locais tendo, até aqui sido enquadradas várias situações que permitiram salvar alguns elementos ameaçados.

Estas e outras situações encontram-se enquadradas numa nova componente que integra a revisão dos Planos Directores Municipais, a Estrutura Ecológica Municipal que visa uma análise de elementos biofísicos, a partir de um conceito de "Paisagem Global", interligando valores naturais, patrimoniais e culturais. A Estrutura Ecológica comporta, potencialidades e condicionantes de um Concelho, a saber: 1- protecção dos recursos naturais; 2- Valorização Específica: Parques e Espaços de Lazer, Elementos Patrimoniais, Elementos Paisagísticos e Verde Urbano; 3- Áreas de Acção de Protecção e Enquadramento; A Carta Educativa que diagnostica, avalia e projecta toda a rede escolar do Concelho.

7 – Considerações finais

Neste trabalho procedemos ao estudo da mobilidade dos núcleos centrais em território de urbanização difusa. Pretendeu-se identificar e compreender a dinâmica da mobilidade dos centros, ao longo do tempo, nesse tipo de território, usando como base de trabalho três freguesias do concelho de Guimarães: Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo.

Estruturou-se a abordagem ao território de urbanização difusa em partes distintas, tendo-se definido o modelo, com base em ideias e citações de alguns autores; debruçamo-nos, posteriormente, sobre os aspectos históricos que, de certa forma, estiveram na origem da designação de Difuso, e particularizamos essa abordagem ao "nosso" estudo de caso.

Caracterizou-se o território, onde prolifera a multifuncionalidade de espaços com capacidades catalizadoras de unidades produtivas e de população. A mobilidade que se regista nesses locais altera o formato de ocupação, dotando-o de lógicas urbanísticas e económicas complexas e distintas do seu formato original. Nesta perspectiva "radiografou-se" o Concelho de Guimarães, em particular as freguesias alvo do presente estudo, Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo, ao nível físico, da rede viária, sócio-demográfico e económico.

O aspecto físico, sobretudo a presença de três rios, revelou-se de grande importância na localização das primeiras indústrias, principalmente a do papel e mais tarde a do têxtil e a do calçado. O povoamento acompanhou este processo, transferindo-se das quintas e casais existentes por todo o território das freguesias em estudo, para junto das unidades produtivas. Assiste-se, assim, a uma forma inicial de mobilidade populacional e a uma nova estrutura de povoamento: casa, campo e fábrica. Essa mobilidade é reforçada com o aparecimento do caminho-de-ferro, em finais do séc. XIX.

As vias de comunicação, principais e secundárias, à medida que foram surgindo, deram lugar a uma nova lógica de povoamento: o crescimento ao longo das mesmas. Verificou-se, desta forma, uma importância capital da rede viária no processo de mobilidade de núcleos e pessoas.

Esta região apresentou-se, desde tempos remotos, detentora de um elevado índice populacional. O conceito de família alargada preconiza este facto. A condição social da população, nessas circunstâncias, era de extrema pobreza. O tempo dedicado ao trabalho na fábrica e na pequena parcela de terreno, ultrapassava as horas da jornada então em vigor. A economia familiar assentava neste ritmo. Em simultâneo, a indústria dava provas de prosperidade e contribuía para o enriquecimento desta região. A população desdobrava-se entre a fábrica e o campo como que antevendo as crises cíclicas verificadas no sector têxtil. A mobilidade populacional verificava-se no seio destes dois sectores de actividade.

Este modo de produção ocupou, durante muito tempo, a população activa do concelho e das freguesias em análise, em particular. A agricultura, em raros casos, era praticada a tempo inteiro, representando uma pequena percentagem da actividade. O terciário era praticamente exclusivo do centro urbano da cidade. Existiam, pontualmente, serviços de apoio à indústria.

O povoamento que se apurou no modelo difuso foi, predominantemente, o povoamento disperso. No entanto, constatou-se que existem freguesias, no concelho, com tendências claras de polarização. Cita-se como exemplo o centro da cidade de Guimarães, a Vila das Taipas e freguesias de reduzida área.

Hierarquizou-se o concelho, e verificou-se a importância do centro e área urbana da cidade e vilas do Concelho. Concluiu-se que mais de metade da população do concelho (55,5%) habita em aglomerados urbanos. As Vilas de Lordelo, Moreira de Cónegos e Serzedelo contribuíram com 9,1% da sua população sobre o total de população do concelho.

As polaridades identificadas, antigas e recentes, demonstraram a mobilidade dos centros no território. Comprovou-se que o denominado centro tradicional pode perder importância com o surgimento de espaços mais atractivos.

Identificaram-se, localmente e em cartografia, as novas centralidades existentes nas freguesias em destaque e aferiu-se da sua importância ao nível dos equipamentos.

Não obstante a diversidade de funções que caracteriza as centralidades emergentes, dotadas de um grande dinamismo e atractividade, concluiu-se neste estudo, que as populações residentes ainda se identificam com os antigos centros, de carácter histórico, simbólico e religioso.

8 - Bibliografia

ADRAVE, *"Atlas do Investimento no Vale do Ave – Um vale de Oportunidades"*, ADRAVE, Vila Nova de Famalicão, 2005;

ADRAVE, *"Potencialidades de Investimentos no Vale do Ave"*, ADRAVE, Vila Nova de Famalicão, 2005;

AGENDA 21 LOCAL, *"Projecto Eixo Atlântico"*, Guimarães, 2004;

ALMEIDA, Carolina de e SIMÕES, Maria João, *"Do QCA e Planos de Desenvolvimento aos PDM's – Que desenvolvimento",* in AA. VV., *"Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local. Actas do Encontro de Vila do Conde da Associação Portuguesa de Sociologia",* Lisboa, 1994;

ANDRADE, João Graça, *"Património, Informar para Proteger",* IPPAR, Lisboa, 1994;

ANGULO, Júlio Vinuesa, DOMINGUÈZ, Maria Jesus Vidal, *"Los Procesos de Urbanización"*, Síntesis, Madrid, 1991;

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE GEÓGRAFOS, *" A Interdisciplinaridade na Geografia Portuguesa: Novos e Velhos Desafios"*, Edições Colibri, Lisboa, 1998;

ATLAS DO AMBIENTE, escala 1/1000000, Comissão Nacional do ambiente, folhas de Temperatura, Insolação e Solos, 1931-1960.

BRANCO, Inês e PRUDÊNCIO, Paula, *"Da Recuperação do Edificado à Reabilitação do Tecido Social: Uma Nova Perspectiva de Intervenção Urbanística – O caso da cidade de Lisboa"*, in AA. VV., "*Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local. Actas do Encontro de Vila do Conde da Associação Portuguesa de Sociologia"*, Lisboa, 1994;

BABO, António Manuel Perez da Silva, *"Linha ferroviária Guimarães-Braga, Extensão Cidade-Taipas, Programa preliminar - Documento de Trabalho"*, Câmara Municipal de Guimarães - Revisão do Plano Director Municipal, Guimarães, 2006;

BARBOSA, Pedro Gomes, *"Preservação e Memória"*, Instituto Alexandre Herculano da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa;

CARVALHO, António Lopes de, *"Mesteres de Guimarães – VOL I"*, M.E. Nacional, Barcelos, 1939;

CARVALHO, Jorge, *"Preservação do Património – da Universalidade do Conceito à Problemática Urbanístico-Arquitectónica"*, Vértice 54, Porto, 1993;

CHOAY, Françoise, *"L'Allégorie du Patrimoine"*, Ed. du Seuil, Paris, 1992;

CORBOZ, André, *"El Territorio como Palimpsesto"* in RAMOS, Ángel M. *"Lo Urbano en 20 autores contemporâneos"*, Edicions UPC, Barcelona, 1983;

CORBOZ, André, *"El Urbanismo del Siglo XX"*, La Vanguardia, 1994;

CORBOZ, André, *"Le Territoire comme palimpseste et autres essais"*, Les Editions de L'Imprimeur, Paris, 2001;

COSTA, Francisco da Silva, *"Centralidades e Desenvolvimento – Algumas Considerações sobre a Problemática das Centralidades na Actualidade"*, Mestrado: Geografia Dinâmicas Espaciais e Ordenamento do Território – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1996;

COSTA, Francisco da Silva, *"Potencialidades e Dinâmicas Sócio-Culturais, A Vivência da Cidade e Requalificação Urbana"*, FLUP, Porto, 1995;

COSTA, J. Almeida e MELO, A. Sampaio, *"Dicionário da Língua Portuguesa, 5ª edição"*, Porto Editora, Porto, 1995;

CUNHA, Diogo Veiga, *"Architecture et Urbanisme en Territoire Disperse – Étude de la Région du Moyen Ave au Portugal"*, Institut Supérieur d´Architecture Saint-Luc, Paris, 1988;

DAVEAU, S. et al., *"Dois Mapas Climáticos de Portugal, Nevoeiro, Nebulosidade e Contrastes Térmicos"*, Memórias do Centro de Estudos Geográficos, Nº 7, Lisboa, 1985;

DOMINGUES, Álvaro e MARQUES, Teresa *" Produção Industrial, Reprodução Social e Território – Materiais para uma tentativa de abordagem do Médio Ave"* in Revista Crítica de Ciências Sociais nº22, Coimbra, 1987;

DOMINGUES, Álvaro, *" (Sub)úrbios e (sub)urbanos: o mal-estar das periferias ou a mistificação dos conceitos"* in Revista de Geografia da FLUP, Porto, 1996;

DOMINGUES, Álvaro, *"Formes i escales d'urbanització difusa en el NO de Portugal",* Documents d'Analisi Geográfica, Universidade Autónoma de Barcelona, Barcelona, 1998;

DOMINGUES, Álvaro, *"Metamorfose do Centro: dinâmicas de Transformação da Condição Central"*, in Revista Planeamento nº3, APPLA, Aveiro, 2003;

DOMINGUES, Álvaro e SILVA, Luís P. *"Formas recentes de urbanização no Norte Litoral - Sistema Urbano no Noroeste de Portugal"*, in Sociedade e Território nº37/38, Edições Afrontamento, Porto, 2004;

DOMINGUES, Álvaro, *"Reinventar o centro no Centro Histórico"*, Conferência Internacional sobre Centros Históricos, Câmara Municipal de Coimbra in Revista de Planeamento APPLA, 2005;

DOMINGUES, Álvaro, Coordenação, *"Cidade e Democracia – 30 Anos de Transformação Urbana em Portugal"*, Argumentum, Fundação da Juventude e pela Ordem dos Arquitectos – Secção Regional do Norte, Porto, 2006;

FERRÃO, João, *"Rede Urbana, Instrumento de Equidade, Coesão e Desenvolvimento"* em Políticas das Cidades, séries Estudos e Documentos, Conselho Económico e Social, Lisboa, 1997;

FERRÃO, João, *"Dinâmicas territoriais e trajectórias de desenvolvimento, Portugal 1991-2001"* , in Revistas de Estudos Demográficos, nº34, INE, Lisboa, 2003;

FERRÃO, João e e MARQUES, Teresa, *"Sistema Urbano Nacional-Síntese",* DGOD-DU, Lisboa, 2002;

FERREIRA, José M. Carvalho, *"Desenvolvimento Local e Construção de Identidades Sociais",* in AA. VV., *"Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local. Actas do Encontro de Vila do Conde da Associação Portuguesa de Sociologia"*, Lisboa, 1994;

FLORES, Joaquim de Moura*, "Urbanidade e Património"*, IGAPHE, Edição URBE, 1998;

GAUDIN, Jean-Pierre, *"Les Nouvelles Politiques Urbaines",* Ed. Puf, Paris, 1993;

GASPAR, Jorge, *"Le Portugal: territoires en mutation"*, Géographie, Économie, Société, vol 5, 2003 ;

GONÇALVES, Fernando, *"Evolução Histórica do Direito do Urbanismo em Portugal (1851-1988) "*, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisboa, 1997;

GOODMAN, Edward, BAMBORF, Júlia, SAYNOR, Peter, *"Small Firms and Industrial Districts in Italy"*, Routledge, Londres, 1989;

GROS, Marielle Christine, *"Estratégias Identitárias num Território Desqualificado"*, in AA. VV., *"Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local. Actas do Encontro de Vila do Conde da Associação Portuguesa de Sociologia",* Lisboa, 1994;

GUILLAUME, Marc, *"A Política do Património"*, Campo das Letras, Porto, 2003;

INE, *"Censos 1991"*, Lisboa, 1992;

INE, *"Censos 2001"*, Lisboa, 2002;

INE, *"Anuário Estatístico da Região Norte"*, Lisboa 2002;

LACAZE, Jean-Paul, *"La Ville et l'Urbanisme"*, Flammarion, Paris, 1995;

LEDO, Andrés Precedo, *"Nuevas realidades territoriales para el siglo XXI - Desarollo Local, identidad territorial y cidade difusa"*, Editorial Sintesis, Madrid, 2004;

LYNCH, Kevin, *"A imagem da Cidade"*, Edições 70, Lisboa, 2003;

LOBO, Isabel Sousa, *"Cidades Pequenas e Cidades Médias: Da Marginalização ao Protagonismo" , Colóquio – "A Política das Cidades"*,;

LOBO, Margarida Souza, *"Planos de Urbanização à época de Duarte Pacheco"*, DGOTDU, FAUP Publicações, Porto, 1995;

MAGALHÂES, Manuela Raposo, *" A Arquitectura Paisagista – Morfologia e Complexidade"*, Editorial Estampa, Lisboa, 2001;

MARQUES, Teresa Sá, *"Sistema Urbano Nacional: Retratos e Dinâmicas Territoriais – vol I e II",* DGOTDU, Lisboa, 1997;

MARQUES, Teresa Sá, *"Portugal na Transição do Século – Retratos e Dinâmicas Territoriais"*, Edições Afrontamento, Porto, 2004;

MENEZES, Marluci, *"Casal Ventoso – Apropriação do Espaço e Cenários Comportamentais"*, in AA. VV., *"Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local. Actas do Encontro de Vila do Conde da Associação Portuguesa de Sociologia"*, Lisboa, 1994;

MINISTÉRIO DO PLANEAMENTO E DA ADMINISTRAÇÃO DO TERRITÓRIO, Secretaria de Estado da Administração do Território, *"As Cidades Médias e o Ordenamento do Território"*, Lisboa, 1995;

OLIVEIRA, J. M. Pereira, *"Cidade e Património"*, 2001;

OLIVEIRA, Mariana Filipa, *"Modificações do uso do solo – A Serra da Penha",* Relatório Final de Investigação, Licenciatura em Geografia e Planeamento, Universidade do Minho, Guimarães, 2001;

PARDAL, Sidónio, *"Planeamento do Espaço Rústico - As Irracionalidades da RAN e da REN"*, ADISA - Associação para o Desenvolvimento do ISA-UTL CESUR - Centro de Sistemas Urbanos e Regionais IST-UTL , Lisboa, 2002;

PARTIDÁRIO, Maria do Rosário, *"Introdução ao Ordenamento do Território"*, Universidade Aberta, Lisboa, 1999;

PERLOFF, Harvey S., *"La Calidad del Médio Ambiente Urbano"*, Oikos-Tau, Barcelona, 1973;

PESTANA, Dinid Duarte, VELOSA, Sílvio Filipe, *"Introdução à probabilidade e à estatística, vol I"*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2002;

PDM - *Plano Director Municipal do Concelho de Guimarães*, Guimarães, 1994;

PINTO, José Madureira, *" Uma reflexão sobre Políticas Culturais"*, in AA. VV., *"Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local. Actas do Encontro de Vila do Conde da Associação Portuguesa de Sociologia",* Lisboa, 1994;

PINTO, José Madureira, *"Discurso do Presidente da Associação Portuguesa de Sociologia"*, in AA. VV., *"Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local. Actas do Encontro de Vila do Conde da Associação Portuguesa de Sociologia",* Lisboa, 1994;

PORTAS, Nuno, SÁ, Manuel Fernandes e AFONSO, Rui*, " Modello territorial e intervento urbanístico nella regione del Médio Ave"*, Urbanística nº 101, Franco Angeli, Milano, 1990;

PORTAS, Nuno, *"El Planeamiento como proceso de Regulacíon Variable"*, Ciudades nº3, 1996;

PORTAS, Nuno, DOMINGUES, Álvaro e CABRAL, João, (coord.) *"Políticas Urbanas. Tendências, Estratégias e Oportunidades"*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003;

PORTAS, Nuno,*"De una cuidad a outra: perspectivas periféricas"*, in RAMOS, Angél M., *Lo urbano en 20 autores contemporâneos*, Ediciones UPC, Barcelona, 2004;

QUATERNAIRE, *"Plano Estratégico do Sistema Urbano do Vale do Ave"*, AMAVE, Guimarães, 1995;

RÉMY, Jean, VOYÉ, Liliane, *"A Cidade Rumo a uma Nova Definição?"*, Edições Afrontamento, Porto, 1994;

REVISTA - Crítica de Ciências Sociais, nº 22, *"Espaço e Industrialização"*, Centro de Estudos Sociais, Coimbra, 1987;

SÁ, Manuel Fernandes, *"O Médio Ave"*, Escola Superior de Belas Artes do Porto, Porto, 1986;

SÁ, Manuel Fernandes e DOMINGUES, Álvaro, *"Cidade Difusa do Noroeste Peninsular, volume II*", Portugal, CEFA, FAUP, Porto, 2002;

SALGUEIRO, Teresa Barata, *"A Cidade em Portugal – Uma Geografia Urbana"*, Edições Afrontamento, Porto, 1992;

SHARON L. Lohr, *"Sampling: Design and analysis"* Duxbury Press, 1999;

SILVA, Augusto Santos, *" O que é o desenvolvimento integrado? Uma reflexão, com ilustração empírica"*, in AA. VV., *"Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local. Actas do Encontro de Vila do Conde da Associação Portuguesa de Sociologia",* Lisboa, 1994;

SILVA, Cidália Maria Ferreira, *"Tese de Mestrado – O Difuso no Vale do Ave"*, Faculdade de Arquitectura e Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, 2005;

SILVA, Jorge H. Pais, *"Pretérito Presente"*, 1978;

TASSINARI, Giorgio, *"Il Sistema Industriale Dell'Emilia-Romagna"* , Il Mulino, Bologna, 1986;